



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 33 **ESPECIAL** Nº 637 - MAIO DE 2021



12 anos de sua morte
**Memória eterna
a Guillermo Lora!**

Viva o internacionalismo proletário!

Reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional

Durante anos, desde o falecimento de Guillermo Lora, em 17 de maio de 2009, fazemos referência especial à perda do revolucionário trotskista. Dizemos especial, porque diariamente, na construção do Partido Operário Revolucionário no Brasil, recorremos, direta ou indiretamente, às formulações programáticas do dirigente do POR boliviano. A luta pela reconstrução da IV Internacional vem sendo travada pelo Comitê de Enlace, que teve na sua origem e no seu desenvolvimento o empenho de Guillermo Lora.

Para os marxistas, as datas dedicadas à homenagem dos revolucionários e das conquistas do proletariado não são uma formalidade. Servem como instrumento da luta revolucionária contra a burguesia, no plano ideológico, político e organizativo. Ao se presentificar a memória de Guillermo Lora, presentificamos e reafirmamos nossos vínculos indissolúveis com a teoria e o programa do internacionalismo proletário, que regem o POR da Bolívia e o Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Os revolucionários comunistas se formam durante longos anos no interior da luta de classes. Assumem a tarefa de formular a concepção, a teoria, a política e a organização do proletariado, para derrubar o poder da burguesia e constituir as bases da transição do capitalismo ao socialismo. O que ocorre em determinadas condições históricas e em determinados países, como parte da revolução mundial. Esse é o caminho obrigatório para organizar o partido da revolução proletária.

Na vasta obra de Guillermo Lora, encontramos passo a passo, etapa por etapa, esse longo e árduo processo. É nesta base material de sua militância abnegada e na história do POR boliviano, que encontramos o sentido de Lora reivindicar e defender as conquistas do marxismo em um país de capitalismo extremamente atrasado, como obra do internacionalismo proletário. E a justeza de sua crítica aos adversários de esquerda, que adentraram ao campo do revisionismo do Programa de Transição da IV Internacional e que trabalharam, sistematicamente, por isolar o POR da Bolívia.

O cerco das correntes oportunistas - que se reivindicam do trotskismo - ao POR boliviano se faz por meio de preconceitos, ignorância e oposição sem princípio. A ignorância está em desconhecer ou minimizar as conquistas do POR como conquistas do internacionalismo proletário. Não podem admitir que, em meio à desintegração da IV Internacional - golpeada pelo revisionismo e pela inexistência de uma fração de fato marxista-leninista-trotskyista, que pudesse evitar o seu desmoronamento - o trotskismo na Bolívia conservou e desenvolveu a luta aplicando o

Programa de Transição, elaborado por Trotsky e aprovado no Congresso de setembro de 1938. Em contrapartida, desgraçadamente, nenhuma das correntes, que resultaram da fragmentação da IV Internacional, conseguiu aplicar o Programa de Transição nas condições particulares de seus países, penetrar fundo no proletariado e projetar-se como força política voltada à revolução e ao internacionalismo proletários.

Guillermo Lora, ainda jovem, se ligou ao proletariado mineiro e assim pôde melhor compreender e testar a tese marxista de que as leis gerais da história e da revolução se realizam nas condições particulares de cada país. A concordância em si com o Programa de Transição não resolve o problema fundamental de materializá-lo na forma de programa, originado do conhecimento da realidade do país e da luta de classes de seu proletariado. O POR da Bolívia, sob a direção de Guillermo Lora, percorreu precisamente o caminho da aplicação das leis gerais da revolução nas particularidades do país e de seu proletariado, principalmente desde os anos de 1940.

Este número especial do jornal *Massas*, dedicado aos 12 anos do falecimento de Guillermo Lora, tem por objetivo expressar o enorme esforço do revolucionário boliviano em compreender o lugar da IV Internacional na luta contra o revisionismo estalinista e a burocracia contrarrevolucionária restauracionista, que levaram à liquidação da III Internacional e à necessidade de pôr em pé uma nova Internacional, a exemplo da luta de Lênin contra o revisionismo da II Internacional. Em vários documentos, incluindo uma palestra que aqui transcrevemos, encontramos meticolosamente o empenho de Lora em compreender a história do internacionalismo marxista-leninista-trotskyista. O seu estudo sobre as quatro Internacionais reflete em seu interior a concepção e o programa do internacionalismo proletário.

Ao elaborar este Jornal especial, recorremos aos nossos próprios escritos sobre a obra de Lora. Vimos que temos muito a fazer nesse sentido. A construção do partido revolucionário segue o imperativo da obrigatoriedade de assimilar as experiências revolucionárias em todas as latitudes e épocas. Somente assim, é possível entender as particularidades nacionais da revolução como expressão do internacionalismo comunista.

Esta publicação tem explicitamente o objetivo de demonstrar o programa, a teoria e as conquistas práticas do marxismo-leninismo-trotskyismo na Bolívia, como uma condição fundamental para a tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

Por Atílio de Castro, 21 de maio de 2021

I. Considerações sobre o trabalho de Guillermo Lora

Declaração do Partido Operário Revolucionário

Memória eterna a Guillermo Lora

12 anos de sua morte

Todos os anos, aproveitamos a data de 17 de maio de 2009, para ressaltar a importância do dirigente do Partido Operário Revolucionário (POR) da Bolívia, e do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI). O trabalho de construção do POR no Brasil comprovou a importância e o dever dos marxistas, de não perderem a oportunidade das datas que referenciam a atividade dos revolucionários que já não estão entre nós, e os acontecimentos de grande importância da luta de classes e das conquistas do socialismo científico. A vida dos lutadores, em particular a dos marxistas, está fundida com seu trabalho sistemático junto ao proletariado, com a dedicação ao partido, e com as preciosas contribuições à edificação da teoria e do programa da revolução social.

Lembramos o falecimento de Lora, nestes 12 anos, depois de encerrarmos a campanha em torno aos 150 anos da Comuna de Paris, que, por sua vez, foi precedida pela campanha dos 102 anos da fundação da III Internacional. Constatamos que, em cada campanha, o POR assimila, reivindica e incorpora as conquistas deixadas pelos marxistas e pelas revoluções.

Guillermo Lora – como Marx, Engels, Lênin, Trotsky e outros revolucionários – contribuiu para o avanço e a afirmação da compreensão das leis da história, que estiveram na base das grandes transformações, e que mantêm a sua vigência na luta do proletariado pela sociedade sem classes, pelo comunismo. Lora conquistou um lugar ao lado dos mais avançados cérebros do socialismo científico. Guarda a particularidade de não ter nascido na Europa, berço do capitalismo, da evolução da classe operária, e da primeira revolução proletária vitoriosa – a Revolução Russa. Essa particularidade reforça a figura do revolucionário boliviano. Indica o tamanho do esforço prático e da disciplina intelectual, para se formar como marxista-leninista-trotskista, no dia a dia da tarefa de construir o POR, e dirigi-lo no mar revolto da luta de classes na Bolívia, na América Latina e no mundo.

Sua estatura marxista está vinculada ao operariado mineiro, à resposta partidária ao massacre de Catavi, às Teses de Pulacayo, ao bloco parlamentar mineiro, ao levante de 1946, à Revolução de 1952, à Assembleia Popular de 1971, à resposta

ao golpe fascista do general Banzer, à desintegração da IV Internacional nos anos de 1950 e 1960, e ao trabalho de constituição do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. Em especial, está vinculado ao nascimento e consolidação do Partido Operário Revolucionário no Brasil. Esse é, para nós, um reconhecimento de inestimável valor.

A experiência com a unidade dialética entre a teoria e a prática do internacionalismo marxista, realizada por nossa organização com as discussões, elaboração coletiva, aplicação das

Guillermo Lora – como Marx, Engels, Lênin, Trotsky e outros revolucionários – contribuiu para o avanço e a afirmação da compreensão das leis da história, que estiveram na base das grandes transformações, e que mantêm a sua vigência na luta do proletariado pela sociedade sem classes, pelo comunismo.

diretrizes e realização do centralismo democrático, no marco do Comitê de Enlace, marcou profundamente o nosso esforço de elaborar o programa, e cuidar com zelo o método leninista de construção e funcionamento do POR. Vivenciamos, durante anos de militância no seio do Comitê de Enlace e na participação da vida interna do POR boliviano (Congressos, Conferências, formação na Universidade Popular e manifestações na sede do sindicato de professores de La Paz – a Casa do Mestre), o empenho incansável de Lora, de elevar os poristas à teoria marxista da revolução proletária e do internacionalismo comunista. Vivenciamos e participamos das divergências internas, situações em que transparecem o método, a organização, a severidade e a disciplina de ideias próprias de um partido leninista.

Pudemos observar que, comparativamente, o POR do Brasil, seção do Comitê de Enlace, por seu caráter embrionário, estava longe da maturidade do POR da Bolívia. Mas, Lora nunca se descuidou de nossas debilidades e de nos demonstrar que o partido é o programa, e, com ele, o método marxista, que se diferencia e se opõe completamente aos métodos pequeno-bur-

Escute o Massas,
podcast do Partido Operário Revolucionário

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

No podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**



As Teses de Pulacayo, que determinavam a estratégia e a tática do proletariado, se reerguiam objetivamente, e eram encarnadas subjetivamente pelo POR, na luta contra a reação burguesa, e no enfrentamento aos nacionalistas e reformistas, para que não degenerassem a Assembleia Popular (...)

gueses, antimarxistas, de funcionamento partidário e intervenção na luta de classes. O centrismo veste a roupa do marxismo, e passa por revolucionário, até que se revela impotente diante dos duros embates entre o proletariado e a burguesia, até que se mostre em posição oposta à estratégia da revolução proletária e, em matéria organizativa, expõe o oportunismo.

Observamos e constatamos a escassa importância da esquerda centrista na luta de classes da Bolívia, enquanto pululam, principalmente, no Brasil e Argentina. Os revisionistas do marxismo-leninismo-trotskyismo se estilham em várias correntes centristas. A tentativa de constituir uma de suas variantes, que levaram à liquidação organizativa da IV Internacional entre 1950 e 1960, chefiada por Michel Pablo e Ernest Mandel, se deu por meio da formação de uma fração pablista no POR, no seu X Congresso, em junho de 1953. O embate em torno ao balanço da Revolução de 1952, e às diretrizes para a situação posterior, concluiu com a cisão definitiva no XIII Congresso, em maio de 1956. Lora e seus camaradas, que se alinharam na Fração Operária Leninista, ficaram em minoria, diante da Fração Proletária Internacionalista, francamente pablista. A frustrada tentativa de unificação, em meados de 1960, evidenciou definitivamente que os revisionistas das teses da Oposição de Esquerda Internacional e do Programa de Transição da IV In-

ternacional haviam capitulado, diante do estalinismo, que saiu momentaneamente fortalecido da Segunda Guerra Mundial. O que levou os pablistas a se adaptarem ao nacionalismo burguês nas semicolônias, e a se juntarem ao movimento foquista castro-guevarista, na América Latina.

O POR, que saiu organizativamente debilitado da cisão, fortaleceu-se em suas posições históricas, teóricas e programáticas. A comprovação de suas análises, de que o nacionalismo burguês concluiria submetido ao imperialismo, e de que os erros da orientação foquista guevarista expressavam o desespero pequeno-burguês, enterraria o pablismo na Bolívia.

Essa dilacerante e dolorosa experiência, entre 1950 e 1960, temperou o marxismo-leninismo-trotskyismo, encarnado pela direção do POR. Permitiu que Guillermo Lora expressasse o programa da revolução e ditadura proletárias no seio da Assembleia Popular, em 1971, e lutasse para que a forma soviética, que

tomava corpo em meio às massas em luta, se potenciasse como órgão de poder de um governo operário e camponês. As Teses de Pulacayo, que determinavam a estratégia e a tática do proletariado, se reerguiam objetivamente, e eram encarnadas subjetivamente pelo POR, na luta contra a reação burguesa, e no enfrentamento

aos nacionalistas e reformistas, para que não degenerassem a Assembleia Popular, transformando-a em um órgão impotente da inviável democracia burguesa. Os pablistas-mandelistas do Secretariado Unificado (SU) ficaram à margem da Assembleia Popular, exortando a revolução pela via do foquismo, concebido e praticado equivocadamente por Ernesto Guevara.

A Assembleia Popular foi esmagada pela contrarrevolução, em agosto de 1971. O general Hugo Banzer desfechou o golpe militar fascista. Observa-se que, de 1946 a 1971, transcorreu um período heroico da luta de classes, protagonizada pelo proletariado mineiro e pelos levantes camponeses. É nessa caldeira que se forjou o POR, e Lora ganhou estatura de um sólido revolucionário, que assimilava freneticamente as experiências das revoluções e, assim, sobretudo, enraizava o marxismo-leninismo-trotskyismo na Bolívia, e, deste país de capitalismo tão atrasado, para a América Latina.

Chegamos ao ponto essencial de nosso reconhecimento do trabalho sistemático e perseverante de Lora em conduzir o POR pelo caminho da revolução proletária e do internacionalismo comunista. De passagem, lembramos que o peruano José Carlos Mariategui (1894-1930) é considerado como o mais importante introdutor do marxismo no continente latino-ame-



ricano, principalmente com os “Sete ensaios sobre a realidade peruana”, de 1928. Suas limitações foram suficientemente estudadas. Não chegou a se constituir em marxista pleno. É importante a sua referência, porque o marxismo na América Latina foi desenvolvido, em todos os seus fundamentos teóricos e programáticos, por Guillermo Lora, como continuidade do leninismo-trotskismo. Os abundantes escritos do dirigente porista guardam vigência, e são imprescindíveis para a vanguarda revolucionária lutar pela superação da crise de direção. Também de passagem é bom assinalar que escritores, como Vittorio Codovilla, italiano radicado na Argentina (1894-1970), e Rodolfo Ghioldi (1897-1985), fundadores do Partido Comunista Argentino, se perderam ao combater o trotskismo, evidenciando que o estalinismo não guarda nem sombra do marxismo-leninismo. Os escritores centristas e oportunistas, como Nahuel Moreno, tão somente contribuíram para revisar as posições da IV Internacional, e deformar o trotskismo.

O POR boliviano e a abundante obra de Lora se ergueram como uma muralha, contra a qual se estilhaçam os impostores e traidores do marxismo-leninismo-trotskismo. As condições históricas do capitalismo em desintegração, e a restauração capitalista – que desmoronou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, destruiu as conquistas da Revolução Chinesa, e vem sabotando a Revolução Cubana – impõem aos marxistas, que lutam pela superação da crise de direção, o estudo, a assimilação e o reconhecimento dos avanços obtidos pelo POR boliviano.

O Comitê de Enlace não tem como romper a camisa de força do isolamento, sem que se coloque disciplinadamente essa tarefa. É parte do aprendizado do marxismo, leninismo e trotskismo, a compreensão e a aplicação dos ensinamentos que percorrem os escritos de Lora. A edição de suas Obras Completas, que reflete um esforço sobre-humano, facilitou o acesso e o estudo sistemático das conquistas do marxismo na América Latina.

Os centristas, em particular, uma vez que o estalinismo se conformou como expressão burguesa, insiste em negar, deformar e mesmo deturpar o POR boliviano. Não se cansam e não se envergonham de repetir a cantilena de que o POR foi responsável pelo proletariado, representado na COB, não ter to-

mado o poder em 1952. Não dedicam uma linha para analisar as explicações e fundamentações históricas dos acontecimentos, que levaram a revolução a concluir com a constituição do governo nacionalista do MNR. Distorcem com meias palavras, e as espalham como um carimbo de condenação eterna do POR. Assim, as distintas variantes do centrismo, que se formaram com a desintegração da IV Internacional, se unem em uma cruzada perene contra o marxismo-leninismo-trotskismo, que vicejou no pequeno país andino, e do qual o internacionalismo proletário de nossos dias depende, para recuperar o terreno perdido para contrarrevolução.

O destino do estalinismo foi selado com a liquidação da III Internacional e, mais recentemente, com o triunfo final da restauração capitalista contra a revolução proletária de Outubro de 1917. O destino das esquerdas centristas vem sendo selado pela oposição sem princípios ao POR, e pela negação sistemática de constituir o partido sob a estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Estamos em meio a uma das maiores crises do capitalismo do pós-guerra. As massas pagam caro pela impossibilidade da burguesia de protegê-las do flagelo da Pandemia, e pelo desmoronamento mundial da economia. A barbárie avança, sem encontrar um poderoso obstáculo, que é o proletariado mundial organizado em sua Internacional. A burguesia monopolista e os Estados impe-

rialistas aproveitam para travar a guerra comercial, e subjugar ainda mais as semicolônias. A crise de direção vem à tona, como uma erupção vulcânica. E, com ela, a impotência do centrismo e do reformismo. O Comitê de Enlace tem o dever de erguer alto a bandeira de reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional. E trabalhar coletiva e centralizadamente, como única forma de enfrentar as debilidades organizativas e de formação de quadros. Temos a mais poderosa arma, que é a teoria e o programa, pelos quais Lora tanto trabalhou.

Memória eterna ao camarada Guillermo Lora!
Camaradas, um verdadeiro revolucionário
cumprir a sua parte, cabe-nos cumprir a nossa!



É importante a sua referência, porque o marxismo na América Latina foi desenvolvido, em todos os seus fundamentos teóricos e programáticos, por Guillermo Lora, como continuidade do leninismo-trotskismo.



Guillermo Lora: contribuições à luta do proletariado mundial e ao marxismo revolucionário

Massas 499 – 23 de maio de 2015

Em 17 de maio de 2009, faleceu Guillermo Lora Escobar, secretário-geral do Partido Operário Revolucionário (POR) da Bolívia e, reconhecidamente, o mais importante marxista e teórico da revolução boliviana. Lora nasceu em 25 de julho de 1921 na localidade de Uncia, Departamento de Potosi, na Bolívia. No final da década 1930, ingressou nas fileiras do POR, quando ainda era estudante secundarista. Nessa época, o partido, que foi fundado em junho de 1935 em Córdoba, Argentina, por um grupo de militantes exilados, sob a liderança de José Aguirre Gainsborg, como resultado da fusão de organizações e grupos de esquerda, mantinha uma estrutura federativa, portanto não tinha ainda uma estrutura leninista. Colocase claramente a necessidade de reorganização do partido como organização bolchevique, sob bases programáticas e orientado a marchar ao encontro das massas proletárias.

O POR atuou nos distritos mineiros, defendendo as suas reivindicações e a independência política da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros de Bolívia (FSTMB) frente ao governo. O produto desse trabalho militante foi a elaboração, defesa e aprovação das conhecidas Teses de Pulacayo (1946) no Congresso Mineiro Extraordinário de Pulacayo, em 1946, o mais importante documento sindical da Bolívia.

A trajetória de Lora no interior do marxismo revolucionário (trotskismo) é marcada pela unidade entre a teoria e a prática, a experiência da luta de classes e a sua necessária transformação em teoria (marxismo, socialismo científico). Ao longo de várias décadas de vida consciente e revolucionária, conseguiu elevar-se a condição de revolucionário profissional, no sentido leninista do termo, dedicou o melhor de sua vida à construção da ferramenta, o partido político, para organizar a classe operária, como direção do conjunto dos explorados, para a tomada do poder e construção do socialismo. Seus escritos, reunidos nas Obras Completas, chegam a 70 tomos. Sintetizam, portanto, toda uma experiência política, teórica e programática de construção do Partido Operário Revolucionário (POR-Bolívia) e de intervenção no debate político e teórico nacional e internacional. Reunimos abaixo o essencial de sua trajetória política e intelectual.

Penetração nos centros mineiros e as Teses de Pulacayo

Em plena ditadura de Peñaranda, Guillermo Lora estruturou uma célula de estudantes (entre os quais se incluía o trotskista e muralista boliviano Miguel Alandia Pantoja) em 1941, que, logo em seguida, seria descoberta e reprimida pela polícia, obrigando o jovem estudante a se mudar para Oruro, colocando-se em contato com os centros mineiros, onde se encontrava a parte mais im-

portante do proletariado boliviano - os trabalhadores das minas. Abriu-se uma possibilidade de projeção da política revolucionária do POR entre o proletariado mineiro, superando, dessa forma, a fase anterior, quando era composto basicamente pela pequena burguesia (estudantes, intelectuais). A propaganda e agitação das posições poristas nos centros mineiros de Siglo XX, Colquiri, San José e Huanuni ocorreram no contexto de fortalecimento do movimento sindical mineiro, despertado depois do Massacre de Catavi, em que milhares de operários grevistas e suas famílias desarmadas foram reprimidos e mortos pela artilharia do governo. Nesse período, Lora conhece sua primeira prisão, ficando encarcerado em Coati, no lago Titicaca, campo de concentração para prisioneiros políticos.

O POR atuou nos distritos mineiros, defendendo as suas reivindicações e a independência política da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros de Bolívia (FSTMB) frente ao governo. O produto desse trabalho militante foi a elaboração, defesa e aprovação das conhecidas Teses de Pulacayo (1946) no Congresso Mineiro Extraordinário de Pulacayo, em 1946, o mais importante documento sindical da Bolívia. Embora tenha redatado as teses, Lora sempre afirmou que se trata de um

documento escrito pelos punhos dos operários das minas e não por ele. O que tinha feito era simplesmente passar ao papel as ideias e posições políticas da classe operária boliviana brutalizada pela exploração e pela opressão. O documento aplica o método do Programa de Transição da IV Internacional à realidade econômica, social e política do país, caracterizando a Bolívia como país capitalista atrasado, de economia combinada, parte da economia mundial, na qual só cabia como estratégia a revolução proletária, realizada pela maioria oprimida, sob a liderança do proletariado.

O Bloco Mineiro Parlamentar como tribuna revolucionária

Os anos de 1946 a 1952, chamado de sexênio rosqueiro, seriam marcados pelo domínio dos partidos da rosca mineira (oligarquias), apoiada pelo estalinismo contrarrevolucionário. Em 1947, foram realizadas eleições, nas quais se conformou uma Frente Única Proletária entre o POR e a FSTMB, baseada nos fundamentos das Teses de Pulacayo. Entre os 10 parlamentares eleitos, encontrava-se Guillermo Lora, pelo distrito de Llagua-Catavi. Como marxista revolucionário, Lora transformou a atuação parlamentar em tribuna revolucionária, como defendia Lênin e o Partido Bolchevique, combatendo as políticas e ataques do Estado e governo, denunciando a exploração e condições de vida e trabalho dos operários.

O levante das massas desencadeou uma forte repressão poli-

cial e a militarização dos distritos mineiros pelo governo de Mamerto Urriolagoitia, em 1948. Os parlamentares do Bloco Mineiro foram privados de ir ao centro mineiro de Catavi. Lora denunciou os atos do governo burguês desde a tribuna parlamentar. Em fins de maio de 1949, os deputados do Bloco Mineiro foram presos e deportados para Antofagasta, no Chile. Em outubro, através da Argentina, Lora voltou ao país clandestinamente. Depois de ocupar o Congresso, foi acompanhado por deputados até a embaixada do Uruguai e novamente exilado por meses. A prisão dos parlamentares do Bloco levou à reação do proletariado mineiro contra a ação do governo, com paralisações, assembleias e aprovação de greve geral. Os operários chegaram a manter como reféns altos funcionários do minerador Pátino. O governo rosqueiro respondeu à ação direta do proletariado mineiro com repressão e brutal assassinato de pelo menos 2000 mineiros. O ocorrido ficou conhecido como Massacre de Catavi-Siglo XX. Os estalinistas do Partido de Esquerda Revolucionário (PIR), que apoiavam o governo, foram definhando, até serem substituídos pelo Partido Comunista da Bolívia (PCB), criado em 1950, cuja política continuou a mesma, de apoio a governos burgueses, ditos progressistas, contra a organização política independente do proletariado e demais explorados bolivianos.

A Revolução de 1952 e o combate ao nacionalismo burguês

O Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), partido pequeno-burguês, que expressava a política da burguesia, acabou ganhando as eleições presidenciais de maio de 1951, elegendo Paz Estenssoro. Entretanto, o governo da rosca mineira (oligarquias) anulou o resultado das eleições em 16 de maio. O MNR, incapaz de se apoiar na luta das massas, organizou um golpe em 9 de abril de 1952, apoiando-se num setor da polícia do regime, ocupando os principais pontos de La Paz. O governo reagiu, por meio do general Humberto Torres, da Junta Militar, cercando a capital. As massas exploradas, armadas com dinamite, entretanto, reagiram, ocupando quartéis, tomando armas e combatendo os regimentos de Torres. Operários e camponeses armados nas ruas lutavam por terra e pela nacionalização das minas, ressaltando, sobretudo, o papel dirigente do proletariado mineiro. A intervenção das massas, no contexto de uma tentativa de golpe frustrado do MNR, transformou o contexto político em uma verdadeira insurreição. Entretanto, foram capitaneados pelo MNR, com a ilusão de que o governo movimentista pudesse concretizar nos fatos as reivindicações das Teses de Pulacayo.

Guillermo Lora se encontrava em Paris, participando de um Congresso da IV Internacional, quando irromperam os acontecimentos de 9 de abril. Sua tentativa de voltar imediatamente ao país foi frustrada pelas manobras da direção pablista (refere-se ao revisionista Michel Pablo). Apesar da brutal repressão do governo contra os militantes poristas e sua atuação dispersa, o programa do POR expressava fielmente as reivindicações do proletariado e demais explorados em luta. Coube à militância do POR a iniciati-

va de propor a criação da Central Operária Boliviana (COB), que jogaria um papel de verdadeiro órgão de poder do proletariado e das massas bolivianas, exigindo a nacionalização das minas e ferrovias, a revogação das leis contra os trabalhadores, a resolução da questão agrária, a dissolução do exército e a constituição das milícias operário-camponesas.

O MNR, cuja ala esquerda dirigia a COB, manobrou, constituindo um gabinete de coalizão, um co-governo com a direção da COB (Juan Lechín, German Butron e Ñuflo Chavez foram nomeados ministros), com o objetivo de conter os ânimos das massas e controlar o movimento das ruas. O POR era, então, minoria na COB e a maior parte das massas foi arrastada pelo MNR. Ainda mais, o POR sofreu pressões da direção pablista da IV Internacional (Mandel, Pablo) no sentido de dissolver a organização parti-

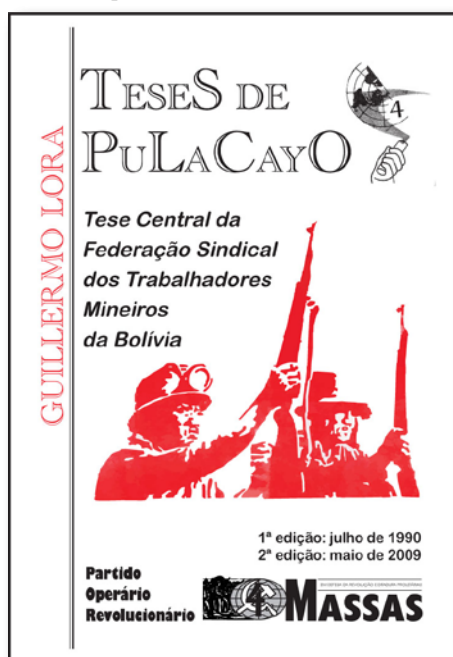
dária no seio do movimento nacionalista, que dirigia as massas e o processo revolucionário. Pesou, evidentemente, o pouco desenvolvimento programático e dos quadros partidários marxistas. Não obstante, o POR colocou claramente a incapacidade do governo nacionalista de encampar as reivindicações das massas e romper com o imperialismo. O MNR capitularia necessariamente diante das pressões das grandes potências e conglomerados econômicos internacionais, o que veio a se confirmar completamente.

Guillermo Lora, agrupando os militantes em torno das teses da 10ª Conferência do POR, travou uma luta sem tréguas contra os pablistas, então apoiados pelo Bureau Latinoamericano da IV Internacional, sobre os rumos da revolução boliviana, a evolução da consciência de classe e a posição diante do MNR. O objetivo dos pablistas dentro e fora do partido (direção da IV Internacional) era quebrar o partido revolucionário, chegando, inclusive, a marginalizar completamente o grupo dirigido por Lora das atividades preparatórias da 11ª Conferência Nacional do POR, de 1954. A cisão se seguiu, oficializando-se em 1956, quando Lora passou a reorganizar o POR em torno do Jornal Massas.

blistas dentro e fora do partido (direção da IV Internacional) era quebrar o partido revolucionário, chegando, inclusive, a marginalizar completamente o grupo dirigido por Lora das atividades preparatórias da 11ª Conferência Nacional do POR, de 1954. A cisão se seguiu, oficializando-se em 1956, quando Lora passou a reorganizar o POR em torno do Jornal Massas.

A Assembleia Popular de 1971 como órgão de poder das massas

De fato, o MNR foi, ao longo dos anos, sendo empurrado ao campo do imperialismo, combatendo a ação independente das massas trabalhadoras, especialmente, do proletariado mineiro. Os trabalhadores foram perdendo as ilusões no movimentismo, passando à ação direta de massas nas ruas, em defesa de suas condições de vida e trabalho, o que levou ao confronto com o governo. Diante do ascenso das massas e da crise política do governo movimentista, a burguesia recorreu ao golpe militar, em 1964, por meio do general René Barrientos (havia sido candidato a vice-presidente de Paz Estenssoro), com ataques às condições de trabalho das massas e às liberdades sindicais. Formaram esquadrões da morte para varrer do movimento operário lideranças como Cesar Lora e Isaac Camacho, militantes do POR em Catavi-Siglo XX, o que de fato ocorreria com o assassinato de Cesar Lora em 29 de julho de 1965.



Dois dias depois, o operário porista Julio Aguilar seria sequestrado e morto. Isaac Camacho acabou sendo assassinado em 1967.

O general Ovando Candia, por meio de um golpe militar, assumiu o poder em 1969. A reorganização das massas trabalhadoras, expressas na realização do Congresso da COB de 1º de maio de 1970, e a profunda instabilidade política foram respondidas com um novo golpe, dessa vez, pelo general nacionalista Juan José Torres, em 6 de outubro de 1970. O movimento de massas respondeu com a formação do Comando Político do Povo e da COB, do qual faziam parte variados partidos de esquerda, inclusive um setor do MNR, que seria logo expulso. Diante das posições no sentido de apoio ao governo de Torres e de constituição de um governo de unidade nacional (e, após a tentativa de golpe frustrada contra Torres, patrocinada pelo general Miranda em fins de 1970, a tentativa de cooptar lideranças para formar um co-governo com Torres e indicação de dirigentes das organizações operárias para metade dos ministérios), o POR defendeu intransigentemente a independência de classe do proletariado e de suas organizações, colocando a possibilidade de constituição de um verdadeiro órgão de poder do proletariado e demais explorados.

Como revolucionário profissional, Lora se preocupou a fundo com a assimilação da teoria marxista do partido político, as experiências revolucionárias de outros países, especialmente do Partido Bolchevique de Lênin e Trotsky, com o objetivo de estruturar uma sólida organização revolucionária em seu país e reconstruir a IV Internacional.

Em 15 de janeiro de 1971, surgia a Assembleia Popular, em cujo nascimento participou o POR, um verdadeiro órgão de poder dos explorados, com características soviéticas. Lora teve um importante papel no nascimento e configuração política da Assembleia Popular e na crítica aos dirigentes, que defendiam a participação no governo do general Torres. Rapidamente, a organização de massas agrupou ao redor de suas posições políticas amplos setores da maioria nacional oprimida pelo imperialismo e se difundiu pelo país. Entretanto, a reação burguesa foi implacável, impossibilitando o enraizamento das assembleias populares regionais, a pressão sobre as forças armadas e sua cisão. Sob a direção de Hugo Banzer, foi desferido um golpe militar em 21 de agosto de 1971. Guillermo Lora acabou exilado no Chile, a partir do qual realizou um balanço formidável da experiência da Assembleia Popular como materialização da Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA), no seio da qual o proletariado, dirigido pelo partido revolucionário, atua para ganhar a maioria nacional oprimida e concretizar a perspectiva da tomada do poder (revolução e ditadura proletárias).

Aportes de Guillermo Lora ao marxismo (socialismo científico)

Lora, em sua incansável militância uniu indissolavelmente a prática revolucionária à elaboração teórica, política e programática. Foi também um difusor da teoria marxista. São dele os textos Elementos de Marxismo, Marxismo para Operários, História das

Quatro Internacionais, Marx e a teoria da revolução permanente, História e Materialismo Histórico, além de textos como Lênin como tipo nacional e Rosa Luxemburgo. Também procurou sintetizar o desenvolvimento do marxismo no país altiplano, como nas obras O marxismo na Bolívia, Figuras do trotskismo boliviano e O papel contrarrevolucionário do PCB. Nessas obras, Lora comparece como um teórico marxista, que difunde o conhecimento elaborado a partir do materialismo histórico-dialético pelos fundadores do marxismo e pelos seus continuadores (Lênin, Trotsky e Rosa Luxemburgo), tendo em vista as novas gerações de militantes tanto da pequena-burguesia (estudantes e intelectuais) como do operariado.

Em 1946, redigiu as Teses de Pulacayo, documento que aplica o método marxista ao conhecimento da realidade da Bolívia, ao seu desenvolvimento histórico, à dinâmica das classes e da luta de classes e às tarefas históricas da revolução proletária. Certamente, as linhas gerais da teoria da revolução permanente de Trotsky já haviam exposto os condicionamentos históricos que podem levar à vitória do proletariado nos países capitalistas atrasados, antes de se tornar vitoriosa a revolução nas potências imperialistas. Entretanto, Lora não se limita aos delineamentos gerais da teoria da revolução permanente e da experiência dos processos revolucionários em outras latitudes. Procura, a partir dessa experiência acumulada pelo movimento internacional do proletariado revolucionário, compreender a história e a dinâmica da luta de classes na Bolívia, país em que o POR boliviano atua no sentido de transformar. Nos textos A Revolução Boliviana, Vencer o atraso e a fome, História do Movimento Operário Boliviano, Formação da Classe Operária Boliviana, Contribuição à História Política da Bolívia, Estudos Histórico-Políticos sobre Bolívia, Proletariado e Nação Oprimida, Da Assembleia Popular ao Golpe Fascista, entre outros, investiga minuciosamente o desenvolvimento histórico e a realidade da Bolívia, para elaborar a partir da experiência e da luta de classes a teoria da revolução boliviana. É de grande importância a revelação das leis históricas da revolução proletária na Bolívia, de capitalismo atrasado que combina formas de produção pré-capitalistas com as capitalistas. Por meio da experiência, Lora demonstra a incapacidade do nacionalismo burguês em conquistar a independência nacional e resolver tarefas democráticas – como a reforma agrária –, tarefas essas que passaram para a classe operária em aliança com os camponeses. A estratégia da revolução e ditadura proletárias guiam a ação política do POR, em total contraposição ao nacionalismo, reformismo e revisionismo.

Como revolucionário profissional, Lora se preocupou a fundo com a assimilação da teoria marxista do partido político, as experiências revolucionárias de outros países, especialmente do Partido Bolchevique de Lênin e Trotsky, com o objetivo de estruturar uma sólida organização revolucionária em seu país e reconstruir a IV Internacional. São dele os textos Teoria Marxista do Partido Político, O Partido e sua Organização, além de uma vasta bibliografia sobre a história do Partido Operário Revolucionário (POR-Bolívia), como é o caso de Contribuição à História Política da Bolívia. Nesses documentos, o dirigente do POR boliviano expõe a teoria leninista do partido, a sua estrutura organizativa, a célula como sua base, o centralismo democrático como regime de funcionamento, além da experiência levada a cabo na Bolívia para por em pé um autêntico partido leninista. Também está presente a crítica aos desvios foquistas em matéria política, teórica e organizativa.

As diversas tentativas de forjar grupos bem armados, ignorando o programa e a estrutura leninista de partido pelo castro-guevarismo na América Latina, desconsiderando as condições objetivas e subjetivas da ação revolucionária, recebeu a sua mais dura crítica marxista no texto *Revolução e Foquismo*.

Também foi na Bolívia que se realizou uma dura luta contra o nacionalismo de conteúdo burguês e seus seguidores de esquerda. Desde a revolução de 1952, quando o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), à testa das massas, chegou ao poder do Estado, o POR caracterizou que o nacionalismo acabaria submetido ao imperialismo e, portanto, em luta contra o proletariado e demais explorados. Não tardou para que essa tese se confirmasse inteiramente. O MNR terminou a sua trajetória como instrumento do imperialismo contra as massas exploradas bolivianas. Por outro lado, a crítica ao nacionalismo da esquerda estalinista e revisionista expôs claramente a traição das correntes e partidos no movimento operário e sua subordinação aos governos, ditos “progressistas”. O conjunto dos documentos do POR boliviano sobre o nacionalismo, tal como o texto de Lora *Política entreguista e antipopular do MNR*, expressa bem a profunda luta travada ao longo de anos de domínio do nacionalismo.

Lora também analisou o processo de burocratização e degeneração dos Estados operários, em particular da ex-URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Suas análises sobre o período final de decadência do estalinismo na Rússia, particularmente a partir de 1985 com o governo de Gorbachov, estão presentes em *A Contrarrevolucionária Perestroika*, denunciando o caráter das medidas implantadas pela burocracia soviética e pelo Partido Comunista para destruir as conquistas da Revolução de Outubro de 1917. Em *Lição Cubana*, Lora analisa igualmente a experiência da Revolução Cubana e os desenlaces com a aproximação do governo de Castro à burocracia soviética estalinista. Os prognósticos levantados na obra estão se concretizando atualmente com o processo de restauração capitalista conduzido pela burocracia do PC cubano diante das pressões do imperialismo e do isolamento de Cuba.

Há muitas outras aquisições na extensa obra do revolucionário boliviano. Portanto, as contribuições de Lora para o marxismo são fundamentais e devem ser estudadas por todos os revolucionários.

A luta pelo Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional)

A luta de Lora não se restringiu a por em pé o Partido Operário Revolucionário (POR) sobre bases leninistas e enraizado na classe operária boliviana, como direção da maioria nacional oprimida. Trabalhou continuamente pela reconstrução da IV Internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista, fundado por Trotsky, em 1938, como resposta à crise de direção internacional

do proletariado, diante da traição e das deformações do estalinismo frente ao Estado Operário soviético, ao PCUS e à destruição da III Internacional. No entanto, a direção pablita (Michel Pablo e Ernest Mandel) levou a IV Internacional a uma revisão das teses de Trotsky sobre o caráter contrarrevolucionário do estalinismo

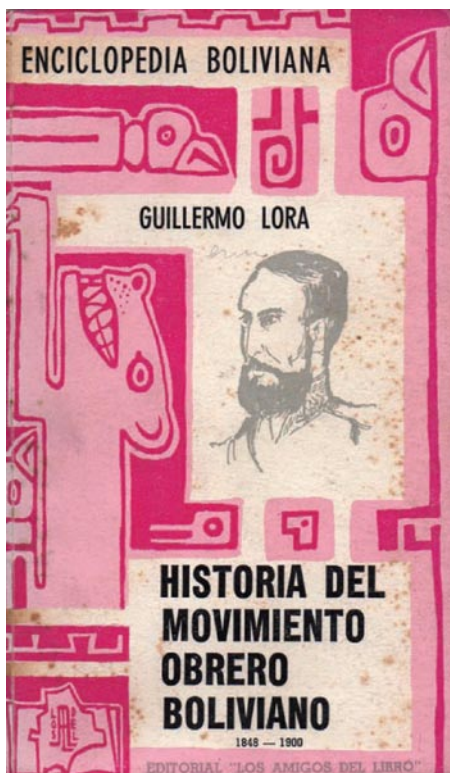
nos anos 1950, passando a considerá-lo como progressista (certamente impressionados com as consequências da Segunda Guerra Mundial, com a derrota do fascismo pelo Exército Vermelho e a expansão da influência estalinista no Leste Europeu) e que, portanto, os partidos e organizações trotskistas deveriam fazer entrismo nos PCs para recuperá-los. A revisão pablistamandelistista concluiu com a divisão e fragmentação da IV Internacional. Os pablistas derivaram essa política para o entrismo e dissolução do partido nas organizações nacionalistas. Essa orientação custou caro ao POR boliviano e levou à sua cisão.

O POR teve de travar uma dura luta contra a influência do pablismo no seio do partido na Bolívia. Posteriormente, os pablistas se orientaram até o foquismo na América Latina, chegando a se colocar contra a Assembleia Popular de 1971. Mais uma vez, Lora e o POR se debateram com as posições foquistas, distantes da luta das massas, e derrotaram política e programa-

ticamente o pablismo no campo da luta ideológica e de classes. Em 1969, o POR se aproximou do Comitê Internacional da IV (CI), dirigido pela Organização Comunista Internacional francesa, integrando-o a partir de 1970. Logo apareceram profundas divergências políticas e organizativas com a corrente capitaneada por Pierre Lambert. Essas divergências não puderam ser amadurecidas a partir do método de elaboração coletiva e do centralismo democrático. Em 1979, O POR e o PO da Argentina romperam com o Comitê Internacional lambertista, constituindo junto com outros agrupamentos a Tendência Quarta Internacional (TQI), que não chegou a se desenvolver.

A partir de 1988, Lora trabalhou para organizar o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (Cerqui), do qual fazem parte atualmente as seções da Argentina, Bolívia e do Brasil. Suas contribuições teóricas, políticas e programáticas ao embrião do Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional) são marcantes. Lora é autor de diversos documentos, boletins e declarações políticas do Cerqui, inclusive de sua Declaração Política Constitutiva e Estatuto de funcionamento, sobre a base do centralismo democrático. Diante da morte do militante porista, resta aos quadros militantes atuais levar a cabo a última batalha do revolucionário profissional boliviano e trabalhar a fundo para reconstruir a IV Internacional, fundada no internacionalismo proletário.

***Viva a revolução proletária na Bolívia!
Viva o Internacionalismo Proletário!
Viva a reconstrução da IV Internacional!!***



América Latina e as obras completas de Guillermo Lora

Massas 520 – 21 de maio de 2016

As Obras Completas de Guillermo Lora condensam a experiência de luta dos militantes do POR, que, como parte inseparável da classe operária e das massas oprimidas, protagonizaram e deixaram sua marca na história e na cultura da Bolívia. Não estamos falando de um emaranhado desconexo, de uma soma de conflitos sociais, maiores ou menores, mas sim da assimilação crítica à luz da aplicação do método marxista, da luta instintiva do proletariado à frente da nação oprimida que aponta para a transformação da sociedade sob bases comunistas, dos acertos e erros cometidos nesta tarefa, de uma polêmica política, ideológica e organizativa permanente com os inimigos da revolução, e também com os “amigos” circunstanciais e companheiros momentâneos, tanto do país como de fora. Uma polêmica que foi além das fronteiras nacionais e assumiu uma dimensão internacional, em consequência dos acertos da jovem militância do POR de então, que lhe permitiu se entroncar com as massas proletárias do país, quando o grito de Pulacayo pôs Guillermo Lora e o POR no mapa do trotskismo mundial.

O impacto de maior significação até o momento das Obras Completas de Guillermo Lora está na América Latina, onde, em diferentes países, existem militantes trotskistas organizados, empenhados em pôr de pé o Partido-Programa, Partidos Operários Revolucionários como seções nacionais da IV Internacional (CERQUI).

Na medida em que a tarefa de organizar, em torno de um programa revolucionário, a classe operária e as massas oprimidas de cada país avança, a importância da contribuição teórica e organizativa das Obras Completas de Lora ganha importância. Não estamos falando da repetição mecânica e acrítica das experiências do trotskismo boliviano, mas de sua assimilação crítica. Os militantes, organizados em células, no esforço por penetrar no seio do proletariado e organizar a luta de massas se deparam com a necessidade de dar respostas às questões colocadas pela luta por sua emancipação. Neste caminho, os militantes encontram nos diversos temas tratados nas Obras Completas uma referência, um guia para esclarecimento do rumo a ser seguido e que previne os erros já cometidos em outras latitudes. Esta assimilação crítica contribui com a tarefa imprescindível de conhecer as particularidades nacionais, que são refrações das leis gerais do capitalismo em um contexto geográfico e cultural concreto, da mecânica de classes peculiar correspondente e da tradição de luta de cada região. Em resumo, esta assimilação crítica contribui com o desenvolvimento programático e organizativo do partido revolucionário em cada país, o que por sua vez potencia a reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista (IV Internacional). Esta discussão político-programática não pode se limitar dentro das fronteiras nacionais. Para aproveitar bem as experiências de outras latitudes, é preciso organizar-se como discussão internacional no processo de reconstrução do partido Mundial da Revolução. Não duvidamos que a revolução em nossa época é “nacional pela sua forma e internacional por seu conteúdo”.

A questão essencial da penetração no seio da classe operária

Uma das questões essenciais da experiência do POR, sobre a qual Lora retorna uma ou outra vez, foi a experiência decisiva e que definiu a história do POR, do proletariado boliviano e do próprio país, a questão de compreender o conjunto de circunstâncias que concluíram na aprovação das Teses de Pulacayo, no Congresso Mineiro de novembro de 1946, que significou a confluência do instinto comunista da classe com o maxismo-leninismo-trotskyismo. Trata-se do fato de que os militantes trotskistas, armados com os rudimentos do manejo do método e dotados de certa experiência prévia no esforço por penetrar e organizar as massas, conseguiram expressar, dar forma política ao impulso comunista elementar do proletariado radicalizado. A polêmica interna anterior a Pulacayo, entre a nova militância e a velha direção partidária em torno da necessidade de desenvolver um amplo trabalho de agitação e propaganda para que as massas tomassem consciência da existência do POR como seção boliviana da IV Internacional e com base no legado dos rudimentos programáticos deixados por J. Aguirre Gainsborg, fundador do POR, levou a desencadear a repressão governamental sobre os jovens militantes trotskistas, que foram empurrados a buscar refúgio nas minas.

Lora vai, a partir disto, extrair o ensinamento geral, cuja validade se aplica na experiência atual dos partidos (seções nacionais) empenhados em penetrar na classe de seus respectivos países. A conclusão é que se requer uma experiência política e organizativa acumulada no partido que se prepara para a tarefa de penetrar na classe, que o capacita para dar forma política consciente ao impulso instintivamente comunista do proletariado. A classe depois de ter acumulado certa experiência na luta sindical e política deve passar por um momento de radicalização que aflora o seu instinto comunista, e a tornando permeável à luta revolucionária. Lora chegou a esta conclusão ao constatar o fato de que a raiz do Golpe de Estado reacionário de julho de 1946, que restauraria o poder da oligarquia mineira feudal, o proletariado mineiro se sentiu ameaçado pelas perdas de conquistas sociais e sindicais, se pôs em estado de prontidão para enfrentar a classe dominante e se colocou o problema de como acabar com esta situação de ameaça constante a suas condições de vida, mais ainda, como se libertar da exploração que é seu objetivo, como conseguir que os frutos de seu trabalho beneficiem a classe e a nação e não aos interesses do capital estrangeiro e da classe dominante convertida em engrenagem da exploração imperialista do país e de seus recursos naturais.

A partir deste ponto, se desenvolve uma luta constante, uma discussão permanente, entre o partido e a classe, entre a vanguarda da classe, que está enraizada no partido, e as camadas atrasadas, entre o proletariado e as outras classes da nação oprimida, entre o proletariado como expressão da nação oprimida e o imperialismo. Converte-se em uma questão vital para o partido medir e estabelecer o estado de ânimo da classe, por onde se desenvolve o seu impulso instintivo, sua disposição combativa e com referência a ela qual a atitude das massas oprimidas e se estas se movem ou não em direção às posições revolucionárias e anticapitalistas do proletariado.

Precisar a caracterização do país e sua mecânica de classes decorre da ação do partido por transformar a classe, por ganhar a nação oprimida para a causa da revolução social.

Reafirmamos que o proletariado é a classe revolucionária que deve dirigir a revolução social na América Latina e no mundo.

A experiência do trotskismo boliviano confirma o fato de que na época de decadência do imperialismo, em sua fase imperialista, o proletariado é a classe revolucionária pelo lugar que ocupa no processo de produção social, isto independe de seu número ou grau de pobreza. O proletariado é parte vital das forças produtivas, é a força de trabalho assalariada que move as máquinas das quais não é proprietário. O proletariado, diferentemente de outras classes sociais da nação oprimida, é uma classe NÃO proprietária, e desta peculiar maneira a partir da qual produz a sua vida social é que nasce o seu instinto comunista, que o partido tem como tarefa o desenvolvimento do instinto em política comunista consciente. A compreensão desta questão adquire uma importância fundamental na época presente, quando as correntes revisionistas, que há muito tempo abandonaram o marxismo-leninismo-trotskismo, defendem que já não se pode falar do proletariado como “única” classe revolucionária, mas sim que este papel corresponde aos “trabalhadores” em geral, sem distinção de qual seja a sua posição com relação a propriedade dos meios de produção, ou de todos os “oprimidos e excluídos pelo capitalismo”, ou “povo” em geral. Estas correntes revisionistas vêm propiciando a formação de “Partidos dos Trabalhadores”, Frente de esquerda dos “trabalhadores”, Internacional dos “trabalhadores”, dos “movimentos sociais como novo sujeito revolucionário” e que invariavelmente, como a experiência demonstra, concluem como movimentos eleitoreiros com programas burgueses reformistas de todas as cores e desviando as massas, que depositam a sua confiança no colaboracionismo de classe.

O curso da evolução política do trotskismo boliviano o levou a compreender o papel revolucionário do proletariado como classe, isto devido a sua rápida inserção no seio da classe. Este NÃO é o caso das outras correntes que em determinados momentos reivindicaram o trotskismo e que hoje se afundam no revisionismo e no cretinismo eleitoreiro, para finalmente abandonarem o marxismo-leninismo-trotskismo, convertendo-se em testa de ferro da burguesia e da burocracia sindical que lhe é tributária. Lora a este respeito fez a seguinte constatação: “Os outros partidos trotskistas não conseguiram repetir a proeza de Pulacayo por não ter alcançado o nível de partidos-programa e porque suas preocupações não se referem à necessidade de penetrar profundamente no seio das massas, para semear ali a semente revolucionária” (Obras Completas, Tomo LVI. “La evolución del Trotskismo Boliviano”, pg. 179. Ed Masas). A essência da compreensão do marxismo reside nesta questão, não em vão Trotsky, quando definia o marxismo, não só se limitou a dizer que era “a realização consciente do inconsciente processo histórico”, mas também pontuava, “ou seja, das tendências elementares e instintivas do proletariado no sentido de reconstrução da sociedade sobre bases comunistas” (L. Trotsky: “Em defesa do marxismo”).

As correntes revisionistas, na maior parte dos países latino-americanos, são um obstáculo à evolução política da consciência de classe. Não poucas, acomodadas à burocracia sindical, jogam um papel abertamente contrarrevolucionário e combatem tenazmente contra a ampliação da influência do POR boliviano no interior do movimento revolucionário latino-americano e mundial, na

base de mentiras, calúnias e distorções. Converteram-se em porta-vozes dos governos burgueses nacionalistas que se declaram partidários da teoria subjetiva do “Socialismo do Século XXI”, do “Chavismo”, do “Evismo”, etc. Todos eles caracterizam estes governos de “progressistas”, expressão das massas “revolucionárias”, prestando assim “apoio crítico”, que na prática implica posicionar-se como seguidistas do nacionalismo burguês. Em um dos documentos de ruptura interna destes grupos mal chamados de trotskistas se diz: “Tanto na Venezuela como na Bolívia se realizou uma política de ‘apoio crítico’, ou seja, apoio ao processo político encarnado nos governos de Chávez e Evo Morales, mas criticando as suas debilidades. Esta política é estranha à defendida por Trotsky. Ainda que tenha sido correto e continua sendo dar apoio revolucionário na luta conjuntural do governo diante dos ataques imperialistas e fascistas (tentativas de golpe), isto não implica o apoio político ao governo sob nenhuma circunstância...”, para concluir mais adiante: “Chamar um governo nacionalista burguês para que este rompa definitivamente com o imperialismo e avance para o socialismo é não entender o caráter de classe de tal fenômeno político e de forma concreta nos levar a uma política de seguidismo alheia ao marxismo revolucionário...” (Documento de ruptura da AS com a CIT, 12 de Abril de 2015).

A dimensão da força do proletariado latino-americano é enorme (somente no Brasil, são aproximadamente 16 milhões de proletários), no entanto, seu potencial revolucionário ainda não foi desenvolvido devido à ausência ou debilidade do partido operário revolucionário. As características comuns que marcam o continente, a sua história e o processo de formação econômico-social, nos permitem referir ao grande significado da elaboração teórica de G. Lora, no que diz respeito ao desenvolvimento revolucionário do continente. O avanço da assimilação crítica da experiência revolucionária do proletariado boliviano, por parte dos trotskistas do continente, é determinante para o futuro da Revolução Socialista Mundial.

Alguns tópicos da polêmica que contribuem ao desenvolvimento programático

Passada a experiência negativa com o foquismo pequeno-burguês, a maior parte dos movimentos foquistas concluíram adaptados às correntes reformistas, parlamentares e nacionalistas burguesas. O castrismo vem dando passos ousados no sentido da restauração capitalista em Cuba, cujas conquistas socialistas e o futuro delas dependem do avanço da revolução proletária no restante da América Latina. Esta evolução política foi magistralmente antecipada por G. Lora, que apontou que o voluntarismo messiânico do pequeno-burguês não pode substituir o proletariado e as massas na tarefa de sepultar o capitalismo e encaminhar a revolução para o comunismo. O foco armado não pôde “criar” de improviso as condições “objetivas e subjetivas” da revolução. A história mostrou claramente que isto serviu unicamente de justificativa à contrarrevolução, à burguesia e ao imperialismo para atacar o proletariado e as massas que se levantavam contra a ordem capitalista, a suas organizações e assassinar ou sumir com seus dirigentes revolucionários. O foquismo em seu momento foi um obstáculo para o desenvolvimento da consciência de classe porque desviou a vanguarda revolucionária para o aventureirismo pequeno-burguês. O que restou destes grupos terminou se somando aos governos “indigenistas”, Chavistas, “Socialistas do Século XXI”, etc. E alguns

servem hoje de “exemplo a ser seguido”, como modelos da política “democrática e conciliadora” a serviço da burguesia (Uruguai). A bancarrota do foquismo não poderia ser maior.

O estalinismo latino-americano desempenhou o papel de teórico dos governos nacionalistas burgueses e reformistas da década de 30 em diante. Cumpriram um papel de testa de ferro da burguesia nacional, empenhados em subordinar o proletariado latino-americano por trás dos movimentos burgueses nacionalistas denominados por eles de “progressistas e democráticos”. Estreitamente ligados à burocracia sindical, cumpriram o papel de corruptores da juventude operária, em aliança com os setores nacionalistas burgueses (o peronismo na Argentina, o lechinismo na Bolívia, etc.).

A teoria da revolução permanente demonstrou ser a que melhor interpreta o atual processo econômico e social latino-americano. Os governos nacionalistas burgueses têm fracassado no empenho de superar o atraso, a fome, a pobreza e a miséria de vastas regiões do continente nos marcos do respeito a ordem social capitalista. Pelo contrário, todos estes governos que iniciaram como “radicalmente antiimperialistas”, proclamando a urgência da libertação nacional como etapa prévia da libertação social, concluíram de joelhos frente ao imperialismo, como vulgares entreguistas, proclamando que não é possível pensar no desenvolvimento continental à margem da colaboração com o saque imperialista do país e da região. Os fatos demonstram que, na luta pelo cumprimento das tarefas democráticas pendentes e que a burguesia nacional é incapaz de realizá-las, levam o proletariado a se tornar direção da nação oprimida e procurar resolver estas tarefas burguesas pendentes por meio da revolução proletária, da instauração do governo operário e camponês (Ditadura do proletariado) e por meio da aplicação de métodos socialistas de governo.

A concepção etapista da revolução do estalinismo naufragou junto com o fracasso do nacionalismo burguês no poder. Este traço geral do processo político latino-americano está discutido criticamente pelo trotskismo a partir da experiência boliviana. Discussão marcada em grandes letras nas Obras Completas de G. Lora.

A traição do estalinismo à causa revolucionária do proletariado mundial tem hoje o seu ponto culminante no processo de restauração capitalista na Rússia, China e nos demais países onde ela vem ocorrendo. Lora foi o primeiro trotskista latino-americano a antecipar estes fatos; em sua análise da “Contrarrevolucionária Perestroika” e em outros escritos posteriores, desenvolveu as conclusões de Trotsky sobre o tema (ver “A revolução Traída”). A teoria estalinista do “socialismo em um só país e da coexistência pacífica entre capitalismo e socialismo” teve seu corolário na teoria abertamente restauracionista da “Perestroika”. Esta traição do estalinismo significou uma colossal derrota do proletariado mundial, que tem incentivado o desenvolvimento do subjetivismo pós-modernista que significa um retrocesso na evolução da ciência social humana e que serve de fundamentação as mais diver-

sas correntes, tanto de “esquerda” como de direita, neoliberais ou anti-neoliberais, indigenistas e “Socialistas do Século XXI”, etc.

A burguesia e o imperialismo por meio dos ideólogos do pós-modernismo tentam desqualificar o marxismo como ciência social e como ideologia revolucionária. Em síntese, identificaram o fracasso do estalinismo como um suposto fracasso do marxismo e do socialismo. Proclamaram que havia chegado o fim da história, que já não

correspondia lutar pela revolução social, que a humanidade já não conheceria novas revoluções sociais e que a única coisa que se poderia fazer era dedicar-se a aperfeiçoar a democracia burguesa. Apressaram-se em assinalar que o proletariado não é mais a classe revolucionária, que existem outros “atores” sociais “emergentes” e que continuar sustentando o contrário neste período onde o capitalismo está sendo restaurado nos antigos Estados operários degenerados é coisa de quem perdeu completamente o sentido da realidade e que estão ancorados “nostalgicamente” ao passado. São dinossauros cujo destino não pode ser outro que não o museu dos fósseis sociais. Sustentaram tudo isto traiçoeiramente, muito seguros de si mesmos, até a gigantesca crise econômica mundial que tem sacudido o planeta e que teve sua origem no coração da metrópole imperialista norte-americana. Uma evidente crise de superprodução e que não pode ser absorvida pelo mercado

que não se desenvolveu no mesmo ritmo e que, pelo contrário, tende a se contrair. Voltou a ocorrer o que Marx apontou: o modo de produção entrou em conflito com o modo de troca e novamente se coloca a urgência de criar uma correspondência entre a produção social e a apropriação social, ou seja, acabar com a propriedade privada burguesa dos meios de produção, fonte de todos os males atuais da humanidade. O marxismo se apresenta vivo e potente, mais vigente do que nunca, como a única teoria capaz de compreender a dinâmica da existência do capitalismo em crise, hoje em sua fase senil e decadência extrema. Tudo isto está antecipado nos escritos de Lora do último período.

“E quando Fukuyama acordou, a história ainda estava ali” (Agustín Haroldo Locon Solorzano).

“Cessam as frases. Devem ceder seu lugar à ciência da verdade. E como esta ciência não é outra coisa senão a cru exposição dos fatos, a filosofia especulativa perde seu meio de subsistência” (Marx e Engels, “A Ideologia Alemã”, Ed. MER 1958 pag.39).

Os pós-modernos que negaram a existência das leis da história, terminaram chocando-se com elas. (“El Posmodernismo indigenista del MAS, Posmodernismo y Marxismo por Ulises” Ed. Masas. Julho de 2012).

Esta polêmica faz parte da experiência política do proletariado boliviano e latino-americano. É um patrimônio, que na medida em que impulsiona o desenvolvimento da consciência de classe se agiganta como contribuição ao desenvolvimento da teoria revolucionária marxista. Somos parte deste legado, ele é nosso e cabe a nós torná-lo vivo!

Bolívia, 17 de Maio de 2016



A concepção etapista da revolução do estalinismo naufragou junto com o fracasso do nacionalismo burguês no poder. Este traço geral do processo político latino-americano está discutido criticamente pelo trotskismo a partir da experiência boliviana.

O POR e a IV Internacional

Massas Edição especial – 5 anos da morte de Guillermo Lora - maio de 2014

Guillermo Lora escreveu a história do Partido Operário Revolucionário da Bolívia (POR), sob o título “*Contribuição à História Política da Bolívia*”. A edição original de 1978 percorre o período da fundação do partido em 1935 a 1977, quando se realizou a Conferência Nacional e o XXV Congresso da organização. Foi republicado nas Obras Completas. O longo percurso – 42 anos – exigiu um árduo trabalho de análise.

A importância dessa obra está em que demonstra o percurso do mais antigo partido trotskista da América Latina que assumiu a tarefa de aplicar o Programa de Transição da IV Internacional na Bolívia. Outras experiências nesse Continente que também despontaram na década de 1930, como parte da Oposição de Esquerda Internacional, fracassaram no objetivo de constituir o programa da revolução proletária e penetrar no seio da classe operária. A exemplo da Esquerda Comunista no Chile e da Liga dos Comunistas, no Brasil.

Os dois alentados volumes expõem o desenvolvimento do capitalismo no país semicolonial, os momentos de agudização da luta de classes, o despontar do proletariado mineiro, o avanço organizativo dos explorados, as crises de regime, a emergência do nacionalismo e as forças políticas organizadas, entre elas o POR. Observamos o cuidado de Guillermo Lora em estabelecer a relação entre os acontecimentos, as posições programáticas, as orientações ideológicas e os aspectos organizativos das correntes políticas da burguesia e da pequena burguesia, com as quais o trotskismo se confrontou. Nesse mesmo sentido, o dirigente porista analisa criticamente o desenvolvimento, as crises e as divisões pelas quais o partido passou.

O vínculo do trotskismo boliviano com a IV Internacional é estudado passo a passo de acordo com suas manifestações no interior da própria Bolívia. Lora reconhece que o isolamento internacional do POR foi negativo. Dificultou a projeção da rica experiência da luta de classes neste país e dos avanços programáticos do trotskismo. Por outro lado, a militância não teve como assimilar em grande medida as lições da luta de classes internacional e integrá-las no trabalho revolucionário da Bolívia.

Uma das críticas de Guillermo de maior peso à direção da IV Internacional em fins dos anos 40 e início dos 50 foi a de que esta não estabeleceu um vínculo orgânico com o POR, de maneira que observava à distância os contundentes confrontos de classe na Bolívia e a penetração do trotskismo no proletariado mineiro.

O programa e a política do POR se deveram quase que exclusivamente a um esforço próprio de assimilar as formulações do marxismo-leninismo-trotskismo. Por essa via, enfrentou crises internas dilacerantes. Um país convulsionado como a Bolívia careceu da intervenção da direção que herdou a IV Internacional com a morte de Trotsky, em 1940. Quando interveio no processo revolucionário de 1952, foi para aplicar a linha revisionista de Michel Pablo.

O POR, assim, atravessou a tormenta dos conflitos internos e das cisões. Guillermo Lora mostra como o esfacelamento do par-

tido implicou profundos retrocessos organizativos. A Bolívia foi a arena em que o trotskismo e o revisionismo pablista se confrontaram diante da luta de classes e da projeção do nacionalismo burguês e pequeno-burguês. Tudo indica que os poristas imersos em resolver os problemas da revolução proletária na Bolívia não se deram conta, no momento, da dimensão que assumia a divisão da IV Internacional provocada pelas formulações de Michel Pablo, que reabilitavam o estalinismo. No entanto, sofria duras consequências da infiltração do revisionismo nas fileiras do POR.

A influência do revisionismo encarnado pelo dirigente da IV Internacional Michel Pablo (pablismo), e por seus acólitos, como Ernest Mandel, deformaram profundamente as discussões internacionalistas no interior do POR, o fraturaram, retardaram seu desenvolvimento e fecharam o caminho para sua integração na IV Internacional. De fato, como demonstra Lora, na Bolívia, se esta-

O vínculo do trotskismo boliviano com a IV Internacional é estudado passo a passo de acordo com suas manifestações no interior da própria Bolívia. Lora reconhece que o isolamento internacional do POR foi negativo. Dificultou a projeção da rica experiência da luta de classes neste país e dos avanços programáticos do trotskismo. Por outro lado, a militância não teve como assimilar em grande medida as lições da luta de classes internacional e integrá-las no trabalho revolucionário da Bolívia.

beleceu uma linha divisória entre o marxismo-leninismo-trotskismo e o pablismo. Linha essa que não teve como se estender internacionalmente, embora seus reflexos tenham ultrapassado as fronteiras bolivianas.

O aparato do pablismo – Secretariado Internacional (SI), Secretariado Unificado (SU) e Birô Latino Americano – não mediu esforços para desfigurar as divergências e manchar a reputação do POR, acusando-o de nacional-trotskista, reformista e traidor.

Embora o pablismo tenha sido incapaz de constituir o partido na Bolívia e a sua fração que rompeu com o POR tenha se decomposto irremediavelmente, as suas falsificações passaram a ser reproduzidas como se fossem verdadeiras por quase todas as organizações adversárias do POR e que se reivindicam da IV Internacional. Um caso excêntrico é o da corrente de Nahuel Moreno (morenismo) que integrou o SU pablista, que continua a repetir as difamações.

A “*Contribuição à História Política da Bolívia*” se dá ao trabalho de desfazer as distorções e as mentiras do pablismo por meio da exposição dos acontecimentos e das posições partidárias, não só dos pablistas como dos estalinistas, nacionalistas e direitistas. Ocorre que os revisionistas do trotskismo que atacam o POR não foram capazes de realizar uma crítica sobre a base dos acontecimentos e das reais posições desenvolvidas pelo POR. Os dois tomos dedicados à história do POR estabelecem o terreno sobre o qual os adversários podem se contrapor, refutar e caracterizar a política do partido. Não o fazem porque não teriam como comprovar suas calúnias. Assim, desconhecem os escritos de Lora e evitam se lançar à sua crítica. É cômodo repetir as acusações e

deformações lançadas pelos pablistas e nacional-reformistas.

O fundamental está nas lições que o caminho acidentado percorrido pelo POR trazem para o trabalho de reconstrução da I V Internacional. Observa-se que o triunfo do trotskismo sobre o pablismo foi de ordem programática. De maneira que os revisionistas foram varridos do proletariado boliviano. Certamente, não cessaram os intentos das diversas variantes do revisionismo de combater o POR e se implantar no País. Não têm, no entanto, como suplantar o trotskismo, cuja experiência acumulada se sintetiza no programa e na teoria da revolução proletária encarnada pelo POR. A impotência dos revisionistas os levou, recentemente, à aventura de se unir à burocracia apodrecida da Central Operária Boliviana (COB) a constituir um Partido dos Trabalhadores. Certamente, vão ocultar o seu fracasso. O objetivo de enfraquecer o POR e substituí-lo por uma nova organização está do lado oposto da tarefa de reconstruir a IV Internacional como partido mundial da revolução socialista.

Vínculos iniciais com a IV Internacional

Em condições difíceis, dado o isolamento da Bolívia e das condições materiais do próprio POR, Guillermo Lora se dedicou a recolher documentos que permitissem reconstituir a origem do partido. A questão estava em identificar a raiz trotskista do POR. Esta se expressou na militância de José Aguirre Gainsborg. Lora comprovou que Aguirre foi exilado da Bolívia para o Chile como militante do Partido Comunista e lá se integrou ao Partido Comunista chileno (PCCH), chegando a compor sua direção. A influência da Oposição de Esquerda Internacional, liderada por Trotsky, conseguiu penetrar suas críticas ao estalinismo nas fileiras do PCCH. Aguirre se vinculou à linha da Oposição de Esquerda. Foi expulso do PCCH como trotskista, em julho 1933. Formou a “Esquerda Boliviana do Chile”, com o claro objetivo de combater a degeneração estalinista e constituir o partido como membro da IV Internacional. Como se vê, os primeiros quadros trotskistas que deram origem ao POR resultaram, de um lado, da luta no interior do Partido Comunista Chileno e, de outro, do trabalho de organização de Aguirre, assim que foi expulso, em seguir um caminho distinto do traçado pela Internacional Comunista estalinizada. Citemos uma passagem de Lora:

“Neste momento, o Agrupamento Comunista Boliviano (não esqueçamos que publicamente expressou, ao nascer, sua adesão às Teses da IV Internacional) se transforma em Esquerda Boliviana para sublinhar com maior energia sua identidade com a Oposição de Esquerda Internacional. É fácil perceber que o nome adotado pelos trotskistas bolivianos coincidia com o dos opositoristas espanhóis e chilenos. É preciso considerar que todas as atividades de Aguirre e seus companheiros eram conhecidas e acompanhadas com interesse pela direção do movimento pela IV Internacional, sediada na Europa. Também é forçoso concluir que a fundação do POR boliviano foi do conhecimento dessa direção”. (“Contribuição à História Política da Bolívia”, vol. 1, pág. 78).

Ao mesmo tempo, outro militante boliviano, Gustavo Navarro Tristan Marof, se encontrava exilado na Argentina e havia constituído o agrupamento Tupac Amaru. Tratava-se, segundo Lora, de uma personagem conhecida, dentro e fora da Bolívia, por suas posições diante da guerra do Chaco e por galvanizar um movimento contrário aos interesses do imperialismo e dos governos oligárquicos. Aguirre e Marof unificaram os dois agrupamentos no Congresso de Córdoba, em 1935, na Argentina, dando origem

ao POR. Lora transcreve uma passagem em que evidencia a consciência de Aguirre de que o grupo Tupac Amaru não tinha uma origem no internacionalismo marxista. E avaliava a possibilidade de sua transformação no processo político concreto em que se diferenciava o internacionalismo proletário trotskista e o “socialismo em um só país” estalinista. Esta previsão não se confirmou.

A plataforma que serviu à unificação não constituía uma sólida base programática sobre a qual as diferenças não deixariam de se manifestar. Marof resistiu em assumir a concepção leninista de partido (entendia-o como uma frente de tendências). O que significou a negação de formular a teoria e o programa da revolução proletária. Não tardou, assim, para que as diferenças entre Aguirre e Marof se mostrassem irreconciliáveis.

Em 1938, se dará a primeira cisão do POR. Os marofistas, em consequência, lançaram o Partido Socialista. Tristan Marof pôde, portanto, dar curso a suas posições de pretensão caudilho. Não teve como se sustentar por muito tempo.

Com a desintegração do Partido Socialista, em 1939, os marofistas criaram o Partido Socialista Operário Boliviano (PSOB). O centrismo e o oportunismo não tinham futuro. Chegou-se a criar a ilusão nas possibilidades eleitorais com a eleição de Marof para o parlamento. Galgado por esse feito, concluía a aspiração do caudilho de constituir um partido de massa, alheio aos fundamentos do marxismo. Eis a constatação de Lora:

“A queda do prestígio do caudilho, assim que sua confrontação com a viva realidade e em constante transformação na Bolívia lhe foi adversa, fez com que seus seguidores se voltassem contra ele. Efetivamente, Marof foi expulso do PSOB acusado de responsável por todos os desvios, erros e tropeços do partido. Os marofistas que permaneceram constituíram a “Liga Socialista” e pretenderam apagar todo o seu passado vergonhoso, adotando uma posição ultra-esquerdista. Reduzidos à condição de grupo inoperante, tanto no campo prático como no teórico, fizeram esforços por se incorporar à vida utilizando como muletas as mais furiosas críticas ao POR e à teoria da revolução permanente, apesar disso continuaram se autodenominando de trotskistas.

O POR chegou a se agigantar devido, particularmente, a sua severidade programática e a suas normas bolcheviques de organização. O marofismo, então, reduzido a pigmeu, procurou alçar voo às costas de seu adversário.

A evolução política boliviana, como em outros lugares, levou a um enfrentamento entre trotskismo e estalinismo, refletido da maneira mais categórica e intransigente. O próprio nacionalismo constituiu uma frente, tácita e expressa, com os impropriamente denominados partidos comunistas, processo esse que determinou a precariedade e a inutilidade do centrismo oportunista do tipo PSOB.” (Contribuição à História Política da Bolívia, vol. 1, página 213)

A morte prematura de Aguirre, em outubro de 1938, golpeou duramente o desenvolvimento do POR, como comprova Lora. Isso porque sintetizava a experiência da luta no terreno do fortalecimento da IV Internacional e o trabalho por penetrar no proletariado boliviano. Encerrava-se a primeira geração de trotskistas.

A segunda se caracteriza pela constituição da direção de Cochabamba, cujo marco é a Segunda Conferência do POR, dezembro de 1938. Guillermo faz uma crítica severa ao período de cinco anos em que o POR acabou sendo reduzido a um pequeno círculo de discussão do marxismo, completamente afastado da tarefa de organizar o partido no seio da classe operária e, assim, de costas para os acontecimentos políticos. Sob a direção Tomás Warqui,

tomou-se a decisão de imergir o partido na total clandestinidade, de maneira que se perdeu o contato com a vida do país. Foi o momento em que a relação do POR com a IV Internacional se tornou tênue e sem sentido prático, o que bloqueou a possibilidade da militância trotskista assimilar o desenvolvimento da luta pela fundação da IV internacional. Embora o partido não estivesse completamente isolado, uma vez que se mantinha uma relação por cartas, é como se o estivesse. A direção de Cochabamba não chegou a se desviar das conquistas do programa de Córdoba e das formulações de Aguirre, mas pôs em risco a existência do POR. Não se trata de detalhar as considerações de Lora sobre esse período. Apenas transcreveremos algumas considerações do livro “Contribuição à História Política da Bolívia”. Eis:

“Da segunda Conferência e a publicação do Boletim Informativo nº 1, dezembro de 1938, inicia o período da vida quase larvária do Partido, durante o qual se viu reduzido a um pequeníssimo grupo de propaganda, conformado por intelectuais livrescos e diletantes, confinado na cidade de Cochabamba, com débeis contatos duas ou três cidades do interior, reduzido a uma seita se movendo nas sombras. Seus contornos organizativos começaram a se apagar e seu estancamento ideológico e político eram por demais evidentes. Esta desesperadora situação se prolonga até o aparecimento de tendências internas, que pugnam por entroncar o POR com as massas e só começa na quarta década do século”. (vol. 1, pág. 23)

“A direção de Cochabamba oscilava permanentemente entre os postulados trotskistas que podiam encontrar-se nos textos em circulação e os desvios de direita e de ultraesquerda, que principalmente eram difundidas do exterior. Trotsky e seus seguidores de muitos países travavam uma apaixonada luta em defesa do verdadeiro sentido e da pureza do leninismo, o que permitia esperar que os bolivianos que se declaravam seus discípulos seguissem o seu exemplo, o que não ocorreu. As verdadeiras raízes deste fenômeno se encontravam na forma com que se constituiu o POR em Córdoba e nos tremendos erros teóricos e lacunas dos documentos programáticos (...).” (vol. 1, pág. 286)

Nota-se que da fundação do POR em 1935 até meados dos anos 40, portanto cerca de 10 anos, um lapso curto de tempo, o POR de fato teve duas fases. Estabeleceu o ponto de partida programático no Congresso de Córdoba e, em seguida, construindo-se na Bolívia, padeceu de um desvio, que consistiu na renúncia do objetivo histórico de construir o partido leninista no seio do proletariado. A direção de Cochabamba se afastou do fundamento marxista de que a teoria é um guia para a ação. A formação do POR no exterior sob a influência da Oposição de Esquerda Internacional – em 1933, Trotsky concluiu que havia chegado a hora de constituir a IV Internacional – se deu, portanto, de forma contraditória. Por circunstâncias particulares do exílio de Aguirre, seu ingresso no Partido Comunista Chileno e seu contato com as posições da Oposição de Esquerda Internacional e sua expulsão como trotskista, resultou em um processo progressivo que se projetaria na Bolívia. O fato do POR não ter nascido diretamente no seio das massas bolivianas acabou por dar lugar a formação da direção de Cochabamba com todos os defeitos. No entanto, distintamente da origem de organizações trotskistas em outros países, a exemplo do próprio Chile, Argentina e Brasil, que tiveram melhores condições para se constituírem como seções da IV Internacional, fracassaram, evidentemente foram fundamentais porque lançaram as sementes do combate ao estalinismo contrarrevolucionário.

A história do POR reconstituída por Guillermo Lora indica que a inoperância da direção de Cochabamba pôs em risco a exis-

tência do embrião do partido trotskista na Bolívia. Não poderia se integrar aos quadros da IV Internacional sem que estivesse empenhado em desenvolver o programa no interior do proletariado e sem que respondesse ao desenvolvimento da luta de classes no País. Essa era uma condição para que as particularidades nacionais se revelassem como refração da luta de classes mundial. A sobrevivência do POR, seu fortalecimento e sua projeção no movimento revolucionário internacional se deu no momento em que uma nova geração de militantes se voltou para o proletariado mineiro. Assim pôde também impulsionar a militância entre a pequena burguesia estudantil e ocupar um importante lugar na luta por dirigir os conflitos na universidade por meio da política da classe operária.

Aplicação do Programa de Transição da IV Internacional

Guillermo Lora estabelece como marco de mudança no POR os anos 1939 a 1942. A constituição do Comitê Regional de La Paz impulsionou a orientação da militância de pôr em pé o partido vinculado à luta de classes. Relata a febril atividade de propaganda e agitação que atrairá a atenção da polícia política e resultará em dura perseguição. O governo identificará a “a célula da Quarta Internacional” que deveria ser destruída. Colocou-se o problema fundamental de estruturar a organização segundo os fundamentos leninistas de partido.

Lora despontará como o militante que abrirá uma nova etapa de construção do partido como vanguarda revolucionária do proletariado. De organizador do Comitê Regional de La Paz, passou a ser organizador do partido em Oruro. Perseguido pela repressão, sob o pseudônimo de Alberto Escobar, Lora se deslocou para essa região e, aí, juntamente com o militante Fernando Bravo, impulsionou a intervenção do partido. Os Comitês Regionais de Oruro e de La Paz moldavam uma nova fisionomia do POR. Abriu-se caminho para a aproximação com os centros mineiros próximos de Oruro. Estavam dadas as condições para o partido crescer e estender sua militância para Huanuni, Siglo XX e Colquiri. O partido se viu diante da gigantesca tarefa de transformar os rudes mineiros em classe revolucionária consciente. A passagem que transcrevemos nos permite entender com exatidão o esforço da militância porista em tornar compreensível a política revolucionária.

“Este trabalho colocou os organizadores diante da urgência de arrancar os operários, particularmente os mineiros, das garras do álcool e de ensinar-lhes a pensar e a generalizar, em seguida ao duro trabalho que os convertia em uma espécie de robô. Compreendeu-se que uma coisa era dissertar magistralmente diante de um auditório universitário ou pequeno-burguês e outra muito distinta era levar aos mineiros os fundamentos do marxismo e do programa do POR. Expôr de maneira sensível, escolhendo exemplos próprios da experiência diária dos trabalhadores é algo sumamente difícil para estudantes novatos nas tarefas de organização e capacitação. Aqueles que tiveram a proeza de cumprir essa tarefa se viram obrigados a dar um salto em sua própria formação pessoal. Muitos estavam começando como militantes e já tinham de aglutinar os operários e torno de si, como consequência da extrema carência de quadros e de organizadores”. (Vol. 1, pág. 327)

Estamos diante de um depoimento de Guillermo Lora que diz respeito a si mesmo. Sob dificuldades imensas – da brutal perseguição policial às carências de formação marxista –, a nova geração de poristas foi se transformando em militante profissional, no sentido leninista do conceito.

O massacre de Catavi, setembro de 1942, expressará a agudização da luta de classes e servirá de forja para o POR que se erguia, apesar de sua fraqueza como partido organizado nacionalmente. O pequeno núcleo revolucionário viveria como participante ativo da tragédia que deixou dezenas de mineiros mortos. Por meio do sindicato de Catavi, os trotskistas puderam levar aos operários as reivindicações transitórias, como escala móvel dos salários e escala móvel das horas de trabalho. Lora exercia uma intensa atividade na região de Oruro e Catavi.

A penetração do trotskismo entre os mineiros terminou por revelar definitivamente a falência da direção de Cochabamba, que permanecerá formalmente até 1945. Uma nova direção nacional se impôs, sediando-se em La Paz.

“A enorme importância da atuação do Bloco Mineiro Parlamentar consiste em que confirma a posição marxista segundo a qual o Parlamento deve se tornar uma tribuna revolucionária. Ao longo da história boliviana, foi a primeira e única vez que um partido que se reivindica do marxismo se manteve fiel às teses dessa doutrina”.

No V Congresso do POR, setembro de 1946, ocorreu em uma situação de agitação entre os mineiros. O POR aí se encontrava. A direção do partido estava reestruturada e Guillermo Lora havia assumido a função de secretário geral. Dois meses depois, no congresso da Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia, aprovaram-se as Teses de Pulacayo. Lora em comum acordo com a direção do sindicato de Llallagua redigiu essas Teses. A sua aprovação pela vanguarda dos mineiros refletiu o trabalho político do POR nas entranhas do movimento operário boliviano. As Teses de Pulacayo passaram a ser uma referência da luta de classes dos explorados contra a burguesia e seu Estado. Ficava assentada a aplicação do Programa de Transição, ainda que na forma de um documento sindical. Esse acontecimento não teve paralelo na América Latina, por se tratar da presença do trotskismo como continuidade do marxismo-leninismo no interior da classe operária.

Um dos aspectos decisivos das Teses de Pulacayo é o da caracterização da Bolívia como um país capitalista atrasado, como parte da economia capitalista mundial. Estabelece a estratégia da luta por um governo operário e camponês, expressão da ditadura do proletariado. Limitamos a essa consideração uma vez que se trata de um documento conhecido e exaustivamente explicado pelo POR. Apenas acrescentamos a importância das Teses conter uma plataforma de reivindicações que permitia os trotskistas atuarem sobre as tendências instintivas dos mineiros na luta contra os exploradores internos e externos. Vejamos esta consideração de Guillermo:

“Outro novo aspecto das Teses de Pulacayo está em que subordina todos os métodos que a classe operária possa utilizar, inclusive aqueles que se apropriam de outras classes sociais, ação direta em suas múltiplas manifestações. Foi possível chegar a estabelecer a vigência dos métodos da revolução proletária, inclusive na luta em torno das necessidades imediatas, pela unidade estabelecida entre esta e a conquista do poder. O estalinismo pirista acreditou descobrir nesta característica um desvio para o anarquismo utópico, que utiliza a violência aventureira”. (vol. 2, página 74)

Os partidos da burguesia, a poderosa oligarquia que controlava as minas e o estalinismo se levantaram contra as Teses de Pulacayo. Ao contrário, Lora relata que estas atraíram a atenção da direção da IV Internacional e que a Bolívia se tornou um lugar de peregrinação de trotskistas vindos de outros países.

De passagem, temos de referir à formação do Bloco Mineiro Parlamentar, eleito em janeiro de 1947. O POR estabeleceu uma frente proletária com a FSTMB para concorrer às eleições gerais. As Teses de Pulacayo serviram de base programática da frente proletária. O POR pôde assim aplicar a tática leninista de utilizar o Parlamento como tribuna para defender perante as massas o programa revolucionário. Guillermo ocupou a função de direção do Bloco na Câmara dos deputados.

Em maio de 1947, as forças da reação desfecharam um novo massacre contra os mineiros, desta vez na Siglo XX. Os mais destacados membros do Bloco Parlamentar, entre eles Guillermo Lora, foram expulsos do Parlamento. O balanço que o POR faz dessa experiência se resume nesse extrato:

“A enorme importância da atuação do Bloco Mineiro Parlamentar consiste em que confirma a posição marxista segundo a qual o Parlamento deve se tornar uma tribuna revolucionária. Ao longo da história boliviana, foi a primeira e única vez que um partido que se reivindica do marxismo se manteve fiel às teses dessa doutrina. Estávamos acostumados a ver os revolucionários se perderem em meio à luta parlamentar, sustentando que as reformas legislativas livrariam os explorados, pretendendo substituir a classe revolucionária com alguns discursos parlamentares medianamente alinhavados”. (vol. 2, pág. 117)

O POR, assim, ganhava projeção nacional e avançava organizativamente. A decisão de publicar o Jornal Luta Operária, cujo primeiro número foi lançado em fevereiro de 1947, indicou que o partido deixava para trás a existência artesanal e assumia a estrutura de partido leninista, apesar de todas as dificuldades organizativas descritas por Lora.

A direção da IV Internacional não acompanhou as transformações pelas quais passava a luta de classes na Bolívia e o POR. A ausência de um vínculo orgânico comprometia uma interação à altura do internacionalismo proletário. As Teses de Pulacayo, o Bloco Mineiro Parlamentar, o massacre na Siglo XX, a cassação dos mandatos dos revolucionários não modificou a conduta da direção da IV Internacional. Por seu lado, os trotskistas na Bolívia estavam imersos em uma situação convulsiva. Guillermo afirma que o Secretariado Internacional soube da importância da atuação dos poristas pela imprensa. Lamenta que não se aproveitou o exílio de camaradas para fortalecer a ligação e possibilitar a assimilação das experiências. Eis a constatação:

“A realidade era, pois, que o POR boliviano continuava vivendo à margem da vida da Internacional, observando os acontecimentos com certa indiferença. Seguramente, esse panorama teria se modificado se o Secretariado Internacional tivesse começado a discutir mundialmente a política desenvolvida pela sua seção boliviana” (Vol. 2, pág. 201)

Da Revolução de 1952 à Assembleia Popular de 1971

O período que cobre de 1952 a 1971 se caracterizou por profundos conflitos inter-burgueses, avanço da luta de classes e pressões do imperialismo. Nessa situação, o POR se viu diante da necessidade de se transformar em direção capaz de unificar a maioria oprimida em torno do proletariado. Avivou-se o interesse da IV Internacional em enquadrar os trotskistas bolivianos em

uma orientação vinda do exterior. Ocorre que a IV Internacional passava por uma crise provocada por uma mudança de posição diante do estalinismo que, momentaneamente, se projetou com a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial.

O dirigente Michel Pablo lançou, em 1950, a tese sobre a possibilidade do estalinismo em jogar um papel progressivo diante do imperialismo. Também reviu as posições sobre o nacionalismo burguês, deformando a teoria da revolução permanente. O Partido Comunista Internacional (PCI), seção francesa, se opôs e acabou sendo expulso em julho de 1952. No ano seguinte, o Partido Trabalhista Socialista (SWP), seção norte-americana, chegou à conclusão de que de fato estava em curso uma revisão dos fundamentos históricos que levaram à constituição da IV Internacional.

O pablismo, como passou a serem denominados os revisionistas, ganhou posições no interior do POR. Desencadeou-se uma crise que, sem dúvida, foi a mais profunda e destruidora que o partido enfrentou. Constituíram-se duas tendências: a Fração Operária Leninista, encabeçada por Guillermo Lora (FOL) e a Fração Proletária Internacionalista (FPI), encabeçada pelo pablista Javier. O desenvolvimento posterior do choque entre as duas frações demonstrou que se tratava de divergências programáticas e que a FOL representava a defesa dos postulados da IV Internacional, aplicados na Revolução boliviana de 1952, contra o revisionismo, assumido pela FPI. Observamos que a FOL não chegou a compreender o significado da cisão internacional entre revisionistas e antirevisionistas. No entanto, o POR padecia justamente da ofensiva do pablismo. É o que podemos depreender da descrição dos fatos no segundo volume da *"Contribuição à História Política da Bolívia"*. Vejamos o seguinte testemunho:

"Apesar de Escóbar ter tido sérias divergências com a equipe dirigente do SI da IV Internacional e particularmente com Pablo, que havia repudiado a direção pablista BLA (Birô Latino Americano), o POR continuava à margem das discussões internas que ocorriam na Internacional. No entanto, os problemas bolivianos se agregaram a essa crise aprofundando-a, e, por sua vez, a seção boliviana sofreu as consequências do domínio pablista sobre a Quarta" (Vol. 2, pág. 256)

O X Congresso do POR, junho de 1953, se tornou posteriormente a arena na qual emergiriam as duas frações. Os pablistas atacaram a resolução aprovada, que caracterizava uma mudança na situação política em que se identificava uma retração das massas e um processo de burocratização na direção da COB. E que concluía com a tarefa do POR de edificar posições no seio dos explorados, preparando o terreno para uma nova etapa da crise e de luta pelo poder. Ao contrário da consigna *"A conquista do Poder por meio da conquista das massas"*, os pablistas defendiam *"Empurrar as massas ao Poder"*. Os adversários das teses do X Congresso passaram a combater o reconhecimento de que a COB, controlada pela esquerda do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), perdia o seu caráter de duplo poder devido à influência governamental em seu interior e à burocratização. Eis a constatação de Lora:

"Seguramente, o que mais molestou os pablistas foi a análise serena e até fria da COB, de seus defeitos, de suas possibilidades e da perspectiva de atuação do POR em seu seio, tudo sem nenhuma idealização. O Secretariado Internacional e o BLA consideravam que a COB, que supunham dominada pelo trotskismo, de maneira direta ou indireta, marchava aceleradamente para a conquista do poder". (vol. 2, pág. 259).

Criou-se a lenda de que o POR já era um potência, que tinha

as massas e a COB sob sua direção, portanto, estava colocada a tomada do poder. Lora demonstra exaustivamente que não era esta a situação. O MNR galvanizou a Revolução de 1952 e se apropriou da direção da COB por meio do lechimismo (Juan Lechin) e seus aliados. A lenda pablista foi hasteada pela acusação de que o POR traiu a revolução porque não levantou a bandeira de *"Todo o poder à COB"*. Esta infâmia passou a ser repetida pelos morenistas, como grande descoberta de Nahuel Moreno (na época, o dirigente argentino estava com os pablistas no processo de crise da Internacional, inclusive integrou o SU). Guillermo refere-se a essa acusação:

"A minoria do SU, do qual faz parte o PST de Moreno, qualificou o POR boliviano de partido traidor da revolução e como reformista. Essa atitude é estranha se se tem em conta que o PST colocou dois de seus dirigentes diante dos trotskistas bolivianos com a proposta concreta de constituir uma frente que pudesse permitir um trabalho político comum, isto em 1971". (vol.2, pág. 491)

Os adversários do POR se negam a estudar a divisão provocada pelos pablistas e todas suas consequências para o trotskismo na Bolívia. O essencial dessa crise está em que a incidência do revisionismo pablista na Bolívia foi derrotada pela Fração Operária Leninista. Tratou-se de uma derrota programática do pablismo e a afirmação da teoria da revolução permanente, o que permitiu reconstituir as forças do POR boliviano. Caso contrário, o POR teria sido destruído pela política de apoio ao lechimismo e ao governo nacionalista de Paz Estenssoro.

Esse processo, no entanto, não se concluiu com a expulsão dos pablistas no XIII Congresso, realizado no início de maio de 1956. Em junho de 1965, iniciou-se o processo de reunificação, que concluiu em fevereiro de 1966. A tentativa logo fracassou, uma vez que se evidenciou a manobra dos pablistas de aceitar as condições programáticas exigidas pelos trotskistas. A pressão para que houvesse uma reconciliação se deu sob a volta do SWP para as hostes de Pablo, Mandel e Franck, constituindo assim o Secretariado Unificado (SU), em 1963, que como dissemos contou com a presença dos morenistas. Como se vê, mais uma vez a ação política emanada da fração revisionista da IV Internacional atingiu o POR.

Guillermo reconhece o desastre:

"Os resultados demonstraram que se tratou de um grave erro político que prejudicou a organização. Perdeu-se tempo e pôs a descoberto parte da militância que começou a ser perseguida". "Percorreu-se um caminho equivocado para a 'unificação!' Não se discutiram os problemas políticos, nem os verdadeiros alcances do programa porista; a unificação se reduziu a um conjunto medidas estritamente administrativas, como se fosse uma questão limitadamente organizativa". "Os pablistas locais e o SU culpavam Escóbar do fracasso da unificação, acusando-o de ter rompido a unidade motivado por ambições pessoais, etc.. Por sorte o erro cometido foi retificado de maneira radical". "Os militantes que com seu voto determinaram a unificação dos trotskistas com os pablistas cometeram esse grave erro devido, principalmente, a pouca experiência que tinham a respeito. Demonstraram pouca maturidade ao considerar que o simples fato de amontoar uma maior quantidade de pessoas que se reivindicam da bandeira trotskista permitiria fortalecer o POR. A evolução posterior do pablismo, tanto na Bolívia como no restante do mundo, demonstra que constituiu um acerto a ruptura desse espúrio compromisso". (vol. 2, pág. 420)

Os pablistas ainda tinham fôlego para alguma peripécia. Combateram desde o exterior e o interior da Bolívia a Assembleia Po-

pular, que foi concebida pelo comando da COB em fevereiro de 1971 e que se instalou em 1º maio do mesmo ano. Os pablistas se orientavam para o “foquismo”, seguindo as errôneas posições do Castro-Guevarismo. Não nos alongaremos nesse aspecto. Bastam as citações de Lora:

“A Assembleia Popular, o acontecimento político boliviano mais importante da última época, teve influência decisiva para a sorte do pablismo internacional. Os trotskistas que contribuíram para o surgimento desse organismo estavam preocupados por encontrar os canais que permitissem à classe operária caminhar para a tomada do poder e, em nenhum momento, se lhes ocorreu que com sua atitude desfechavam um duro e mortal golpe no pablismo. A Assembleia ao desnudar a bancarrota do foquismo, precipitou a crise do Secretariado Unificado e reduziu a mínima expressão os pablistas bolivianos”. “O IX Congresso do SU aprovou para a América Latina a estratégia da ‘guerra rural’ (foco armado) por ‘todo um período’. Nesse momento, seguindo muito de perto o castrismo, partiu da premissa de que o campesinato se converteu na força social decisiva da guerrilha e que os quadros de direção seriam recrutados entre a juventude pequeno burguesa radicalizada”. “A total quebra dos pablistas bolivianos serviu à minoria (Fração Lênin-Trotsky) do SU para se arremeter contra as posturas foquistas e aventureiras da maioria. Lamentavelmente, essa minoria tampouco compreendeu devidamente o desenvolvimento do processo revolucionário boliviano e da Assembleia Popular”. (vol.2, pp. 488-489)

Encerrada a experiência com o pablismo, em 1969 o POR se aproximou do Comitê Internacional da IV (CI) dirigida pela Organização Comunista Internacional francesa. Em janeiro de 1970, nele se integrou. Como dissemos, o embate dos anos 50 que levaram à divisão da IV não se expressou no interior do POR. As formulações de Pablo no documento “Para onde Vamos?” (janeiro 1951), que serviu de base para o revisionismo, a divisão da seção francesa da IV - Partido Comunista Internacionalista (PCI) - e as posições antirrevisionistas encabeçadas por Pierre Lambert, pelo visto, permaneceram distantes da intensa atividade revolucionária do POR. A posição de Lora e de seus camaradas era a de não se integrar em nenhum dos centros internacionais. Inclusive, no processo de reunificação, uma das condições era a de se manter essa posição, que havia sido tomada pelo Comitê Central na reunião de março de 1954. Os pablistas, porém, viam na reunificação um vínculo com o SU. Observava-se que havia extrema desconfiança dos poristas tanto em relação ao SU quanto ao CI. Estando à margem da vida real da IV Internacional e dos embates entre revisionistas e antirrevisionistas, a cisão não lhes pareceu relevante. Os acontecimentos mostraram o contrário. Na Bolívia, se dava a luta de vida e morte entre o marxismo-leninismo-trotskismo e o revisionismo liquidacionista. Pablo, Mandel, Posadas, etc. na prática estavam implantando a nova orientação, que desfigurava o Programa de Transição e a teoria da revolução permanente. A revisão os levaria a capitular diante do nacionalismo burguês e pequeno-burguês e a confluir com o castro-guevarismo (foquismo).

Nove anos de experiência do POR com o CI e OCI

O choque do POR com o pablo-mandelismo em torno do desenvolvimento da luta de classes na Bolívia e a ascensão do nacionalismo configurou o combate ao revisionismo contrarrevolucionário que ganhava corpo no centro da IV Internacional. Nada

mais lógico que uma convergência dos trotskistas bolivianos com o Comitê Internacional, que se propunha a reconstruir a esfacelada IV Internacional, ainda que tardiamente. Era de se esperar que Lambert reconhecesse que o POR havia derrotado o revisionismo no campo teórico, programático e prático.

Guillermo relata que em agosto de 1970 “um representante da OCI francesa” esteve na Bolívia e “entregou à direção do POR uma carta que continha as observações daquela organização sobre as Teses Políticas aprovadas no Congresso da COB”. Nesta, “a OCI considerava que o POR havia cometido um erro ao permitir que em seu projeto se introduzisse parágrafos de cunho estalinista, quando – segundo a organização europeia – o trotskismo com sua enorme autoridade entre os trabalhadores poderia impor uma tese puramente porista, como as Teses de Pulacayo, por exemplo.” A OCI mostrava desconhecimento da realidade. Nas palavras de Lora, “A OCI se esquecia que as Teses eram um documento sindical e que no seio das organizações operárias as tendências podem sempre com algum peso impor seus pontos de vista”. Sem dúvida, o ponto de partida para que o POR se tornasse uma seção atuante e de acordo com seu peso político no trabalho de reconstrução da IV Internacional, cujo mérito inquestionável de preservar seus fundamentos contra o revisionismo estava com a OCI, era o de estabelecer um quadro de elaboração coletiva da qual faria parte a rica experiência do trotskismo na Bolívia. Uma vez que esse ponto de partida não foi assumido, logo as divergências se manifestaram sem que pudessem ser processadas no trabalho comum de estabelecimento da linha internacional do Comitê pela Reconstrução da IV Internacional. É o que depreendemos da exposição de Lora sobre o lugar do Comitê Internacional na história do POR. Vejamos essa consideração:

“O POR é um dos pilares do Comitê de Organização (CO), no entanto, não conseguiu elaborar sua linha política através da discussão internacional. Também é preciso dizer que tem surgido entre o POR e a OCI e outras organizações numerosas divergências políticas – as mais importantes se referem ao papel das burguesias nacionais, a questão cubana e castrista, as guerrilhas e a FRA (Frente Revolucionária Anti-imperialista)”. (vol. 2, pág. 461)

Como se vê, não eram divergências secundárias, tinham a ver com o programa e com a elaboração do POR no fogo da luta. Somente uma direção baseada no centralismo democrático, na elaboração coletiva, no manejo da crítica e autocrítica e nos métodos leninistas de construção do Partido Mundial da Revolução Socialista poderiam amadurecer as discussões e dar um passo à frente na reconstrução da IV Internacional.

A importante decisão de se realizar uma 1ª Conferência Latino-Americana pela Reconstrução da IV Internacional (abril de 1972), tomada pelo POR, PO (Política Obrera Argentina) e POMR (Partido Operário Marxista Revolucionário do Peru), contando com a anuência do Comitê de Organização (CO) e da OCI, logo expôs as incompatibilidades que se tornariam intransponíveis. Em vez desta ser preparada coletivamente para organizar o trabalho internacional (não se pode esquecer o objetivo de reconstruir a IV Internacional, liquidada organizativamente pelos pablistas), serviu de arena para a OCI introduzir as suas divergências com o POR. Relata Lora:

“Os franceses representando o CI e a OCI apresentaram um documento de balanço sobre a experiência boliviana no qual se repudiava a conduta do POR dentro da Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA), por considerá-la uma variante de frente

popular”. (vol. 2, pág. 461)

Os documentos contrapostos estabeleceram duas linhas distintas na Conferência. O CI e a OCI não admitiram a reprovação de seu documento pela maioria dos delegados. Estabeleceu-se um impasse. A direção internacional procurou resolvê-lo por métodos burocráticos. Vejamos nas palavras de Lora:

“(…) Os delegados bolivianos e argentinos, que representavam as maiores organizações, rechaçaram o documento dos franceses. Estes, apoiados por algumas organizações menores, propuseram uma inesperada ‘solução’ ao conflito, buscando evitar, sem dúvida, uma ruptura com os bolivianos, e que não era outra coisa senão arquivar os documentos sem que fossem submetidos a voto, para continuar discutindo sobre o estalinismo, castrismo, etc.. Os poristas disseram que não aceitavam essa ‘solução’ porque precisavam de uma política clara sobre como trabalhar dentro do FRA, porque constituía uma preocupação diária que não permitia adiantamentos. Depois desta declaração, abandonaram a reunião”. (vol. 2, pp. 461-462)

O conflito indicou que o Programa de Transição não era de fato a base sobre a qual o CI/OCI combatia o revisionismo pablista. Na Bolívia, se decidia a sorte concreta do SU. Coincidentemente, se projetava o nacionalismo burguês e pequeno-burguês e se manifestava a política castro-guevarista por meio do foquismo. O POR estava imerso nesse caldeirão e incorporava as teses da Revolução Permanente para responder ao processo revolucionário e contrarrevolucionário (golpes, massacres dos mineiros, perseguição policial e assassinato de poristas). Havia se destacado na constituição da COB, na luta pela independência dos explorados diante do nacionalismo (MNR, PIR estalinista e outras variantes). E havia superado o liquidacionismo pablista.

A constituição da Frente Revolucionária Anti-imperialista, cujo manifesto foi divulgado em novembro de 1971, serviu de instrumento para o POR reunir atrás de sua política as organizações de esquerda, em combate ao governo golpista e pró-imperialista de Hugo Banzer. O ataque do CI/OCI a FRA tinha um grande alcance, atingia a Assembleia Popular que assumiu a forma e o conteúdo da Frente Única Anti-imperialista, concebida na III Internacional na época de Lênin e Trotsky. Mesmo assim, foi realizada a 2ª Conferência Latino Americana (1975). A 3ª Conferência de setembro de 1977 contou com um documento redigido por Guillermo Lora – “Projeto de Informe sobre a América Latina” -. Provavelmente, este documento constituiu o ponto alto da participação do POR boliviano nos quadros do CI. É de grande alcance estratégico para o trabalho revolucionário na América Latina. Expressa a aplicação da teoria da Revolução Permanente e do Programa de Transição. Está calcado na luta de classes no Continente e, em particular, na Bolívia, constituindo um rigoroso balanço sobre as experiências por que passou o POR. Recorremos a essa passagem para que se tenha a dimensão da importância que Lora deu à tarefa de reconstruir a IV Internacional.

“O pablismo - não só por ter destruído organizativamente a IV Internacional, por haver trabalhado sistematicamente no empenho de liquidar numerosas seções nacionais, entre elas muitas latino-americanas, mas também por ter se somado às posições do foquismo, por semear a confusão entre a militância revolucionária - se converteu em um dos sérios obstáculos no caminho da construção dos partidos revolucionários. Superar a confusão e o caos reinantes supõe superar politicamente o pablismo, saldar contas

com ele. Esta é uma batalha política que deve ser levada a cabo como tal, ao redor das ideias políticas do trotskismo, à margem do exitismo momentâneo, combatendo energicamente o oportunismo sem princípio”. (Folheto editado pelo POR-Brasil, edição Massas, pág. 48)

Essa orientação exigia um conhecimento das particularidades da luta de classes em cada país e, necessariamente, a assimilação das experiências revolucionárias na Bolívia, em grande medida, encarnada pelo POR. Esse não era o interesse do CI/OCI, embora tivessem em posição de resistência ao liquidacionismo pablista. Essa contradição é flagrante. A degenerescência posterior do Comitê Internacional pela Reconstrução da IV Internacional (CORQUI) mostrou que a OCI e as correntes que a seguiam não foram capazes de derrotar programaticamente o revisionismo diante da situação concreta da luta de classes mundial. O POR, juntamente com PO, rompeu com CORQUI, em 1979, tendo no fundo as divergências programáticas e a rejeição aos métodos burocráticos dos lambertistas de dirigirem o Comitê.

O trabalho de Lora por erguer o Comitê de Enlace

A ruptura do POR com o CORQUI deu lugar à formação da Tendência Quarta Internacional (TQI). Apenas o POR carregava longo acúmulo de experiência e formulação teórica e programática. PO estava em franco desenvolvimento. Padecia da perseguição da ditadura militar, que se instalou em 1976 na Argentina. Parte da direção de PO se encontrava refugiada no Brasil. O lambertismo havia constituído em 1976 uma organização com a unificação de três agrupamentos: Organização Comunista 1º de Maio, Fração Bolchevique Trotskista e Grupo Outubro. A nova corrente, que foi denominada Organização Socialista Internacionalista (OSI), portanto, surgiu cerca de três anos antes da cisão do POR e PO com o CORQUI. PO participou do Congresso de Unificação, realizado em extrema clandestinidade na cidade de Santos.

Alguns militantes do POR se encontravam refugiados no Brasil, entre eles o atual secretário geral do POR. A relação dos militantes do POR e do PO com a OSI não era apropriada para organizações que estavam sob o mesmo teto do CORQUI. As divergências que os lambertistas apresentaram na 1ª Conferência Latino Americana havia contaminado o ambiente na seção brasileira. A virada ultra-esquerdista do CORQUI em relação aos sindicatos, que deveriam ser destruídos e constituídos outros em seu lugar, precipitou de vez a cisão internacional. Seus reflexos no Brasil resultaram na ruptura de militantes da OSI e na formação da Organização Quarta Internacional (OQI), que hoje se denomina Partido da Causa Operária, em função do registro eleitoral. PO assumiu a tarefa de impulsionar a nova corrente trotskista. No Peru e no Chile, também houve rupturas. PO esteve presente em todos esses casos, por razões circunstanciais.

Desse processo, surgiu a iniciativa de constituir a Tendência Quarta Internacional (TQI). Realizaram-se algumas reuniões, mas logo se mostrou inviável. Jorge Altamira agiu como caudilho fazendo das jovens correntes seus satélites. Uma das condições defendidas pelo POR era a de que não houvesse a “dupla militância”.

Em não havendo a possibilidade do POR e PO constituírem uma verdadeira direção que garantisse a elaboração coletiva e a centralização democrática, inviabilizou-se a tarefa de se realizar um balanço sobre os desastres provocados pelo revisionismo pablista e sobre as razões que levaram o CORQUI a não assimilar as

conquistas do trotskismo boliviano.

A dissolução da TQI não resultou de explícitas divergências quanto à linha internacional, uma vez que esta não chegou a ser elaborada. Mas, sobretudo, pela desconfiança de Lora de que o método de Altamira de arregimentar pequenas correntes à margem do POR não daria bons frutos. A justificativa do Secretário Geral do POR de que estavam imersos em muito trabalho na Bolívia soou estranho. Na realidade, expressava a posição de que não era o caso de despendar energias a uma organização que já manifestava deformação organizativa (dupla militância, arregimentação, caudilhismo).

Observa-se que os acontecimentos que envolveram o POR de 1946 a 1971 – e mais especificamente o confronto com os pablistas nos anos 50 – marcaram profundamente a IV Internacional, ainda que o POR tenha permanecido quase sempre à sua margem. Embora PO tivesse sido influenciado pelas posições do POR boliviano e as reivindicado, neste momento já indicava que trilharia o caminho distinto da concepção marxista-leninista do internacionalismo. Altamira, como Lambert e Moreno, revelou em seguida que iria trilhar o caminho de construir sua própria tendência internacional. Por essa via, o PO não poderia se constituir como um pilar de reconstrução da IV Internacional. Hoje a “desconfiança” de Lora se confirma nos fatos.

A virada altamirista em transformar Política Obrera em um partido (PO) adaptado à democracia burguesa não se deu sem crises internas. A expulsão de um conjunto de militantes que contestou as mudanças anti-leninistas levou a constituir um novo agrupamento, que veio a se chamar Comitê Construtor do Partido Operário Revolucionário e que adotou para o seu jornal o nome de “Massas”, identificando-se, portanto, com o POR boliviano. Em contato com Guillermo Lora, estabeleceu-se a tarefa de constituir um Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional.

No Brasil, Causa Operária também fazia uma virada, substituindo a estratégia do governo operário e camponês como expressão da ditadura do proletariado pela consigna de “Governo dos Trabalhadores”, adaptada à ascensão eleitoral do caudilho Lula. A dissolução da TQI não mereceu um rigoroso balanço, mas foi acompanhada por um dos dirigentes de Causa Operária que o representava nas reuniões da TQI. A influência do POR se fez manifestar, mas de maneira fragmentada. As rupturas individuais no interior de Causa Operária mostraram o baixo nível de compreensão das razões que levavam às divisões e a influência particular de PO nas mudanças no interior de Causa Operária depois da dissolução da TQI. Esse processo dilacerante acabou por constituir um agrupamento, que se denominou Tendência por um Partido Operário Revolucionário (TPOR) e que imediatamente se vinculou com a cisão argentina de PO e, em seguida, com o POR da Bolívia. O que permitiu dar corpo ao Comitê de Enlace, que contou com um agrupamento do Uruguai e do Chile. Não se trata de entrar em detalhes. O objetivo é o de mostrar o empenho de Guillermo Lora em orientar as jovens organizações, que carrega-

vam os males de cisões atabalhoadas, em partido-programa. Esforçava-se em elaborar coletivamente as políticas para as seções, incluindo a do POR na Bolívia. A rica história do POR servia de exemplo para Lora demonstrar que duas tarefas interdependentes são essenciais para construir o partido revolucionário: elaborar o programa no fogo da luta política contra a burguesia e penetrar na classe operária. Esse era um trabalho que não poderia ser substituído por nenhuma organização externa à realidade do país.

O Comitê de Enlace (CE) teve a sua primeira reunião em julho de 1988, em La Paz. As declarações políticas, documentos, boletins e a revista Revolução Proletária reúnem um conjunto de elaboração que serve de guia para a luta pela reconstrução da IV Internacional. Citemos apenas a recomendação aprovada na 1ª Conferência do CE, realizada entre os dias 25-28 de janeiro de 1990, referente à seção brasileira:

“Sobre o informe da seção brasileira, se destacaram os seguintes pontos: 1) dedicar maior atenção ao desenvolvimento programático; 2) analisar as particularidades do capitalismo atrasado no País; 3) ajudar as massas a atravessar a experiência com o PT e o eixo para tal política está em levantar as reivindicações mais sentidas das massas e mostrar a contradição com a política reformista; 4) estudar mais a fundo a origem social da classe operária” (ata do CE de 1990)

Em relação à Bolívia, a 1ª Conferência chegou às seguintes conclusões: “o informe sobre o processo revolucionário na Bolívia e a necessidade do POR se converter em direção física dos explorados ganharam importância na reunião. Destacou-se que no momento atual a questão organizativa condiciona a questão política. A resposta a todos os problemas cotidianos permite o maior desenvolvimento do partido. Assim se colocaram questões fundamentais como: 1) a inexistência da Internacional debilita o trotskismo boliviano; 2) a ausência de uma elaboração coletiva (mundial) para potenciar os acertos políticos; 3) a necessidade de esclarecer os falsos rumores de que a TQI se dissolveu por não haver acordo quanto à sede da organização ou coisas do estilo, mostrando que o PO da Argentina se negava sistematicamente em avançar na elaboração programática da revolução na Argentina; 4) o Comitê de Enlace deve ter a maior severidade política e teórica na perspectiva de avançar a elaboração programática; 5) não aplicar mecanicamente a experiência boliviana; 6) a TQI não podia dar resposta aos grandes problemas da política revolucionária mundial; 7) é necessário fortalecer as seções nacionais. Não se deve querer aparecer rapidamente como uma grande tendência em nível mundial. É necessário selecionar os grupos com que se discute. A permanente divulgação da experiência boliviana deve ser um dos eixos para nosso fortalecimento”.

A Declaração Política Constitutiva do Comitê de Enlace foi redigida por Guillermo Lora. Destaquemos a passagem:

“Os revolucionários têm de começar conhecendo a realidade do país que procuram transformar. Essa atividade se concretiza na penetração no seio das massas para organizá-las, politizá-las e mobilizá-las, o que permite que o Partido também se transforme. Isso quer dizer que o Programa de Transição da IV Internacional tem de se traduzir na teoria da revolução e o programa dos partidos-seções nacionais da Internacional. Não há

Guillermo Lora também redigiu o estatuto de funcionamento do Comitê de Enlace. Em sua introdução, é anunciado que o Comitê de Enlace pela reconstrução da IV Internacional se baseia no marxismo-leninismo-trotskismo. Sintetiza sua orientação com a estratégia da revolução e ditadura proletárias. É regido pelo centralismo democrático, da estrutura bolchevique e do militante profissional no sentido leninista.

que esquecer que o programa é o partido (...)"'. (Declaração Política Constitutiva do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional).

A resolução sobre o problema internacional merece destaque as seguintes formulações: "1) o partido mundial da revolução socialista está obrigado a elaborar coletivamente sua linha política, assimilar criticamente as experiências e conquistas das seções nacionais, as quais devem ser generalizadas. O trabalho das seções nacionais está obrigado a fortalecer a Internacional; 2) o comitê de Enlace surge e meio à queda mundial do estalinismo, acompanhada pela acentuada crise do movimento trotskista internacional, assume a firme decisão de pôr em pé a IV Internacional por ser uma tarefa que se deve cumprir agora e não deixá-la para as calendas gregas". (Resolução sobre o problema internacional, março de 1994).

Guillermo Lora também redigiu o estatuto de funcionamento do Comitê de Enlace. Em sua introdução, é anunciado que o Comitê de Enlace pela reconstrução da IV Internacional se baseia no marxismo-leninismo-trotskismo. Sintetiza sua orientação com a estratégia da revolução e ditadura proletárias. É regido pelo centralismo democrático, da estrutura bolchevique e do militante profissional no sentido leninista.

As dificuldades em levar adiante o Comitê de Enlace foram muitas, expuseram a imaturidade político-organizativa das jovens seções. Mesmo assim, cumpriu parte das tarefas, entre elas a de publicar com certa regularidade a Revista Revolução Proletária (chegou-se a aprovar na reunião do CE de maio de 1997 uma crítica às seções brasileira e argentina por não entregarem os artigos). A crise na seção argentina, que levou a sua divisão, acabou por se expressar deformadamente no interior do CE. Na reunião de fevereiro de 1998, foi suspenso o funcionamento do Comitê de Enlace. Guillermo Lora avaliou que houve um fracasso no objetivo inicial de construir uma direção internacional, com sede na Bolívia, por razões políticas e materiais. Concluiu que as reuniões se tornaram formais devido às limitações das seções brasileira e argentina. E que na quebra da disciplina por membros da direção da seção argentina agravou esse quadro. Após essa decisão, mantiveram-se reuniões com as seções brasileira e argentina com o objetivo de retomar o funcionamento do CE. Essa tarefa foi recolocada após o falecimento de Guillermo Lora. Realizaram reuniões e uma escola de quadros internacional. O que permitiu convocar o 1º Congresso de reestruturação do CE, em novembro de 2013.

Breve conclusão

Nosso objetivo foi o de conhecer mais a fundo as conquistas do trotskismo no processo revolucionário da Bolívia, cumprindo a orientação das resoluções do Comitê de Enlace. Verificamos que

o penoso trabalho de construção do POR no Brasil é a única via para que essa tarefa internacionalista seja realizada.

Aproveitamos os cinco anos de falecimento de Guillermo Lora para avançar nesse caminho.

A tese de que a reconstrução da IV Internacional passa necessariamente pela assimilação da experiência revolucionária neste país de capitalismo tão atrasado e tão oprimido pelo imperialismo se mostrou válida como expuseram os embates do POR contra os revisionismos que desintegraram organizativamente a IV Internacional. A longa existência do POR e seu valioso patrimônio marxista expressam as conquistas do proletariado mundial. Somente assim se pode entender como foi possível em um país atrasado em todos os aspectos se chegar a um ponto tão elevado da teoria revolucionária.

Somente os caudilhos esquerdistas pedantes e a militância que insiste na ignorância promovida pelos aparatos partidários em disputa no campo da pequena burguesia podem virar as costas para as contribuições do POR.

O curso que tomou e vem tomando as várias tendências que infelizmente se reivindicam do trotskismo – fruto de uma enorme divisão e subdivisão que praticamente começou na década de 1950 – confirma, no presente, as razões que levaram o POR a se manter à margem das disputas sem princípios, de nunca ter se integrado em profundidade ao trabalho com esta ou aquela fração da IV Internacional e de ter sofrido o grave mal do isolamento. Tudo indica que o trabalho frutífero, neste sentido, se deu no Comitê de Enlace, apesar das debilidades das recém-criadas organizações que o compõem.

A militância voltada a constituir o programa e a penetrar na classe operária fez do POR uma potência teórica, programática e prática. Somente por essa via, Guillermo Lora poderia ter deixado para a classe operária boliviana e mundial as **Obras Completas**. Seus escritos editados no jornal Massas, muitos em forma de artigos sintéticos, mas programáticos, nos abundantes folhetos, nos inúmeros livros, alguns verdadeiros monumentos do marxismo (como a História da Classe Operária na Bolívia, a Revolução de 1952, a Contribuição à História Política da Bolívia), nas folhas diárias (Colmena e Muela del Diablo) e nas revistas, de conjunto, se erguem como uma fortaleza do marxismo-leninismo-trotskismo.

As correntes e seus caudilhos que pretendem passar ao largo dela, anunciando o objetivo de reconstruir a IV Internacional (os revisionistas o trocaram por "refundação", etc.), não percorrerão senão o velho caminho do oportunismo. De nossa parte, temos claro que a reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista se apoiará nas conquistas do POR boliviano.

R\$ 15

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS



Lições da Comuna de Paris
Março / Maio de 1871

LANÇAMENTO LIVRO

Lições da Comuna de Paris

Este livro é parte da luta pela superação da crise de direção e recuperação do terreno perdido para a contrarrevolução. As lições das derrotas e vitórias nunca se perdem. Nossa tarefa é a de mantê-las e usá-las como arma do proletariado.



**Nova
Coleção
Editorial**

II. Escritos de Lora sobre o internacionalismo e a IV Internacional

Como construir a IV Internacional

(Esse velho escrito comprova nossa constante preocupação em torno à tarefa de pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista. Nosso isolamento em relação ao movimento revolucionário internacional sempre foi uma de nossas fraquezas)



1. A Dura Experiência

proletariado – condicionado pelo caráter mundial da economia capitalista – é uma classe social internacional. Apesar de suas particularidades dos diferentes países, os seus objetivos históricos são comuns em todas as latitudes. Por isso, para se libertar, tem de estruturar-se em um partido mundial. Nunca se libertará, se não esmagar o imperialismo, que atua por cima das fronteiras nacionais.

Até agora, foram realizados quatro importantes ensaios no caminho da construção da Internacional revolucionária. No entanto, a cento e quinze anos da Comuna de Paris, e sessenta e nove da Revolução de Outubro, o proletariado não conta ainda com sua direção política, imprescindível para a vitória da revolução em escala internacional. Isto é, para a substituição da sociedade capitalista pela comunista.

É indiscutível que uma tarefa transcendental é a reconstrução da IV Internacional marxista-leninista-trotskista, ponto alto da herança deixada por Trotsky. Não de uma Internacional Operária, dos Trabalhadores, etc., como afirmam alguns revisionistas. Deliberadamente, usamos o termo reconstruir para assinalar que o Programa de Transição já contém a Internacional. O que falta é dar-lhe expressão organizativa, e esta deve corresponder ao objetivo estratégico – a revolução e ditadura proletárias em escala internacional – sintetizado no programa.

A dura e trágica experiência por que passaram as quatro Internacionais constitui a maior lição que deve ser assimilada obrigatoriamente, a fim de melhor trabalhar pela reconstrução da IV Internacional. Essa história é grandiosa e, em determinados momentos, trágica, como é trágica

a existência da humanidade em meio ao apodrecimento do capitalismo, sendo o fascismo uma de suas consequências.

A I Internacional – Associação Internacional dos Trabalhadores – foi organizada em 1864 como expressão do internacionalismo proletário, réplica social do caráter mundial da economia capitalista.

Deve ser considerada uma das grandes realizações de Karl Marx e Friedrich Engels. Não somente porque participaram diretamente em sua existência conflituosa, mas também porque redigiram seus documentos fundamentais, que continuam constituindo a base ideológica do movimento operário revolucionário. E porque a sistemática polêmica que travaram contra as diversas tendências, pretensamente socialistas, igualitaristas ou coletivistas, abriu um caminho por onde se propagou amplamente o materialismo histórico. A vigência dos escritos e conclusões dos clássicos desta época se deve ao fato de que constituem contribuições para o trabalho de revelação das leis da história do capitalismo.

Percebe-se que a ideia central de Marx e Engels foi a de, não só organizar um centro coordenador dos diferentes movimentos internacionalistas, mas também uma direção política capaz de contribuir para a organização da classe operária, de maneira independente diante da burguesia. O que representou uma resposta obrigatória à condição de atraso em que essa se encontrava. Isso explica a tolerância diante dos preconceitos de alguns setores, e como encontraram formas para colocar suas ideias em meio a lugares comuns que predominavam no ambiente. Marx e Engels fizeram especial empenho em não se colocarem por trás dos elementos atrasados e em não dissolverem o grupo de seus companheiros, ainda que pequeno, em meio à maioria amorfa. Seus esforços se dirigiram para criar uma corrente marxista, que mais tarde lhes permitisse estruturar uma direção autenticamente revolucionária.

O crescimento do movimento operário e socialista, a profundidade e a extrema virulência da disputa contra o anarquismo,

Guillermo Lora, La Paz, fevereiro de 1986

mo, principalmente, demonstraram que a I Internacional se tinha esgotado como centro unificador e como direção. No momento oportuno, foi formalmente dissolvida, quando a prática cotidiana já a havia superado.

Karl Marx morreu em 1883, e Engels em 1895. Seus discípulos se viram diante da tarefa de organizar, oportunamente, a Internacional, sem cair em nenhuma aventura, nem fazer concessões ao revisionismo. Marx se opôs a várias tentativas de reorganização da I Internacional, por considerá-las prematuras.

Friedrich Engels saudou, em 1889, a organização da II Internacional como marxista. A nova Internacional, nesse sentido, estava muito acima da I Internacional.

O partido revolucionário, bem como a Internacional, são protagonistas da luta de classes. De alguma forma, resultam do desenvolvimento das forças produtivas, suportando a pressão exercida pelas classes sociais em luta.

A melhor época da II Internacional foi quando o capitalismo atravessava sua etapa de ascenso – pelo menos grande parte dele. O que permitia o cumprimento de um generoso programa reformista, de melhorias das condições de vida e de trabalho dos operários.

A classe dominante exerceu uma poderosa pressão sobre a socialdemocracia, para submetê-la ao capitalismo. Os socialdemocratas revisaram profundamente o marxismo. Assim, a socialdemocracia rechaçou a revolução social, e a substituiu pela evolução gradual e parlamentar, supostamente para o socialismo. Abandonou o objetivo estratégico, para se fechar no programa das reformas, etc. E transformou a tática diária em objetivo estratégico.

A permanente ameaça da guerra imperialista, cujo caráter reacionário e escravizador ninguém discutia, obrigou os socialdemocratas a responderem com declarações, no sentido de que o estouro da conflagração bélica seria aproveitado para desencadear a guerra civil, e também se acrescentou que devia recorrer à gre-

ve geral, para evitar ou conter a matança a serviço do capitalismo. As resoluções e os discursos nesse sentido se acumularam como parte da tradição socialdemocrata.

A 1ª Guerra Mundial de 1914-1918 acabou com a esperança revolucionária da II Internacional. A maioria, de quase todos os partidos socialistas, foi ganha para o socialchauvinismo, votando em favor dos orçamentos de guerra, e somando-se aos governos burgueses (ministerialismo).

Consequentemente, a II Internacional mudou de conteúdo de classe. Deslocou-se para o campo da burguesia. A lição: o abandono do programa socialista (revolução e ditadura proletárias) implica o abandono dos interesses gerais da classe operária, de sua estratégia. Não para permanecer no vazio, mas para colocar-se a serviço dos interesses do inimigo de classe, da burguesia. É isso que se deve entender por mudança de conteúdo de classe. O fato definitivo: o partido que abandona seu objetivo estratégico – repetimos, seu programa – dá um passo definitivo, sem retorno. Uma rica experiência ensina que as organizações que se deslocam para o campo burguês não voltam jamais ao campo revolucionário. Pode-se somente esperar que uma parte delas, ou alguns indivíduos isolados, consigam descobrir autocriticamente as raízes da mudança, e assim encontrar os fundamentos da atividade revolucionária. Contrariamente, as massas que são arrastadas a posições burguesas, ou que, ao utilizar os métodos de luta das outras classes sociais, concluem por abandonar seus verdadeiros objetivos, voltarão, em determinadas circunstâncias de radicalização, à linha revolucionária. Isso é possível graças ao seu instinto de classe. Não se pode esquecer que o partido revolucionário não é instinto, mas programa, teoria; é depositário da ciência social. O assinalado tem importância em referência ao que ocorreu nas duas últimas décadas no campo trotskista.

Os grupos centristas, que proliferaram durante a época de crise e de desagregação da II Internacional, que, por um momento, estruturaram sua própria Internacional, a II ½ (Segunda e Meia) demonstraram que, utilizando a fraseologia revolucionária – ou melhor, pretensamente revolucionária – eram os melhores serviços da burguesia.

Em 1919, sob o poderoso impulso da Revolução de Outubro de 1917, as correntes marxistas que se separaram da social-



O vínculo do trotskismo boliviano com a IV Internacional é estudado passo a passo de acordo com suas manifestações no interior da própria Bolívia. Lora reconhece que o isolamento internacional do POR foi negativo. Dificultou a projeção da rica experiência da luta de classes neste país e dos avanços programáticos do trotskismo. Por outro lado, a militância não teve como assimilar em grande medida as lições da luta de classes internacional e integrá-las no trabalho revolucionário da Bolívia.

democracia e encarnavam sua tradição mais valiosa, passando pela Esquerda de Zimmerwald, estruturaram a III Internacional de Lênin e Trotsky. Retomava-se e se potenciava a linha revolucionária da I Internacional, e da melhor época da social-democracia.

A Internacional Comunista incorporou a seus documentos programáticos e a sua ação diária, por meio de contradições internas, e de um constante processo de superação, os problemas nacional e colonial. Dessa forma, se transformou em uma verdadeira Internacional. Uma das novidades da Internacional Comunista consistiu em sua estrutura centralizada, baseada no centralismo democrático, transformando-se, assim, em um verdadeiro partido mundial único.

A onda de revoluções europeias, que se seguiu à vitória de Outubro, bem como a convulsão que provocou esta revolução nas massas do mundo, possibilitaram o acelerado crescimento da Internacional Comunista, ao ponto de se ver diante do perigo da invasão de elementos que não conseguiram superar as ideias socialdemocratas. Não se tratava de amontoar indiscriminadamente siglas ou elementos duvidosos, mas de forjar quadros no marco do programa revolucionário. Assim, obrigou a adoção das 21 condições, que se

teriam de cumprir para ingressar na Internacional Comunista.

Os quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista, cujos documentos fundamentais foram redigidos por Lênin e Trotsky, desenvolveram uma política objetivando à conquista do poder pelas massas, e afirmaram a tática a ser empregada, segundo as mudanças da situação política: utilização da frente única proletária e da frente anti-imperialista, respectivamente nas metrópoles e nos países atrasados, a fim de que o partido revolucionário do proletariado pudesse transformar-se, de fato, na direção das massas. A luta diária deve servir para os explorados amadure-

cerem politicamente, erguendo seus organismos de poder, e, por meio de sua atividade cotidiana, conseguirem a satisfação de suas necessidades mais sentidas, para assim avançarem no sentido de constituir o seu governo. Os trotskistas resgatam os avanços da III Internacional, procurando superar a divisão do programa mínimo (reformas e reivindicações imediatas) e o máximo (programa do socialismo), divisão essa que foi uma herança da II Internacional, e que a conduziu ao reformismo. A luta diária das massas deve fundir a estratégia e a tática, reforma e revolução.

As derrotas das revoluções europeias – um pouco mais tarde a da China e depois a Espanhola – isolaram a Revolução Russa, no momento em que o mundo entrava em um período de estabilização capitalista. Potenciaram-se, na Rússia, as tendências reacionárias, depois da Nova Política Econômica (NEP), enfim, do cansaço da classe operária, consequência da guerra civil e da fome. A reação mundial e russa pressionou o proletariado, o partido bolchevique e o Estado Operário, por meio dos setores burocratizados, que foram surgindo, e que acabaram desenvolvendo uma política contrária aos objetivos da revolução.

A atividade revolucionária do estalinismo encontrou sua justificativa teórica na

formulação da tese do “socialismo em um só país”. O que levou ao abandono total do marxismo; à retomada do menchevismo, que tinha por base a “teoria” da revolução por etapas, da vigência da revolução democrático-burguesa, e de variantes de governos dominados pela burguesia por todo um período histórico; à constituição de frente nacionais e populares, com o objetivo de subordinar os explorados à classe dominante, etc.

Em 1933, a ascensão de Hitler ao poder, o abandono da batalha pelo Partido Comunista Alemão, a negação de constituir a frente única com a socialdemocracia, para derrotar o fascismo, etc. marcaram a impossibilidade do retorno à linha revolucionária. A Internacional burocratizada foi totalmente submetida à política internacional termidoriana. Stalin concluiu dissolvendo-a, em junho de 1943, para atender às exigências do imperialismo. A teoria da luta de classes foi substituída pela da “coexistência pacífica” com o imperialismo, pela transformação gradual e pacífica do capitalismo em socialismo, pelo abandono da insurreição, e sua substituição por caminhos que não conduzem à sociedade sem classes.

Lênin foi o primeiro a ver e combater o perigo da burocratização. Assinalou, de maneira concreta, a necessidade do afastamento de Stalin da direção do Partido Comunista, e do retorno ao regime interno do centralismo democrático. A Oposição trotskista capitalizou essa posição. Lutou duas décadas, como fração da Internacional Comunista e do Partido Bolchevique, objetivando sua transformação. Somente depois de 1933, é que se decidiu pela estruturação da IV Internacional, como herdeira e continuadora da acumulada tradição marxista.

Em 1938, foi fundada, no Congresso de Paris, a IV Internacional, que tinha por tarefa constituir a direção revolucionária das massas nas condições da guerra mundial. Depois do assassinato de Trotsky, em 1940, acabou se fraturando, em vez de ser transformada na Internacional de massa. O estalinismo e a socialdemocracia se fortaleceram no pós-guerra, e se firmaram, longe de terem sido pulverizados.

A necessidade de compreender e superar esses poderosos obstáculos se traduziu no surgimento de tendências revisionistas das ideias fundamentais do leninismo-trotskismo. Nos fatos, os revisionistas fo-

ram abandonando o Programa de Transição, a caracterização do estalinismo como força contrarrevolucionária, a tese da defesa incondicional da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), e os objetivos estratégicos da revolução e ditadura proletárias.

O revisionismo precipitou a crise interna, conduzindo a atomização das seções. Tudo estava perdido, exceto o Programa de Transição, pedra angular que permitirá a reconstrução da IV Internacional.

Não se colocam a realizar um trabalho autocrítico dos fracassos do passado, e por isso não podem superá-los. Ao lado dos fracassos, alguns chegam a vangloriá-los, colocando-os em suas teses antimarxistas. Assim, preparam aventuras, que levam a novas frustrações.

II. Os caminhos extraviados

Como sintetizar a experiência das quatro Internacionais? Os marxistas procuraram insistentemente estruturar uma direção revolucionária, que não podia senão se concretizar no programa da revolução proletária, na organização altamente centralizada e baseada no centralismo democrático. Lênin e Trotsky seguiram o caminho da homogeneização ideológica da Internacional, da adoção de um programa revolucionário, e o da seleção da militância, trabalhando pela formação dos revolucionários profissionais.

Esses antecedentes foram jogados pela borda, inclusive por aqueles que se reivindicam do trotskismo, que é a única corrente política que pode reconstruir a Internacional revolucionária, seguindo a linha definida por Lênin e Trotsky.

Alguns chegam ao extremo de pretender substituir o proletariado, única classe revolucionária por excelência, por outras vanguardas, particularmente, pela esquerda estudantil. Outros marcham por detrás de qualquer líder que consiga chegar ao poder. Enfim, os pablistas do Secretariado Unificado (SU) não tiveram a menor dificuldade em substituir o programa da IV Internacional pelo foquismo castrista. Especializaram-se em descobrir trotskistas inconscientes entre os governantes chineses e cubanos. Essa gente não poderia pôr

em pé uma Internacional revolucionária, porque lhe falta o instrumento programático, e porque se limita a transmitir a política burguesa.

O exitismo e o desespero levam os revisionistas a cometerem muitas besteiras. O trabalho sério e sistemático é substituído por falsificações e imposturas. Colocam-se a exibir e inventar vitórias e apoios multitudinários, para impressionar a clientela pequeno-burguesa.

Não se colocam a realizar um trabalho autocrítico dos fracassos do passado, e por isso não podem superá-los. Ao lado dos fracassos, alguns chegam a vangloriá-los, colocando-os em suas teses antimarxistas. Assim, preparam aventuras, que levam a novas frustrações.

Seguindo uma rota diametralmente oposta àquela escolhida por Marx, Engels, Lênin e Trotsky, ultimamente, os revisionistas estiveram empenhados em criar verdadeiras tropas em torno a algumas generalidades que não dizem nada, e que, por isso, podem ser do agrado de todos. A primeira perda é a do rigor organizativo, para substituí-lo por uma espécie de federativismo, demasiadamente frouxo. Talvez alguns pensem que se trata de uma simples armadilha para capturar simpatizantes, e que nada têm a ver com os fundamentos programáticos, pois, esses se encontram devidamente guardados no cérebro e no coração de velhos dirigentes. Não é possível separar completamente programa e organização, ao extremo de que nada tenham a ver um com o outro. A tropa como organização pressiona poderosamente o objetivo estratégico, e pode concluir desvirtuando-o por completo. Os dirigentes que se dedicam à ginástica organizativa concluem, não apenas separando o programa da organização, mas também o esquecendo, jogando o objetivo estratégico do proletariado no cesto dos papeis imprestáveis. Querendo ou não, acabam substituindo-o pela política da burguesia.

Tais correntes dizem que se trata de organizar a classe operária de maneira independente da burguesia, em um partido que ainda não é revolucionário. Isso foi proposto, em algumas circunstâncias, por Marx e Engels e seus seguidores. O que foi uma tática para ser aplicada excepcionalmente, agora, procura-se torná-la em norma e, permanentemente, válida. Os clássicos acreditavam que, em seu tempo, podia estruturar-se na Inglaterra um partido dessas características,

devido ao enorme atraso político da classe operária. Mas, simultaneamente, propuseram e lutaram para que o partido na Alemanha tivesse rigor programático. Não é raro que os epígonos de Trotsky digam que se limitam a seguir o pensamento de Marx e Engels, citando, como apoio, alguns textos. Os textos existem, mas se referem a uma situação muito particular. Constituem uma perigosa arbitrariedade generalizar uma tática excepcional. Essa é uma forma leviana de desvirtuar os clássicos.

Tomemos um caso concreto. Na França, trata-se de arrancar a militância da influência dos grandes partidos operários-burgueses: o Partido Comunista Francês (PCF) e o Partido Socialista (PS). O que pressupõe superar esses partidos, agrupando a vanguarda da classe operária em torno a um programa revolucionário. De maneira concreta: para arrancar a militância, que atualmente se encontra no PCF ou no PS – que se acha em crise, duvidando da correção da linha política de seus partidos, mas que em todo o caso continua dentro dessas organizações –, é preciso colocá-la diante do marxismo autêntico e íntegro, apresentando-lhe o programa da revolução proletária. Somente assim, é possível marchar adiante. Não se deve esquecer que os operários franceses têm uma valiosa experiência com a socialdemocracia e o estalinismo. Trata-se de uma experiência política, e que necessariamente é obrigatório partir desse ponto, para alcançar uma maior evolução das massas.

Se, ao contrário disso, se propõe na França organizar um partido dos trabalhadores em torno a declarações pueris, ocultando cuidadosamente a estratégia do proletariado, está realizando-se um sério retrocesso político, em referência ao nível alcançado pela classe operária na atualidade.

Tem sentido um partido de trabalhadores, caso compareça como espaço para que um núcleo marxista possa criar uma corrente voltada a desembocar no partido revolucionário. O que somente é possível, se

se levantar no alto a estratégia do proletariado. Se o núcleo marxista se dissolve nas massas indiferenciadas, fecha-se o caminho da construção do partido revolucionário.

III. O POR e a Construção da IV Internacional

O POR é a expressão da consciência do proletariado boliviano, um dos mais politizados da América Latina. Sua transcendental importância se encontra na sua penetração profunda nas massas, na história e na cultura nacionais. As experiências das massas e do partido foram sendo assimiladas pelo programa. É o único partido que expressou politicamente os objetivos estratégicos da classe operária boliviana, concretizados na fórmula governamental: a revolução e ditadura proletárias.

Eis as aquisições mais significativas do POR: as Teses de Pulacayo, que é muito mais que um documento estritamente sindical; a constituição da Assembleia Popular – órgão de poder – e seus documentos básicos; a Frente Revolucionária Anti-imperialista (FRA). Essa enumeração resume a experiência e a história de todo um país.

As Teses de Pulacayo, que materializam os fundamentos do Programa de Transição, permitiram que o POR transformasse a classe operária e, em certa medida, as massas em geral, impulsionando-as poderosamente adiante, na evolução da consciência. Impulsionaram a transformação do país, convulsionando-o, e abrindo um profundo sulco na cultura. Consideramos como um caso excepcional na história do trotskismo internacional.

Do seio das massas, o POR conseguiu transformar o Comando Político do Povo e o da COB, que corriam o risco de se degenerarem em parlamento (ou em sustentáculos do governo Torres), em órgão de poder, em frente anti-imperialista. A Assembleia Popular foi sua síntese, organização soviética, que abriu caminho da luta pelo poder.

A FRA uniu a nação oprimida – os setores majoritários das massas – em uma

frente sob a direção do proletariado, materializando, assim, as linhas mestras da tática adotadas pela III Internacional, cuja vigência se mantém até que a classe operária tome o poder.

A luta na Bolívia é de vital importância, porque se trata de um país em que está colocada a possibilidade de conquistar o poder, mais do que em outros. Até agora, as tentativas de estruturar a IV Internacional não levaram em consideração a necessidade de assimilar essa extraordinária lição. Não se apoderaram – nem ao menos capitalizaram – da realização dos trotskistas ao longo da história das massas. No exterior, fala-se do POR, mas com objetivos exististas, sem nenhuma intenção de assimilar a sua experiência. Na Bolívia, põe-se em evidência a validade do Programa de Transição, pelo fato de o POR ter conseguido penetrar nas massas. As correntes do exterior não quiseram, nem puderam assimilar as conquistas do trotskismo.

O POR, sem dúvida, tem a oferecer materiais necessários para impulsionar a reconstrução da IV Internacional como direção revolucionária. Sua experiência pode ajudar os explorados de outras latitudes a amadurecerem e se colocarem na base da Internacional. É preciso agrupar os trotskistas de outras latitudes em torno às conquistas do POR, confluência que terá a tarefa de analisar criticamente os erros cometidos, para descobrir suas raízes e superá-los.

O POR boliviano tem de adquirir consciência do que é, e então se empenhará evidentemente na reestruturação da IV Internacional, atuando como seu eixo central.

O que se passa na Bolívia demonstra que nosso isolamento do movimento internacional nos debilita e obstaculiza os avanços. Sabemos que a própria vitória da revolução, para consolidar-se, precisa do apoio do proletariado internacional. A solução das dificuldades, geradas pelo processo de transformação, somente podem ser encontradas com a ajuda da poderosa alavanca da economia mundial.

**PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL
DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA
RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL**



R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DE MASSAS**

O papel do Partido Operário Revolucionário na construção da IV Internacional

Guillermo Lora, La Paz, março de 1995.

Onde se encontra a importância do POR boliviano?

Para localizar devidamente o problema, reproduziremos a opinião de uma fração morenista argentina, da fração internacionalista da Liga Internacional dos Trabalhadores-Quarta Internacional (LIT-QI), uma cisão do MAS:

“O movimento trotskista latino-americano tem uma grande responsabilidade diante disso, uma vez que, estabelecido em países-chaves do continente, conta com uma importante inserção em setores da vanguarda. Esta presença do trotskismo tem história... Passa pela experiência histórica da revolução operária mais importante do continente, como foi a Revolução Boliviana de 1952, que, sem exagerar, acreditamos que tenha sido a mais elevada do mundo, desde a Revolução Russa de 1917 ...”

“Tudo isso demonstra que o movimento trotskista na América Latina não é uma corrente marginal, alheia ao movimento operário ou aos processos da luta de classes, mas o contrário. É mais, contribuiu enormemente, em muitos dos programas de luta, levantados pelo movimento operário, cujo máximo exemplo foram as Teses de Pulacayo, redigidas por Guillermo Lora, do Partido Operário Revolucionário, e adotadas pela Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia, e, posteriormente, pela Central Operária Boliviana, transformando-se, durante muitos anos, no programa do conjunto dos trabalhadores bolivianos ...”

Indicamos com persistência que a debilidade da IV Internacional não a permitiu assimilar criticamente a rica experiência boliviana. Isso prejudicou seriamente o POR (não se conheceu a elaboração coletiva internacional de sua política), que cometeu não poucos erros táticos, ainda que sua estratégia foi e é única e acertada.

“Em síntese, o trotskismo foi e é uma realidade viva em importantes setores da vanguarda latino-americana”.

Nos parágrafos acima há muita verdade. É correta a posição de destacar a experiência porista boliviana, ainda que não a de tentar nivelá-la com o caminho percorrido em outros países latino-americanos. Aqueles que escrevem os parágrafos transcritos, via-de-regra, continuam caindo em um descomunal equívoco:

“Lamentavelmente, apesar de muitas páginas gloriosas, este peso não esteve a serviço de impulsionar uma política independente e de classe, mas de claudicar, tanto ontem quanto hoje, adotando programaticamente o reformismo em suas diversas variantes”.

“Foi assim na Bolívia em 1952, quando o Partido Operário Revolucionário se negou a levantar a bandeira de ‘todo o poder à COB’, inebriado pelo populismo (o termo está mal empregado, o que é imperdoável em uma marxista, G. Lora) do MNR, ao qual deu seu apoio. Assim, se perdeu a maior oportunidade que teve o trotskismo no pós-guerra, de se tornar uma corrente com influência de massa, o que podia ter modificado o curso da revolução. Essa foi a maior claudicação do trotskismo revisionista latino-americano diante de uma revolução operária que, nucleados

na Central boliviana (que tendia a um soviete armado) estavam operários, camponeses e estudantes, tendo derrotado o exército, e levantado o Programa de Transição, às portas da tomada do poder”. (Extraído de Estratégia Internacional, nº 3, Buenos Aires, janeiro de 1994).

É preciso começar esclarecendo que a Central Operária Boliviana teve como antecedente a Central Operária Nacional, colocada em pé, durante 12 anos reacionários, pelos ativistas que militavam no POR, englobando também a classe média urbana, dado de muita importância. Os trotskistas foram os primeiros a assinalar o caráter soviético da COB e da dualidade de poderes, que colocou o poder operário diante do governo central movimentista.

O que transcrevemos mostra contradições e uma total incompreensão, particularmente, da atividade e da história do Partido Operário Revolucionário boliviano. Não é suficiente reconhecer que a importância das Teses de Pulacayo está em que foi aprovada em um Congresso da Federação de Mineiros. Conhecemos grande quantidade de documentos ideológicos aprovados em congressos nacionais do sindicalismo boliviano, mas que não deixaram marcas, que não serviram para dirigir a luta dos explorados. Os autores de um documento qualquer podem dar muitas voltas, mudar o conteúdo de classe de sua política, apoiar o inimigo de classe, isso porque seu primeiro pronunciamento já contém não poucas sementes do colaboracionismo, do reformismo-revisionista.

Constitui um gravíssimo equívoco confundir a política porista com a estalinista, a reformista democratizante ou a nacionalista, uma vez que essas últimas têm como traço comum sua identidade com o objetivo central da burguesia, a defesa da democracia representativa, da ordem social imperante, da grande propriedade privada, não poucas vezes introduzindo-lhe algumas reformas ou remendos.

Quase sempre nossos críticos se limitam a repetir algumas objeções feitas por pessoas pouco informadas, que repetem argumentos de segunda mão. A publicação das “Obras Completas” oferece numerosos documentos acerca de como se estruturou a teoria trotskista, e a forma com que foi colocada em prática. Esses escritos, elaborados oportunamente, constituem retificações antecipadas das acusações que fazem nossos críticos.

O elogio às Teses de Pulacayo é geral, mas não passa disso. Nenhum presumido trotskista explicou o resultado de que experiência revolucionária se gerou imediatamente depois, e inclusive agora.

Indicamos com persistência que a debilidade da IV Internacional não a permitiu assimilar criticamente a rica experiência boliviana. Isso prejudicou seriamente o POR (não se conheceu a elaboração coletiva internacional de sua política), que cometeu não poucos erros táticos, ainda que sua estratégia foi e é única e acertada.

As Teses de Pulacayo formam parte da base do programa do Partido Operário Revolucionário. Não somente porque é a aplicação no sindicalismo boliviano do Programa de Transição, redigido por Trotsky, mas também porque – abrindo caminho à discussão ocorrida por muito tempo, em escala continental e nacional, acerca do caráter dos países latino-americanos – define a Bolívia com

nitidez, pela primeira vez, como um país capitalista atrasado, de economia combinada, e integrada à economia mundial (o anteriormente exposto supõe que a atrasada Bolívia já vive sua experiência capitalista, com todas suas particularidades nacionais, o que supõe que já não conhecerá o desenvolvimento capitalista integral e independente, como em seu momento defendeu o MNR). A economia capitalista combinada, atrasada, define a natureza das classes do país, e da mecânica que se estabelece entre elas. A minoria proletária é a classe revolucionária por excelência, e a única que pode destruir a grande propriedade burguesa dos meios de produção, e substituí-la pela social. No entanto, a revolução, que necessariamente tem de ser majoritária, será protagonizada pela nação oprimida pelo imperialismo. É constante a revolta da imponente massa camponesa, da classe média, e dos estudantes, contra o governo burguês e o ordenamento jurídico vigente, mas a direção política corresponde ao proletariado. A finalidade estratégica da revolução e ditadura proletárias (um verdadeiro governo operário e camponês) condiciona a tática da ação direta e da frente anti-imperialista (as Teses de Pulacayo nomearam equivocadamente a frente única anti-imperialista como frente única proletária). As forças motrizes da revolução boliviana são, portanto, o proletariado e as nacionalidades-classe nativas.

As Teses de Pulacayo opõem a ação direta, a violência revolucionária e a luta armada ao legalismo, ao parlamentarismo e à arbitragem obrigatória. O POR, sistematicamente, combateu o foquismo, por ser um método de luta estranho às massas, e defendeu o uso da guerrilha como um caminho possível de se aplicar na busca da conquista do poder.

Há ainda algo mais importante. As Teses de Pulacayo têm um valor excepcional, porque é o produto da penetração de um jovem e pequeno partido no seio das massas. Seus militantes aprendem o marxismo junto aos operários. A agudização da luta de classes obriga os trotskistas a expressarem politicamente o impulso instintivo dos explorados. Essa é a natureza do documento dos poristas. Nas mobilizações multitudinárias, suas bandeiras aparecem agitadas como bandeiras de luta. Estão presentes na frustrada revolução operária (não concluída) de 1952, como guias orientadoras das massas, e como o instrumento que manejam os trotskistas, até o dia de hoje. Os mais importantes acontecimentos revolucionários do país, incluindo aos que se passam hoje, se foram desenvolvendo e se desenvolvem no marco das ideias mestras das Teses de Pulacayo. O Partido Operário Revolucionário, desde a sua fundação, em 1935, até a presente data, teve um só objetivo estratégico, e, inclusive, praticado as mesmas grandes linhas táticas. Não há, portanto, motivo para desconhecer que o partido não se afastou do essencial das Teses de Pulacayo.

O documento de Pulacayo revolucionou o proletariado, ao transformá-lo em classe; transformou o impulso instintivo em consciência política, por isso mesmo, transformou a história do país. O método do materialismo histórico permitiu revelar as leis fundamentais do desenvolvimento e transformação do país.

É pueril afirmar que aqueles que elaboraram as Teses de Pulacayo e a aplicaram conseqüentemente, e continuam a aplicar, tivessem modificado o conteúdo de classe de sua política, ao extremo de colaborar com o inimigo de classe, e negar-se a tomar o poder.

Ocorre que os supostos trotskistas argentinos e de outros países se limitam a repetir as afirmações caprichosas, sem fundamento, de Liborio Justo, ou Quebracho (ver Bolívia: a Revolução

Derrotada). Foi o primeiro que concluiu sua análise do processo revolucionário boliviano, apoiado em uma farta documentação, com a afirmação de que o POR não tomou o poder em 1952, porque não lançou oportunamente a consigna do caso.

As Teses de Pulacayo, que já chegaram à vigésima edição, não se pode esquecer, é um documento sindical. Ajudou a classe operária a dar um importante salto para o campo da política. Até agora, não foram analisados com cuidado a interrelação, a mecânica entre as massas em ebulição e o partido trotskista, que acendeu a chama desse fenômeno. As massas radicalizadas exigiam a precisão (se se quer, expressas em consignas) de uma tática que as levasse ao poder. É isso o que não fez POR, devido a que não assimilou crítica e rapidamente a obra dos ativistas sindicais trotskistas, o que lhe teria permitido elevar seu programa até o nível alcançado pelo desenvolvimento da consciência de classe dos explorados. Esse fenômeno e outros (entre eles a violenta perseguição policial aos derrotados em julho de 1946) ajudaram o MNR a tornar-se um foco atraente, e empurraram as massas a rodearem os movimentistas, atribuindo-lhes virtudes revolucionárias, que certamente não tinham. A enorme confusão política, que se apoderou dos de baixo, e que somente a experiência cotidiana poderia dissipar, impossibilitou distinguir seu verdadeiro partido. Os operários se identificavam com as bandeiras das Teses de Pulacayo, mas, ao mesmo tempo, estavam convencidos de que seria o MNR que as realizaria. Em síntese, para eles, não havia diferenças fundamentais entre o POR e o movimentismo. Em 1952, já estava evidente que o MNR era o partido majoritário.

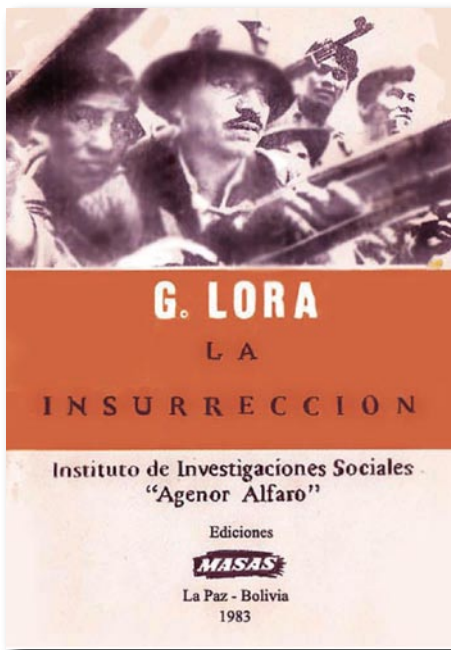
Nas jornadas de abril, os operários (com sua atividade nas ruas, transformaram um golpe de Estado em uma revolução social, destruíram o Estado feudal-burguês e o exército) expulsaram a feudal-burguesia do poder, mas não conseguiram tomar o poder, entregaram-no a um partido que lhes era estranho. Não foram derrotados; frustraram-se, devido à sua tremenda desorientação política. A conclusão de Liborio Justo é equivocada. Era impossível ao POR minoritário tomar o poder (ver Obras Completas e “1952, por que a classe operária não tomou o poder?”, de G.L.). Constitui uma falsidade e uma estupidez a suposição de que o Partido Operário Revolucionário, em lugar de tomar o poder, tivesse apoiado o MNR, dono do governo. Ao contrário, foi o único partido de esquerda, e entre aqueles que reivindicavam do marxismo, que combateu, desde o primeiro momento, o governo de Víctor Paz Estenssoro. A história confirmou seu prognóstico acerca do futuro que esperava o movimentismo, feito antes de abril de 1956. Durante essa data e depois, o POR disse que o MNR – por sua natureza de classe, e que nem bem o proletariado começasse a superar a sua confusão e a se lançar contra o nacionalismo de conteúdo burguês – não lhe restaria alternativa, senão acabar de joelhos diante do imperialismo, da metrópole opressora. Na figura de Víctor Paz, se materializou essa lei, que rege a evolução dos movimentos nacionalistas (em determinado momento levantam a bandeira da libertação nacional), na época de decadência do capitalismo internacional, e quando já não há possibilidades para um completo desenvolvimento do capitalismo nos países atrasados.

Se as absurdas acusações dos morenistas correspondessem à realidade, é claro que o POR boliviano já teria desaparecido. Ao contrário, permaneceu em pé, e potencia-se constantemente. Isso, graças ao acerto de seu programa, e de sua atividade cotidiana.

O vigor do Partido Operário Revolucionário se deve, em grande

medida, ao fato de contar com um programa, cuja elaboração permitiu-lhe conhecer a realidade do país, suas leis históricas e o objetivo estratégico, confirmado pela admirável luta dos explorados e oprimidos. “O Manifesto Comunista”, “o Programa de Transição” e muitos outros documentos expõem as leis gerais da revolução em nossa época. Porém, é preciso concretizá-las nas particularidades nacionais, única maneira de poder transformar radicalmente o país, no qual os trotskistas lutam.

Constituída a COB, a dualidade de poderes apareceu sob o manto do governo MNR-COB, que significava o co-governo entre o lechinismo, que manejava a COB, e o pazestensorismo. A consigna dos bolcheviques, às vezes, se deu de maneira encoberta, como controle total do gabinete



As Teses de Pulacayo, que já chegaram à vigésima edição, não se pode esquecer, é um documento sindical. Ajudou a classe operária a dar um importante salto para o campo da política.

pela esquerda do MNR, mas que considerava Víctor Paz como seu dirigente. Os nossos críticos procuram substituir a realidade pela repetição mecânica de uma fórmula.

2. O papel que o Partido Operário Revolucionário deve cumprir na reconstrução da IV Internacional

Temos de concluir que, sem a menor dúvida, a riquíssima experiência do Partido Operário Revolucionário é uma das mais valiosas, constituindo a base sobre a qual se deve reconstruir a IV Internacional, concebida como o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O POR, não somente elaborou um programa comprovado pelo processo histórico, como também estabeleceu contribuições teóricas (consequência da assimilação dos grandes acontecimentos, para os quais serviu de eixo: luta contra os governos do MNR, estruturação da Assembleia Popular, que assinalou o caminho que os explorados devem seguir para tomar o poder, guerra camponesa pela conquista da terra, constituição da frente anti-imperialista, etc.). São conquistas inseparáveis da história do país, de sua cultura.

Na atualidade, o POR (sobretudo depois da desintegração internacional da burocracia estalinista contrarrevolucionária) se fortaleceu enormemente, e comparece como a direção das massas radicalizadas – um grande capital político e programático, que pode impulsionar o processo revolucionário à vitória.

Tudo isso obriga o POR (organização partidária de transcendência internacional) a cumprir as tarefas imprescindíveis para a reconstrução da IV Internacional, tendo claro que corresponde a uma necessidade histórica. É preciso ter presente que no Leste europeu, na ex-URSS e em todo o mundo, a estruturação de partidos marxista-leninista-trotskyistas se coloca como tarefa impostergável. Eis:

1) Estamos falando do Partido Mundial da Revolução Socialista,

lista, da IV Internacional marxista-leninista-trotskyista, que se concretizará partindo do Programa de Transição, e assimilando o que há de mais valioso da experiência da I, II e III Internacionais. O que equivale dizer, do marxismo;

2) Há que rechaçar a ideia de juntar indiscriminadamente tendências esquerdistas e organizações sindicais e populares, dando aparência de uma poderosa organização mundial. O proletariado necessita de uma direção revolucionária, marxista-leninista-trotskyista, capaz de dirigir a luta revolucionária internacional;

3) A IV Internacional tem de ser um Partido Mundial único, baseado no centralismo democrático (a democracia interna mais ampla, que garanta inclusive a existência de frações, a fim de poder elaborar uma linha única destinada às massas). Esse partido tem de funcionar como um lugar no qual se possa elaborar coletivamente a linha política internacional e a que correspondam as diferentes seções nacionais. A elaboração da política revolucionária é inconcebível, sem a assimilação autocrítica da experiência pelas diferentes seções nacionais;

4) A experiência boliviana e a das outras seções da IV Internacional (atualmente, quase todas elas arrastam uma extraordinária crise ideológica e organizativa) nos ensinam que um verdadeiro partido revolucionário – seção do Partido Mundial – tem de obrigatoriamente elaborar o programa no país em que atua. O programa se concretiza na finalidade estratégica, na forma de governo, que tem de ser provada pelo desenvolvimento histórico. A ausência do programa, isto é, da finalidade estratégica concreta da luta, empurra os partidos ao oportunismo, uma vez que se limitam a dar respostas puramente conjunturais. Dessa forma, a tática se transforma em finalidade estratégica;

5) O Partido Operário Revolucionário está convencido de que o trabalho que vem realizando – de colocar nas mãos dos revolucionários do mundo os documentos acerca de sua atuação em torno de meio século, da elaboração do trotskismo na Bolívia – constitui uma das maiores contribuições para a reconstrução da IV Internacional. O que apresentamos deve ser discutido seriamente, a fim de assimilar tudo que for positivo, e explicar as causas dos erros cometidos;

6) A vitória da revolução na Bolívia – as lutas que se travam quando escrevemos essas linhas adquirem um enorme significado para o processo revolucionário internacional – constitui uma tarefa prioritária para todo o revolucionário e, particularmente, para os trotskistas bolivianos.

Oferecemos em destaque documentos sobre tudo o que pensamos e fazemos, com a esperança de que os revolucionários de outras latitudes nos ajudem com sua crítica e sua luta. Romper nosso atual isolamento, será uma forma de nos potenciar e de potenciar a revolução socialista mundial.

Tarefa fundamental: reconstruir a IV Internacional Assimilemos os ensinamentos da história

Guillermo Lora – Janeiro de 1998

Estamos diante do processo de restauração do capitalismo na ex-URSS e nos países que seguem a política estalinista contrária aos interesses históricos do proletariado e da revolução. Não há dúvida de que vivemos um gigantesco retrocesso quando, em meio à época de nascimento da nova sociedade, se retorna à velha. Isto nos obriga a assimilar devidamente seus ensinamentos.

Para alguns observadores, o que vem ocorrendo demonstraria que é inviável a sociedade sem classes e que os fatos se encarregam de provar que a ordem social capitalista corresponde à natureza humana e que, por isso mesmo, permanecerá no cérebro das pessoas de maneira eterna.

Surge a pergunta: Já não haverá revolução social, transformação qualitativa da sociedade? A resposta afirmativa nos levaria à conclusão de que a sociedade – mais que o capitalismo – está à margem da natureza e das leis dialéticas da transformação interna dos fenômenos e das coisas. Isto é inadmissível.

Os ideólogos a serviço do imperialismo nos dizem que a sociedade capitalista – contrariando as esperanças dos socialistas – vai se aperfeiçoando, superando seus aspectos negativos e avançando para a prosperidade. Esta afirmação contradiz a realidade.

O revisionismo do marxismo – citemos o caso escandaloso de Ernest Mandel – sustenta que as forças produtivas continuam desenvolvendo-se, o que equivale dizer que o capitalismo persiste em sua etapa progressiva, que o fator econômico, ou objetivo, não amadureceu ainda para tornar possível a revolução social.

De forma particular, se tem afirmado e se continua afirmando – sobretudo os estalinistas revisionistas, os reformistas democratizantes, os nacionalistas, etc. – que nos países atrasados o desenvolvimento das forças produtivas não permite colocar a revolução proletária e que corresponde unicamente materializar a revolução burguesa. Os estalinistas, da mesma maneira que os reformistas e revisionistas, partem do equívoco de considerar a economia mundial como a soma das economias nacionais e não como uma unidade superior, cujas leis atuam por cima das fronteiras nacionais, modificando os países em que penetram. Não podemos fechar os olhos diante do fato de que suportamos as consequências brutais da crise econômica e estrutural que vive o capitalismo em escala mundial. É por isso que dizemos que a revolução social está colocada na ordem do dia, o que nos impõe atuar conseqüentemente.

A crise econômica – de superprodução em um mundo de famintos, que muito pouco podem comprar – é de destruição de forças produtivas, pois se traduz na paralisia de parte do aparato produtivo e em destruição de força de trabalho (desemprego massivo). Constatamos todos os dias que o processo de desintegração do capitalismo é o caminho que conduz a humanidade à barbárie. A burguesia vem destruindo rapidamente todas as conquistas que obteve na sua etapa de ascenso.

A burguesia vem empurrando abertamente os operários para que assumam a responsabilidade do funcionamento rentável das empresas, não sem antes renunciar às suas conquistas, seus salários atuais, normas jurídicas de proteção da classe operária, limitando-se a contemplar a legislação do trabalho, etc.

Os fatos com os quais nos deparamos, diariamente, demonstram que a maturidade das forças produtivas exige a materialização da revolução social e que não pode se dar de maneira mecânica, mas sim através da maturação da consciência classista do proletariado, de sua concretização em programa, em partido político, que, na Bolívia, se chama Partido Operário Revolucionário. Podemos concluir que a revolução social jamais se traduzirá em vitória se estiver ausente o partido político, prova do pouco desenvolvimento da consciência de classe.

A queda internacional do estalinismo, precisamente, ensina que o capitalismo não se rejuvenesce graças à restauração da ordem social burguesa, mas que continua o processo de seu esgotamento, às vezes a um ritmo mais veloz que o da véspera, o que impõe a urgência do cumprimento da revolução proletária.

Um dos erros iniciais do estalinismo e de outras correntes contrarrevolucionárias consiste, como temos indicado, na deformação da economia mundial como realidade unitária. Em nosso país, unicamente o trotskismo parte, para o desenvolvimento da teoria e de sua atividade diária, do convencimento de que este, com todas suas particularidades nacionais, com enorme peso do pré-capitalismo que arrasta, faz parte dessa unidade superior que é a economia capitalista, o que significa que a metrópole opressora e a semicolônia oprimida estão em interrelação dialética e que se constitui um equívoco a ideia de que a atrasada Bolívia é unilateralmente dependente da metrópole opressora norte-americana. As limitadas forças produtivas do país altiplano – marcadas pelo pouco desenvolvimento industrial – concluíram integrando-se na economia mundial e, por isso mesmo, fazem parte deste fator fundamental objetivo, da revolução mundial extremamente madura para a sua materialização.

Resumindo. A queda internacional do estalinismo, precisamente, ensina que o capitalismo não se rejuvenesce graças à restauração da ordem social burguesa, mas que continua o processo de seu esgotamento, às vezes a um ritmo mais veloz que o da véspera, o que impõe a urgência do cumprimento da revolução proletária.

A revolução bolchevique russa se degenerou e acabou sendo estrangulada porque o estalinismo a isolou do processo revolucionário mundial – política reacionária expressada na teoria do ‘socialismo em um só país’. A revolução social para

se afirmar e se projetar para o comunismo, a sociedade sem classes, tem de necessariamente de fazer parte da revolução internacional.

Do que foi dito, se deduz que uma das grandes tarefas que se deve cumprir nesse momento é, precisamente, pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista, ou seja, a IV Internacional como expressão do marxismo-leninismo-trotskismo.

Acreditamos na urgência de reiterar que estamos falando de voltar a pôr em pé a IV Internacional baseada no Programa de Transição, redigido por León Trotsky, por considerar que é a essência do marxismo-leninismo-trotskismo de nossa época e não como um tributo ao culto da personalidade e outros desvios desse estilo. Partimos da rica experiência acumulada pelo Partido Operário Revolucionário, na Bolívia, país clássico do capitalismo atrasado, de economia combinada.

O fundamental da IV Internacional

O Partido Mundial da Revolução Socialista, nisto consiste a IV Internacional, tem de ser um partido único e centralizado em escala mundial; os partidos nacionais – por exemplo, o POR da Bolívia – são suas seções nacionais.

O eixo organizativo tem de ser o centralismo democrático, que implica a mais ampla democracia interna, discussão nos marcos programáticos e, inclusive, direito de formar frações, tudo no plano interno, porque às massas corresponde expor uma só linha política. A disciplina deve se entender como severo cumprimento do programa e do centralismo democrático.

Se a Internacional atuar como partido único quer dizer que sua linha política – incluindo o fundamental da estratégia das seções nacionais – deve ser discutida e elaborada coletivamente. Cabe à IV Internacional assimilar criticamente todas as aquisições das seções, que devem ser generalizadas. Os trotskistas bolivianos estão vivamente interessados em que seus camaradas de todos os confins assimilem criticamente suas experiências e assim possam elevar sua politização.

Para alcançar estes objetivos, é necessário garantir o direito de crítica não somente a todas as seções, mas inclusive aos militantes individualmente considerados.

As considerações anteriores pressupõem que se realize um severo balanço autocrítico de toda experiência da IV Internacional até hoje e em escala mundial, certamente cheia de desvios e equívocos.

Os trotskistas bolivianos não ocultam sua perplexidade diante do fato da IV Internacional não ter assimilado as visíveis conquistas e tampouco assinalar, mostrar as raízes de seus numerosos erros, o que fariam com que não se repetissem na atualidade e no futuro.

Os esquerdistas dos diversos e contrapostos agrupamentos mostram, à luz dos acontecimentos, quanta influência sofreram do estalinismo, que tão cinicamente se esforçou por capitalizar a seu favor o prestígio e a transcendência da revolução de Outubro. Uma das consequências disso foi a queda vertiginosa da burocracia do kremlin, que arrastou diversas correntes

pretensamente esquerdistas. Este fenômeno também ocorreu na Bolívia e confirma que os líderes da esquerda terminaram se colocando por detrás da socialdemocracia ou dos setores burgueses empenhados em fazer demagogia com sua colocação do “neoliberalismo de conteúdo social”. Desta maneira, no cenário revolucionário, não ficou em pé, a não ser o trotskismo, levantando a bandeira da revolução social e da ditadura do proletariado. Quando dissemos que chegou o momento de reconstruir a IV Internacional, estamos indicando que é a necessidade histórica que obriga a classe revolucionária de nossa época a materializar a revolução social e a ditadura do proletariado. A IV Internacional deve, inadiavelmente, levantar como sua finalidade estratégica a que corresponde aos operários dos diferentes países do mundo. Para nós, como ontem, nossa consigna diz: “proletários do mundo, uni-vos!”

Sabemos perfeitamente que se não pormos de pé agora a IV Internacional – reiteramos que se trata do Partido Mundial, estruturado em torno da finalidade estratégica do proletariado – não será possível materializar a revolução social. Ainda que fosse desencadeada como resultado do impulso instinto das massas, não concluiria em vitória e na ditadura do proletariado. Neste caso, se daria o fenômeno surpreendente de que nós, presumíveis bolcheviques, contribuiríamos para que a humanidade fosse empurrada para a barbárie do capitalismo em desintegração.

Os marxistas-leninistas-trotskistas não têm nada de acadêmicos e de intelectuais profissionais, são, sobre todas as coisas, revolucionários que entregam suas vidas à tarefa de acabar com a ordem social capitalista. É claro que nos rebelamos contra o ordenamento jurídico imperante com a ajuda da violência revolucionária, contra o governo da classe dominante, contra a sociedade capitalista em decomposição. Por isso mesmo, nosso partido, a IV Internacional, não pode menos que se organizar para desenvolver, ao mesmo tempo, atividades legais e clandestinas.

Nossos métodos de luta são próprios da revolução proletária, equivale dizer a ação direta das massas, cujo conteúdo é a violência revolucionária por ser exercida pelas massas oprimidas e exploradas. Somente ali onde imperam as ilusões democráticas, é nossa obrigação utilizar o Parlamento – mas subordinado à ação direta – e trabalhar pelo seu esgotamento, única maneira de contribuir para que os explorados e oprimidos empunhem os fuzis, que é a insurreição, único caminho que conduz à tomada do poder político.

A Revolução Permanente e a Lei da Economia Combinada

A revolução social pode se dar ali onde a evolução da consciência de classe alcançou um alto nível, e não obedecendo à localização dos países em um determinado meridiano geográfico. Na análise política, não nos guiamos por considerações chauvinistas de nenhum tipo, utilizamos o método do materialismo histórico e consideramos como partes integrantes, por

Se a Internacional atuar como partido único, quer dizer que sua linha política – incluindo o fundamental da estratégia das seções nacionais – deve ser discutida e elaborada coletivamente. Cabe à IV Internacional assimilar criticamente todas as aquisições das seções, que devem ser generalizadas.

exemplo, as contribuições feitas por Trotsky. Referimo-nos de maneira particular às teorias da revolução permanente e da economia combinada. Não vamos discutir que o líder, juntamente com Lênin, da Revolução Russa de 1917 e da luta antiestalinista, desenvolveu não poucas ideias já enunciadas por Marx e outros clássicos do marxismo – o pensamento humano sempre recorre a caminhos similares.

A Revolução Permanente

O marxismo, partindo de sua análise da economia capitalista mundial, sustenta que a revolução social e a ditadura do proletariado só podem ocorrer como fenômenos mundiais. O socialismo em um só país, apregoado pelo estalinismo, é a negação do marxismo e o rótulo utilizado para encobrir a derrota final da revolução social.

Trotsky, seguindo o marxismo clássico, diz que a revolução em todas as latitudes –incluindo os países atrasados- começa dentro das fronteiras nacionais, consequente com o grau de desenvolvimento da consciência da classe operária, que sempre é desigual, mas que inevitavelmente deve se fundir com a revolução internacional, única forma que tem para se fortalecer e para resolver os problemas que coloca a transformação qualitativa da sociedade. Essa transformação da revolução nacional em internacional é uma lei que parte do caráter mundial da economia capitalista, que, por isso, mesmo impera em todos os rincões do planeta.

É nos países atrasados que se distinguem por não ter superado completamente o pré-capitalismo, isto é, não ter resolvido as tarefas democráticas ou burguesas, que a ditadura do proletariado, expressão da nação oprimida e de seus problemas, se vê obrigada a cumprir as tarefas de outras classes sociais e as suas próprias, claro que não para permanecer na etapa democrático-burguesa, mas para transformá-la em socialistas, tudo como um período único da ditadura da classe operária. O desenvolvimento do processo revolucionário constará de etapas nas quais uma se apoia na anterior e a negue. Esta transformação concluirá na sociedade sem classes, ou seja, no comunismo, que, na perspectiva do desenvolvimento da humanidade, será a negação da negação.

A Lei do Desenvolvimento Combinado

A lei mais geral da história é o desenvolvimento desigual entre os diferentes países e continentes entre si.

Em se tratando dos países atrasados, esta lei universal se concretiza na lei da economia combinada, que é a coexistência de diversos modos de produção, evidentemente que se incluindo como predominante ao modo de produção capitalista, característica imposta pela economia capitalista que domina o mundo em seu conjunto.

Não se pode dizer que nos países atrasados haja dois ou mais processos de desenvolvimento, mas apenas um só integrado por diversos modos de produção, inter-relacionados dialeticamente.

Por que o capitalismo atua como uma unidade sem ignorar os modos de produção pré-capitalistas? Esse fenômeno, para muitos estranhos e surpreendente, é consequência da particular refração das leis da economia mundial no contexto socioeconômico dos países que não tiveram a oportunidade de dar o

salto qualitativo para o capitalismo plenamente desenvolvido, partindo do pré-capitalismo. Não tiveram o tempo e a possibilidade para forjar em suas entranhas a burguesia revolucionária como ocorreu em outras latitudes.

No caso particular da Bolívia, a invasão do capital financeiro, do imperialismo (interessado em explorar as riquezas minerais e, definitivamente, em subjugar politicamente o país, convertendo-o em semicolônia – governo nacional sem soberania -, imprimiu sua imagem em uma parte pequena do país) se viu obrigada, para romper os obstáculos que se opunham à sua política colonizadora, a apoiar-se na classe dominante semifeudal e dessa maneira se converteu no muro que conteve e rechaçou a maioria nacional que procurava ter acesso aos progressos alcançados pela humanidade.

A economia combinada tem sido uma imposição do exterior, como consequência da invasão do capital financeiro, como parte do processo de incorporação do país na economia mundial e da configuração das particularidades nacionais, que não tardaram em reagir contra a metrópole opressora, isto ao se abrir a perspectiva de que o proletariado minoritário, transformado em direção da nação oprimida, pudesse concretizar a revolução social e procurar substituir a grande propriedade privada burguesa dos meios de produção – concentrada nas mãos do imperialismo e da burguesia nacional – pela social, superar toda forma de pré-capitalismo e abrir caminho para a sociedade comunista. Também nos países atrasados, sem grande desenvolvimento industrial e sem ter conhecido o que é a democracia burguesa, a classe operária é a negação do imperialismo e de seu servidor que é a burguesia nativa. A revolução social transformará o atraso em alavanca do progresso ao permitir que o país atrasado se aposse em saltos dos avanços do imperialismo e abra caminho para superar-lhe em todos os aspectos. Tudo isso se explica sempre que não se esqueça que o país atrasado e a revolução se movem no seio da economia capitalista. A necessidade histórica da revolução e as possibilidades de que se possa superar radicalmente o atraso aparecem ao mesmo tempo que amadurecem as forças produtivas em suas dimensões internacionais.

Temos assinalado alguns traços da revolução permanente na atrasada Bolívia e que já estão sendo perfilados nos momentos mais importantes da luta de classes, da atuação do proletariado que percorreu um bom trecho no desenvolvimento de sua consciência de classe. Um exemplo esclarecedor. Nos anos 70, surge no país, graças à participação decisiva do Partido Operário Revolucionário, a Assembleia Popular, organização que proclamou em voz alta a sua condição de órgão de poder das massas e de ser a concretização da frente anti-imperialista, dirigida pela política revolucionária do proletariado. A Assembleia Popular tinha consciência de que devia marchar para a conquista do poder se não quisesse ser esmagada. A direita reacionária apressou seus movimentos para desfechar o seu golpe preventivo do dia 21 de agosto de 1971. Se se busca a vitória da revolução social, essa valiosa lição deve ser devidamente assimilada pelo partido bolchevique.

Parece-nos que a IV Internacional não deve ignorar os aspectos acima apontados.

(Extraído das Obras Completas, Guillermo Lora, vol. LXV, 1997-2001, pág. 133)

A Quarta Internacional

Guillermo Lora

Na base das concepções programáticas do Partido Operário Revolucionário, se encontram as teses de que, em nossa época de dominação da economia capitalista mundial, a revolução é proletária e internacional. O instrumento partidário, consciente, político, não pode ser outro, senão o Partido Mundial da Revolução Socialista, isto é, a Internacional, organizada sobre a base do centralismo democrático. Trotsky ensinou que no período de decadência do imperialismo foi superada a separação entre países maduros e não maduros para a revolução proletária.

Desde os anos 1940, conhecia-se na América Latina o SWP como um partido de tendências centristas e fortemente burocratizado.

A fusão, em 1963, entre o SI e o SWP, à margem das ideias revolucionárias e de toda autocritica da crise da Internacional, deu nascimento ao Secretariado Unificado (SU), que havia percorrido caminhos estranhos ao trotskismo. O POR repudiou todas essas manobras de fusões entre aparatos burocratizados, à margem do trabalho de elaboração programática. O Secretariado Unificado é política e organizativamente fraco, e engloba as tendências mais di-

nal não pode ocorrer fora do marco do centralismo democrático, substituindo a necessária democracia interna por métodos de controle burocrático, porque este estado de coisas impede toda formulação programática e a elaboração da linha política de maneira coletiva.

O CORQUI acabou como um pequeno movimento internacional controlado, particularmente, por meio da dupla militância, pela influente OCI francesa, convertida em exportadora de ajuda econômica e de ideias nem sempre corretas. Em certo momento, tornou-se impossível defender formulações contrárias às da OCI, que deu provas de estar interessada em contar com um dócil instrumento para seus próprios fins não revolucionários. Já nesse momento, era perceptível seu desejo de entendimento e fusão com o SU. Então, o Partido Operário Revolucionário rompeu com o CORQUI, por considerá-lo um organismo atacado pelo vírus organizativo estalinista. Os acontecimentos posteriores nos deram toda razão. Opomo-nos a pronunciar contra o PO da Argentina e do grupo chileno, e permitir sua expulsão sob a pressão dos franceses, por considerar que se tratava de um método indigno de uma organização que se considerava trotskista.

No início de 1979, O POR conseguiu coordenar com alguns setores latino-americanos que haviam iniciado um movimento de oposição à OCI, e assim se constituiu a chamada Tendência Quarta Internacionalista (TQI), que nasceu com uma declaração em que fixava sua posição dentro do quadro do movimento trotskista internacional.

A TQI reuniu-se em La Paz, no mês de julho, na qual também participou a Liga Operária Palestina. Aprovou algumas resoluções sobre os problemas políticos do momento, como por exemplo, sobre a revolução na Nicarágua. Nesse momento, um dos problemas fundamentais do trotskismo internacional era o avançado projeto de fusão entre o CORQUI e o SU, que somente poderia se materializar acobertando as verdadeiras divergências que haviam sido apresentadas na IV Internacional, depois do sonho da unidade pela unidade. Esta unidade foi do agrado da

É preocupação constante do POR a estruturação da Internacional marxista-leninista-trotskista, porque considera que somente dessa maneira se pode materializar seu programa, e porque o visível atraso deste processo o prejudica enormemente como sua seção nacional.

É preocupação constante do POR a estruturação da Internacional marxista-leninista-trotskista, porque considera que somente dessa maneira se pode materializar seu programa, e porque o visível atraso deste processo o prejudica enormemente como sua seção nacional.

A história de nosso partido não é de todo estranha à história da Quarta Internacional. A degeneração pablista, cuja consequência foi a cisão da Internacional em 1952, teve efeitos contraproducentes na Bolívia. Não só porque desenvolveu a teoria do apoio crítico ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), mas também porque fomentou a formação de tendências nacionalistas dentro do Partido Operário Revolucionário, que sofregamente procuravam subordinar o partido à esquerda do MNR. Um dos resquícios da tão triste experiência é o grupo chamado POR-Combate (que desapareceu na atualidade, nota dos Editores, 1999).

Nessa oportunidade, o Partido Operário Revolucionário declarou que não seguia, nem o Secretariado Internacional, dirigido por Pablo, Mandel e Franck, nem o chamado Comitê Internacional, estruturado pelo SWP norte-americano e pelo PCI francês (Partido Comunista Internacionalista).

versas e, inclusive, as antitrotskistas.

Vivamente interessado em estruturar a Quarta Internacional, o Partido Operário Revolucionário entrou em contato e aderiu ao Comitê Internacional, que mais tarde adotou o nome de CORQUI (Comitê de Organização pela Reconstrução da IV Internacional).

Nessa organização, o POR procurou desenvolver e defender sua concepção sobre o processo revolucionário nos países atrasados, à luz dos ensinamentos de Lênin e de Trotsky, e de sua própria experiência. Dois foram os pontos controvertidos, ao longo de vários anos: a) a natureza da burguesia nacional; b) a tática da frente anti-imperialista. Não se pode estranhar que, apesar da rica literatura que existe a esse respeito, os europeus resistiam em diferenciar a burguesia da nação opressora da burguesia da nação oprimida. Também puderam comprovar que não entendiam em que consiste a frente anti-imperialista, como tática que permite converter o proletariado em dirigente da nação oprimida, não por acaso, arbitrariamente transformaram, em seus países, a frente única de classe de tática em estratégia. A ala morenista do Secretariado Unificado também combateu o Partido Operário Revolucionário nesses aspectos.

A reconstrução da Quarta Internacio-

pequena burguesia estudantil, que se viu arrastada pela ideia de contar com uma internacional de massas, não importando a que preço. A extrema debilidade da TQI se pôs em evidência quando não pode intervir de maneira eficaz na discussão acerca do temário do XI Congresso do SU, os representantes de PO, apesar do compromisso feito, não elaboraram os documentos de respostas às teses fundamentais apresentadas na discussão pela maioria do SU. É inegável que essa deficiência no trabalho não podia ser superada com medidas administrativas, como a reunião de emergência que propuseram apressadamente. A Tendência Quarta Internacionalista continuou arrastando um dos defeitos do CORQUI: sua não submissão ao centralismo democrático, o que rapidamente a degenera em uma organização de tipo federalista.

Para o Partido Operário Revolucionário, o trabalho dentro da TQI resultou incômodo e muito pesado, pela excessiva agudização da luta de classes no país, que nos impede – ou pelo menos nos limita – dedicar nossos esforços ao trabalho internacional. Talvez uma solução seria procurar a estruturação da Internacional tomando como eixo os problemas da revolução boliviana; no entanto, a extrema debilidade da tendência parece que pouco pode permitir o valor desta ideia.

A TQI poderia considerar-se como

um interessante germe de um movimento trotskista internacional, mas tudo supunha que seu trabalho seria muito débil e lento, porque teria de cumprir a tarefa imprescindível de pôr em pé uma corrente política homogênea em escala mundial. A necessária discussão dos problemas teóricos em conflito, e de interpretação dos acontecimentos cotidianos devia ser acompanhada da imprescindível elucidação dos problemas organizativos.

De maneira inesperada, a tendência unionista, que por um momento embriagou tanto o SU como o CORQUI, encontrou um grave obstáculo na revolução da Nicarágua. A inclinação tão peculiar do SWP a capitular diante do movimento nacionalista vitorioso, pôs-se de novo em evidência, quando se tratou de apoiar incondicionalmente a frente sandinista e seu governo, inclusive quando se tratou da expulsão e prisão dos seguidores da chamada Tendência Bolchevique (Brigadas Simón Bolívar). Novamente, o problema da conduta a se observar pelo partido revolucionário diante dos movimentos nacionalistas burgueses ameaçou afundar o pablismo. Uma das emergências desse pleito foi a aproximação oportunista entre o CORQUI, tão desesperado em superar seu isolamento à custa do SU, com a Fração Bolchevique (morenismo). Foi constituído um comitê paritário entre a OCI e a

Fração Bolchevique.

Por sua vez, o SU apresentou tais condições para seu congresso, que praticamente colocou à margem de sua organização a Fração Bolchevique. A tão acariciada unidade pareceu ter naufragado de novo. O CORQUI se uniu ao morenismo de maneira oportunista, e a aventura terminou em outra cisão.

O POR tem caracterizado com nitidez o Secretariado Unificado como antitrotskista, e o CORQUI como uma organização totalmente estranha aos métodos bolcheviques. A esta altura do debate, podemos comprovar que também a OCI e seus seguidores se apartaram das ideias centrais do trotskismo.

Se, até certo momento, a OCI seguiu o POR em sua caracterização do pablismo, deslumbrada com a perspectiva da unidade com o SU, começou reconhecendo que era uma corrente trotskista e revolucionária, e, desde então, tem feito o impossível para apagar todas as divergências programáticas e principistas que tinham existido entre eles. É essa história que permite desconsiderar tanto o SU como o CORQUI como gérmenes da futura Internacional, que, não resta dúvida, há que pôr em pé.

(Extraído do Retrato do Partido Operário Revolucionário, de Guillermo Lora, Obras Completas, tomo XLV – 1984-1985, Ediciones Masas)

Como concebemos a reconstrução da IV Internacional

Guillermo Lora

A crise do estalinismo, a bancarrota total de suas “teorias” para sustentar o chamado “socialismo real” (referimo-nos à concepção do “socialismo em um só país” e à “revolução por etapas”), coloca a possibilidade de se livrar, sem dúvida, de um dos obstáculos fundamentais para a estruturação do partido mundial da revolução socialista.

No entanto, seria um grave erro deduzir da bancarrota do estalinismo sua morte política e ideológica. Essas vivem ainda confusamente na cabeça e na ação de milhares de militantes e ativistas. Na realidade, como também acontece com a socialdemocracia ou com as distintas variantes do nacionalismo burguês ou pequeno-burguês, a morte definitiva do estalinismo guarda uma relação dialética com a estruturação do partido-programa do marxismo-leninismo-trotskismo, e em seu enraizamento no seio das massas como direção física.

A elaboração do programa, tarefa permanente, consiste em compreender a realidade viva que se pretende transformar. Tarefa essa que exige das seções nacionais um estudo profundo das particularidades de seus países, estudo que somente se

pode cumprir apoiado no marxismo a partir dos problemas que a intervenção concreta coloca na luta de classes.

Esta elaboração do programa exige conhecer, dominar, a história da conformação das classes, como se expressaram politicamente, o que representa cada partido, cada grupo político.

A não realização dessa tarefa ou seu excessivo atraso conduz não apenas ao estancamento, mas também ao retrocesso ideológico, à revisão do marxismo. É o que se passou com os múltiplos agrupamentos que se autoproclamam trotskistas em todo o mundo. Em razão disso é que se obriga a um profundo processo autocrítico quando se trata da reconstrução do partido mundial, com organizações ou militantes que percorreram esse caminho. Choca-se com sua fraca memória a negação de recorrerem a sua própria história, para encontrar a origem de seus desvios em sua própria estruturação e evolução.

Temos polemizado com quase todos.

O morenismo, um dos mais numerosos, comparece hoje fragmentado em múltiplas frações. A maioria delas se limita a atacar os sintomas mais visíveis de sua política antirrevolucionária, empenhando-se em ignorar e ocultar seu passado, sua trajetória.

Os pablistas do chamado Secretariado Unificado (SU), que deram origem a múltiplas frações, caminham de forma acelerada a abandonar declaradamente o trotskismo, para facilitar sua aproximação a múltiplas formas do estalinismo, da social-democracia, do nacionalismo burguês.

Os “ortodoxos” de ontem, como os lambertistas, já dissolveram o Partido Comunista Internacionalista em um artifício “Partido dos Trabalhadores”, substituindo até mesmo a colocação verbal de reconstruir a IV Internacional, por uma “Internacional dos Trabalhadores”.

O mesmo caminho percorreu o Partido Obrero da Argentina ao se dissolver em um artifício “Partido Obrero”. Sua participação no “Fórum de São Paulo” demonstra até que ponto pode chegar o revisionismo.

As cisões de algumas correntes destes troncos já nomeados, como o WRP Inglês ou o POR espanhol, tiram a incrível conclusão de que “o problema da crise de direção é a divisão dos trotskistas” e colocam a “unidade à margem do balanço e da trajetória” das distintas tendências que se autoproclamam trotskistas.

O ressabio sectário do velho Comitê Internacional, a Workers League dos Estados Unidos, persiste em negar a contradição entre nação opressora e nação oprimida, enquanto se arrastam no eleitoralismo e no pacifismo mais oportunista, pedindo um referendo diante da guerra do Iraque, e propondo, em pleno levante das massas de Los Angeles, que a saída política é ... apoiar sua fórmula eleitoral!!

O denominador comum de todos esses agrupamentos que se autoproclamam trotskistas é seu rechaço visceral ao programa operário, à estratégia da ditadura do proletariado. Esse rechaço é um mecanismo necessário para facilitar sua versatilidade de manobras sob as distintas formas de programa do radicalismo pequeno-burguês. Todas, sem exceção, repelem até o cansaço o POR boliviano. Todas, sem exceção, ignoram o caminho programático percorrido, a história, o enraizamento do POR nas massas bolivianas.

Todos esses agrupamentos (ainda pequeníssimos) marcam aceleradamente a concretizar “a necessidade dos funcionários rendados”. O radicalismo pequeno-burguês impotente para autocrítica, para o rigor da intervenção na luta de classes, para o rigor do trabalho científico, da elaboração do programa, encontra sua acomodação na renda partidária. Assim, o ser social vai se moldando cada vez mais à consciência, e o que se iniciou como tentativa de militância (agrupamento) de

revolucionários proletários se cristaliza como conservadora seita que, de acordo com o sopro dos ventos dominantes da pequena burguesia, será foquista, nacionalista, pró-estalinista, socialdemocrata, sindicalista, petista, eleitoralista.

A particularidade do POR boliviano está no fato de ter conseguido se constituir como partido-programa (fenômeno não mítico, mas concreto, que para poder ser compreendido deve ser estudado e assimilado criticamente) e de ter se mantido fiel à estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Os grupos que hoje formam o Comitê de Enlace estão diante de uma fase de nosso desenvolvimento crucial, uma vez que, se não avançarem em nossa estruturação como partido-programa, só repetiremos as experiências do passado evoluindo para alguma variante do radicalismo pequeno burguês, contribuindo para o isolamento internacional do POR, facilitando as pressões da classe inimiga, as quais os trotskistas bolivianos também sofrem. Acusam-nos de querer reconstruir a IV Internacional a partir da Bolívia. E assim é. Acusam-nos bem, mas o que se oculta na acusação é que essa reconstrução parte da comprovação científica, histórica, de um fato irrefutável: trata-se da expressão programática (trotskista) mais avançada do proletariado mundial.

Um exemplo não boliviano basta para demonstrar isso. Em 1987, o POR publicou a obra de Lora “A Contrarrevolucionária Perestroika”, quando esta era recém esboçada por Gorbachov, quando o multitudinário agrupamento de “trotskistas”, ou ignoravam o problema, ou acreditavam ser a Perestroika e a Glasnost a revolução política.

O Comitê de Enlace, sobre a base de um sério plano político-organizativo, se propõe a consolidar suas seções como partidos-programa, constituir uma tendência trotskista na América Latina com forte influência e, ao mesmo tempo, avançar no contato com militantes e grupos que apresentem uma clara e honesta cisão com o revisionismo, sobre a base da autocrítica.

Esse trabalho internacional tem como epicentro a luta no interior da situação revolucionária que hoje atravessa a Bolívia. A tomada do poder na Bolívia sob a direção do POR dará, sem dúvida, um impulso decisivo à reconstrução da IV Internacional.

(Extraído do Boletim Internacional, nº 3, julho a dezembro de 1992, órgão do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional)

Publicado o livro:

LEON TROTSKY

A CONTINUIDADE DO MARXISMO-LENINISMO

“ Este livro objetiva expor essa dialética do combate de Trotsky ao estalinismo. Não há como continuar o marxismo-leninismo sem assimilar esse processo, que se desencadeou já em 1923, quando Lênin ainda vivia e sentia o peso da enfermidade, que o levaria à morte em 1924, e concluiu com o assassinato de Trotsky em 20 de agosto de 1940. Este livro, portanto, é uma homenagem militante, prática, proletária e marxista aos 80 anos de seu assassinato”.



R\$ 35

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Alguns aspectos sobre o trabalho internacional

A

Por que o Partido Mundial da Revolução Socialista?

economia mundial – um dos traços diferenciais do capitalismo – é que impõe o caráter internacional da revolução proletária de nossa época. Trata-se de um princípio sobre o qual se levanta nosso programa.

O POR nasceu como expressão nacional da Oposição Internacional de Esquerda e, a partir de 1938 – ano da fundação da IV Internacional, por Leon Trotsky – considerou-se como seção boliviana do Partido Mundial da Revolução Socialista. Travou constante polêmica com as direções da Internacional e de algumas seções, sem perder o objetivo de compreender fielmente o pensamento de Trotsky. Pode-se dizer que viveu todas as vicissitudes da IV Internacional. Por razões de princípio e programa, para o POR, a construção da Internacional marxista-leninista-trotskista é uma preocupação constante. Rechaça, energicamente, o revisionismo estalinista sobre o “socialismo em um só país”. E se apoia nos clássicos do marxismo para proclamar que a sociedade sem classes somente pode ser o resultado da revolução internacional.

A função básica da Internacional é a de elaborar coletivamente a linha política mundial e a das seções nacionais

Nosso pensamento ficou expresso com clareza quando defendemos de maneira consequente o fundamento de que o Programa de Transição – que reflete as leis gerais da revolução em nossa época – deve ser concretizado nas particularidades nacionais. O que exige elaborar a doutrina de um determinado país, partindo de seu conhecimento em todos os seus aspectos. O POR é uma exceção nesse plano, uma vez que quase todos os agrupamentos e partidos trotskistas dos diversos países carecem de um programa próprio, e o substituem pelo Programa de Transição. Essa deformação – do que deve ser um partido revolucionário – faz com que as correntes trotskistas não assinalem com precisão o objetivo estratégico, e se limitem a dar respostas às questões conjunturais. O que as empurra para o caminho do revisionismo oportunista.

A IV Internacional tem de estruturar-se tendo como eixo fundamental o centralismo democrático, de maneira que a linha política seja elaborada coletivamente. O que permite assimilar devidamente a experiência mundial do proletariado. Rechaçamos, tanto o eurocentrismo, como o latinocentrismo, por exemplo.

O desenvolvimento desigual da consciência do proletariado nos diferentes países faz com que a revolução possa começar nas fronteiras nacionais em um determinado continente, sem que isso signifique que se estenda imediatamente a essa região. A revolução pode começar na Europa, África ou América Latina, o que põe em evidência o erro de elevar toda uma

teoria apostando em que país começará a revolução.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

O POR boliviano polemizou com a direção da Internacional pablista, com os pousadistas, e esteve por um breve tempo no Comitê de Reconstrução da IV Internacional (CORQUI), com o qual rompeu por diferenças políticas e organizativas. Quando a organização, formada juntamente com o Partido Obrero (PO) da Argentina e outros agrupamentos menores da América Latina, e inclusive da Europa, deixou de existir, o POR contribuiu para pôr em pé o Comitê de Enlace, que ainda não superou os

(...) o Comitê de Enlace tem de realizar um ativo trabalho propagandístico, pois, está na etapa de elaboração programática dos diversos partidos nacionais, que compartilham suas ideias.

limites latino-americanos.

Temos a certeza de que o trabalho internacional se torna sumamente difícil e lento. Por paradoxal que pareça, a queda mundial do estalinismo arrastou as organizações trotskistas atrás de si. Está pagando-se um preço muito elevado por não se ter prestado a necessária atenção à elaboração do programa das seções, e terem-se tornado satélites em torno aos partidos estalinistas. Propomo-nos modificar essa situação, por meio de uma política revolucionária marxista-leninista-trotskista.

O que pode potenciar o trabalho internacional

Basicamente, o Comitê de Enlace tem de realizar um ativo trabalho propagandístico, pois, está na etapa de elaboração programática dos diversos partidos nacionais, que compartilham suas ideias. Tem de aprofundar autocriticamente a compreensão da restauração capitalista na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Tudo isso significa confirmar e fortalecer o Programa de Transição.

Ao mesmo tempo, é necessário participar coletivamente na elaboração do programa das diferentes seções. Sobre essa base, é necessário estudar as possibilidades de substituir o atual Boletim por uma revista teórica.

Simultaneamente, é necessário assinalar, em todos os campos, o trabalho em que realizam as seções. Os trotskistas bolivianos estão travando uma importante batalha contra o reformismo da burguesia nacional e o imperialismo. Parece-nos que é a atividade mais importante em escala internacional. Corresponde ao Comitê de Enlace se apoiar nesse trabalho, para seu próprio fortalecimento. O primeiro passo é procurar a melhor forma de amplíssima divulgação de toda sua produção bibliográfica. Rapidamente, as seções terão de participar ativamente na polêmica que a experiência boliviana provoca.

O argentino Moreno e as raízes de sua incompreensão da revolução boliviana

Guillermo Lora, 7 de janeiro de 1995

Limitações deste trabalho

As notas críticas a seguir se referem a menos de oito páginas do livro de Ernesto González e outros, intitulado “O trotskismo operário e internacionalista na Argentina”. De alguma forma, a revolução boliviana foi pedra de toque das concepções do morenismo, que gastou muito dinheiro e mobilizou vários de seus militantes com o objetivo de pôr em pé seu próprio partido em terras altiplanas, fracassando completamente.

Em seu afã existista, em sua trajetória errática e em seu aventurismo, é preciso acrescentar a total incompreensão de Moreno sobre a revolução permanente, como transparece em suas curiosas colocações sobre a revolução boliviana e toda sua história.

Um breve trecho do capítulo quinto do livro a que nos referimos proporciona o testemunho acerca das premissas que refletem a incompreensão morenista do processo da revolução boliviana. Abundam razões para que limitemos nossa análise a essa parte do livro de González.

Ninguém ignora que Moreno realizou um amplo trabalho internacional e acabou pondo em pé sua própria organização neste terreno. Certamente, seus seguidores nos dirão que assim cumpriu a missão de trotskista. Sem a intenção de aborrecer, dizemos que com essa atitude aturdiu o cosmopolitismo da Argentina e, mais precisamente, o de Buenos Aires.

Os morenistas e outras seitas que se pretendem “trotskistas” procuram nos esmagar com a denúncia de que os poristas bolivianos são “nacionalistas”, portanto, contrários ao internacionalismo proletário e à própria IV Internacional. Essa colocação não passa de esquematismo simplista.

Respondemos de nossa parte que vivemos grande parte da experiência da IV Internacional e suportamos as consequências negativas de sua quase total inexistência como marco da elaboração coletiva da política revolucionária nos diferentes países. Moreno e seus seguidores são um bom exemplo de que o esquematismo subjetivista é incapaz de compreender o processo revolucionário, pois, para livrar-se dos obstáculos, seria preciso apreender as leis da história da sociedade boliviana.

De início, percebe-se uma leviandade excessiva na análise. Moreno se lança contra Michel Pablo por suas opiniões e decisões sobre a questão boliviana, mas se percebe a ausência da análise sobre a conduta desenvolvida pelo POR, cujos dirigentes e seus escritos estavam longe de ser pablistas. As divergências entre esses protagonistas eram evidentes e numerosas. Ignorar essa realidade é uma enorme leviandade para um analista do processo revolucionário, bem como limitar-se a poucas citações de segunda mão, no que se refere ao que faziam e escreviam os poristas.

Novamente, diremos que está ausente a explicação de uma questão de importância capital: a razão pela qual a IV Internacional não pôde assimilar criticamente o que se fez na Bolívia – não se deve esquecer de que se trata de uma rica experiência. Esse fenômeno negativo se repetiu posteriormente.

Às vezes exaltaram alguns êxitos do POR, mas nada mais. Não

assimilaram, criticamente, as conquistas e tampouco se explicou por que o trotskismo boliviano incipiente pôde derrotar outras correntes políticas consideradas de esquerda, entre elas o morenismo. Parece que se transformou em norma o fato dos múltiplos esforços fracassarem em seu intento por organizar grupos revisionistas do trotskismo.

Um de nossos críticos norte-americanos pretendeu justificar seus equívocos ao julgar o POR com o argumento de que sempre careceu de informação de primeira mão sobre o movimento revolucionário boliviano. A discussão nos interessa e é por isso que estamos lançando as “Obras Completas”, onde se incluem os escritos sobre a formação de nosso pensamento e de nossa própria experiência no seio das massas. Esperamos que a polêmica posterior tenha por base os materiais de primeira mão.

Estamos convencidos de que assimilar autocriticamente o que se fez na Bolívia, os erros que se cometeram, etc., fortalece o movimento trotskista internacional, caminho que nos potencia como protagonistas da revolução.

“A maior, perfeita e clássica revolução operária”

O pablismo, da mesma maneira que tantos outros grupos pretensamente trotskistas, é existista ao extremo, o que lhe empurra a exibir suas supostas ou reais vitórias, mas não faz nada para elaborar a política revolucionária das diferentes seções. O morenismo caiu no mesmo vício.

Na página 197 do “O trotskismo operário...” se apresenta o balanço de Moreno e dos autores do volume citado sobre a revolução boliviana. Tudo se reduz a conclusões em torno de algumas citações extraídas do livro “Bolívia, a revolução derrotada” de Liborio Justo, cujo mérito está em ter acumulado algum material de primeira mão, ainda que sua conclusão seja errônea. Os balanços apresentados denunciam o pensamento político e o programa de seus autores, desnudando o baixíssimo nível em que se moviam. A incompreensão do que acontecia domina as análises, se assim podemos chamá-las.

Até a aprovação das “Teses de Pulacayo” (1946) e a constituição do Bloco Mineiro Parlamentar – apresentados pela direção da IV Internacional – o Partido Operário Revolucionário/ Bolívia não participou de nenhum congresso da IV Internacional, não elaborou em seu seio sua política e tudo se limitou ao ocasional contato por carta ou a leitura espaçada de suas publicações. Ninguém disse que a esse fato se deveu muitos dos erros cometidos pelo POR. Mas também houve acertos e tampouco se explicou por que ocorreram em meio a esse isolamento estrangulador.

O balanço de Moreno, nomeado com um propósito indistigável, diz: “...Na Bolívia se deu a maior, perfeita e clássica revolução operária desse século, com uma forte influência da Internacional”. Esta avaliação existista é surpreendente para quem cumpria as tarefas da direção de organizações trotskistas.

Ernesto González e seus cooperadores acrescentam, referindo-se ao período de 1952: “o trotskismo era muito forte. Tinha se tornado direção de grande prestígio político no movimento operário

e no povo boliviano. Em novembro de 1946, reuniram-se os delegados mineiros da Bolívia e aprovaram as célebres teses conhecidas com o nome da cidade mineira de Pulacayo, elaboradas pelos trotskistas do POR e aprovadas contra o voto do MNR e do estalinismo... Este programa e, especialmente, os pontos contrários ao exército e favoráveis ao armamento dos trabalhadores..., eram o eixo da propaganda dos trotskistas e das organizações mineiras até que se produziu a revolução de 1952, quando se criaram as célebres milícias. Uma consequência do colossal triunfo trotskista entre os trabalhadores mineiros foi a constituição do bloco ou frente operária para as eleições de 1946...

O MNR ocupou o governo, com Victor Paz como presidente. Mas quem dominava toda a Bolívia eram as milícias operárias e camponesas. Depois de 11 de abril de 1952, a maioria (delas) estava dirigida pelos trotskistas..."

Tal apreciação – posterior aos acontecimentos – não é exata, é forçada para demonstrar que o POR/Bolívia dominava a situação política e arrastava atrás de si a maioria da classe operária, pelo menos. As apreciações de Moreno, sobretudo, e também de seus seguidores mais próximos, resultam inexplicáveis, quando se referem a acontecimentos político-históricos muito divulgados, como foram as jornadas de abril de 1952. Parece-nos que foram deliberadamente exageradas para demonstrar que Michel Pablo se apartava do trotskismo ao aconselhar o apoio do POR/Bolívia ao MNR no poder, ainda que não feito de maneira franca.

O que mais estranha é que não se diz nada sobre as diferenças do POR/Bolívia com a política traçada pela direção da IV Internacional. Isso quando o morenismo argentino pugnava por ser reconhecido como “seção argentina” e por deslocar desse cargo o posadismo, uma espécie de caricatura política.

Atevemo-nos afirmar que Moreno conhecia o fato inocultável de que o POR e a direção da IV Internacional julgavam de maneira distinta os acontecimentos bolivianos. O secretário geral porista disse publicamente, na capital francesa, no dia seguinte da vitória popular de 9 de abril (levou a opinião dos bolivianos e a contrapôs à oficial da direção da IV Internacional):

“Que o POR/Bolívia tinha como linha política lutar pelo poder, arrancando o controle do MNR sobre as massas operárias, a classe média e, conseqüentemente, sobre as nacionalidades nativas”. Essa posição não agradou a ninguém da IV Internacional, que, curiosamente, partia do suposto de que já éramos a maioria (acreditavam ter as provas nas Teses de Pulacayo e no Bloco Mineiro Parlamentar), sobretudo, no seio da COB, a força mais poderosa nesse momento.

Esquecia-se do desenvolvimento do processo revolucionário. Como tantas vezes a realidade é arbitrariamente substituída por esquemas subjetivos, esquece-se a realidade objetiva e a substitui por bons desejos. Os observadores - os historiadores, os políticos – caem nestes excessos e, por isso, se lhes escapam as leis do desenvolvimento e transformação da sociedade boliviana. Há que concluir que não são marxistas e, por isso, caem com tanta frequência no aventureirismo e no reformismo, que sempre levam às trincheiras da burguesia.

Nos primeiros momentos do esmagamento do aparato estatal feudal-burguês, o imperialismo norte-americano está convencido

de que o MNR, particularmente alguns de seus líderes, eram comunistas, que estavam dispostos a impor ao país o radicalismo das “Teses de Pulacayo”.

A reação feudal-burguesa partia da certeza de que os Estados Unidos não permitiriam aos comunistas do MNR consolidarem-se no poder e que a nação opressora estava obrigada a recuperar a “democracia” – temos afirmado que na Bolívia nunca existiu e não existe e nem existirá – para devolver a ela o manejo do aparato governamental. A experiência ensinará que ao imperialismo interessa converter em seu instrumento um partido capaz de encabrestar as massas. É por isso que acabou apoiando o movimentismo, prestando-lhe suporte econômico, etc. O MNR se constituiu, neste momento, na melhor variante para Washington.

Nos primeiros momentos, um dos fatos de maior importância foi o boicote e a ofensiva vigorosa do imperialismo. O POR, fiel ao marxismo, ao pensamento de Trotsky, rechaçou a intervenção imperialista no país, e, por estar impossibilitado de tomar o poder – isso porque não era a direção das massas –, não lançou a consigna

Como tantas vezes, a realidade é arbitrariamente substituída por esquemas subjetivos, esquece-se a realidade objetiva e a substitui por bons desejos. Os observadores - os historiadores, os políticos – caem nestes excessos e, por isso, se lhes escapam as leis do desenvolvimento e transformação da sociedade boliviana.

de derrubada do MNR. Esse repúdio à ingerência norte-americana implicava a defesa da soberania nacional e se convertia em um fator que não debilitava o governo, combatido sem cessar pelos trotskistas. Reiteramos que, para nós, essa conduta era correta, era a resposta revolucionária a uma determinada situação. As massas, dando-nos razão, fortaleceram o governo movimentista.

“Os erros mais grosseiros do morenismo”

Há que perguntar se o ocorrido em 1952 foi “a (revolução proletária) maior, perfeita e clássica no nosso século...”. Essa afirmação é um absurdo antimarxista da primeira à última palavra.

Qual seria a revolução “maior, perfeita e clássica” de nossa época? Aquela de presença e predomínio revolucionário do proletariado. Essa seria uma revolução social que materializaria a finalidade estratégica da ditadura do proletariado, na Bolívia um perfeito governo operário e camponês.

A “revolução clássica” é aquela que deve ser tomada como referência, se se quer como modelo a se imitar. Tratando-se da revolução de 1952, não há que imitá-la, mas superá-la, até convertê-la em social, cujo ponto culminante é a ditadura do proletariado.

O argumento do morenismo para justificar sua arrojada caracterização da revolução de 1952 é extremamente débil. Limita-se à colocação de que o POR era a direção das massas, que virtualmente tinha cercado o movimentismo. Nada disso é exato.

O POR, que chega a 1952, era um partido muito jovem, que iniciava sua penetração no seio das massas, particularmente, do proletariado mineiro. Fundado em 1935, suportou um quinquênio de enquistamento e com dificuldade pôde se aclimatar no país. As conquistas importantes assinaladas pelo morenismo ocorreram praticamente às costas da então IV Internacional.

Excepcionalmente, pela primeira vez no mundo, a atividade dos trotskistas poristas se traduziu em adoção pelos sindicatos

de um programa ideológico, que é uma versão do programa de transição e, ao mesmo tempo, contribuiu para a caracterização do país e para a fixação do objetivo estratégico e dos métodos de luta próprios do proletariado.

As “Teses de Pulacayo” impulsionaram o desenvolvimento político das massas, e continuam tendo vigência depois de meio século de sua aprovação. Isso ocorre porque sua essência continua atuando através das massas. É um exemplo de como a ideologia da classe, sua essência, corresponde às leis históricas.

Necessariamente, surge a pergunta: para que a revolução seja perfeita, grande e clássica é suficiente um programa ideológico?

Os programas –por mais importantes que sejam – podem flutuar nas nuvens, se não forem traduzidos em organização dos explorados, em tradição. Isso se deu com o primeiro programa do POR. O marxismo ensina que as ideias ganham força material se se implantarem nas massas, o que quer dizer que os militantes revolucionários penetram em seu seio e se constituem em direção.

Não foi por acaso que, tendo começado pela declaração sindical, passamos – quase imperceptivelmente – a nos referir ao programa partidário.

É estranho que não se diga que as “Teses de Pulacayo” contêm respostas ao programa do POR, mas a particularidade, ou por acaso anormalidade, foi que se elaborou (pelos ativistas sindicais e operários de base) e, inevitavelmente, se voltou para o Partido. Durante algum tempo, para as pessoas da rua, as Teses eram o programa do POR e da FSTMB.

Essa realidade não foi uma vantagem, mas uma anormalidade, que não correspondia à interrelação que existe entre as massas e o partido político. É o Partido, armado do programa, da finalidade estratégica – elaborado coletivamente pela militância – que leva as ideias até o seio das massas para transformá-las, particularmente a sua vanguarda. Isso é imprescindível para a transformação qualitativa do instinto em consciência de classe, em política.

O processo de transformação da classe pelo Partido permite que esta o transforme, o que exige a politização das massas. Cabe ao partido – se se pretende tornar-se em direção das massas, manter esta condição e evitar que estas a esmaguem e até a empurrem para a direita – transformar seu programa e colocar-se à altura da evolução das massas. Tudo isso supõe condicionar a evolução da política às mudanças da situação em que se vive, em grande medida definida pela ação e atitude das massas.

O que se passou na Bolívia foi muito diferente. Ninguém duvida que o POR transformou a classe operária – este é seu acerto, seu capital –, mas demorou muitíssimo em se transformar programaticamente, para atuar como verdadeira direção dos explorados

e oprimidos, particularmente nas jornadas de 1952. Não pudemos precisar com exatidão como se devia atuar, que consignas levantar para dirigir as massas para o poder.

Não é mecanicamente que o Partido responde às exigências das massas em luta, o faz por meio do aperfeiçoamento de seu programa e da atividade da militância na batalha. Se isso não ocorre, são as massas em luta que passam por cima do Partido e o empurram para um lado. Não pode permanecer, indefinidamente, o vazio do posto da vanguarda. Se isto acontece, aqueles que lutam se agarram a qualquer um e lhe atribuem todas as virtudes concebíveis. É preciso concluir que o enorme atraso na transformação do pro-

grama deixou vazio o posto da direção revolucionária, não pôde colocar-se à frente das massas e, por isso, não as conduziu à tomada do poder. Os mineiros e os operários de fábrica destruíram o Estado feudal-burguês e o exército, mas entregaram o poder político, em uma bandeja de prata, ao MNR (na atualidade, está no poder e é dirigido pelo novo Patiño, que é o Goni). Uma frustração que, em grande medida, se deveu ao que era o POR com o partido. Não se pode dissimular que o Partido, que transformou a classe, concluiu (nas jornadas de abril) como um obstáculo para a instauração do governo operário e camponês ou ditadura do proletariado.

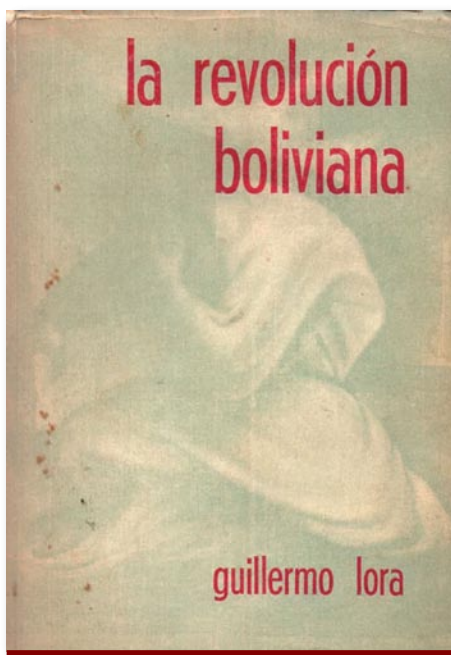
Nossos críticos poderão encontrar documentos acerca desse processo, que aparecem nas “Obras Completas”, e esperamos que suas críticas estejam fundamentadas no verdadeiro pensamento e ação dos trotskistas bolivianos.

Quando se elaboram as “Teses de Pulacayo”, a velha guarda porista, que continuava sendo a direção, não estava de acordo com esse documento, o criticava em parte e o sabotava. Um pouco mais tarde, aquele que se passava de secretário geral redigiu uma tese francamente movimentista.

O POR era uma pequena minoria na COB, mas a honestidade dos delegados operários do MNR lhe permitiu impor alguns documentos importantes, sobre a terra, a nacionalização das minas, etc. As “Teses de Pulacayo” foram o programa da

COB até 1954, quando se aprovou um documento movimentista e começou a sua burocratização, passagem obrigatória para sua estatização.

Os comentaristas não dizem nada sobre o “cogoverno MNR-COB”, que assim foi denominado em razão da integração nele dos movimentistas obreiristas, que eram os lechinistas. Era obrigatório atuar neste marco, que definia a dualidade de poderes. Por isso, o POR defendeu o monopólio operário do governo, como um possível passo para a ditadura do proletariado.



O processo de transformação da classe pelo Partido permite que esta o transforme, o que exige a politização das massas. Cabe ao partido – se se pretende tornar-se em direção das massas, manter esta condição e evitar que estas a esmaguem e até a empurrem para a direita – transformar seu programa e colocar-se à altura da evolução das massas.

(Extraído das “Obras Completas”, Guillermo Lora, tomo LXIII, 1995-1996, pág.35)

À Barbárie?

O capitalismo putrefato

Guillermo Lora, Outubro de 2008

Na atualidade, a sociedade capitalista se degenera, acelera-se, em escala mundial. Os fatos demonstram que sua desintegração não pode ser detida e menos ainda superada pelos governos burgueses, pelo imperialismo, que exploram e oprimem os povos e continentes.

A história da humanidade é a da sucessão de uma sociedade por outra baseada na propriedade e no manejo dos meios de produção. Ninguém ignora o que os clássicos escreveram sobre as teses básicas do materialismo: *“Na produção social de sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento das forças produtivas materiais”*.

No “Manifesto Comunista” (1848), se lê: *“A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias (Engels acrescenta: “à exceção da história da comunidade primitiva”) é a história da luta de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, barões e servos, mestres e oficiais, em uma palavra, opressores e oprimidos, sempre se enfrentaram, empenhados em uma luta constante, algumas vezes oculta, em outras franca e aberta; luta que sempre terminou com a transformação revolucionária de toda a sociedade e com o desmoronamento das classes beligerantes...”*. *“A moderna sociedade burguesa, que surgiu do seio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela somente criou novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta, no lugar das antigas. Nossa época, a época da burguesia, se distingue, no entanto, por ter simplificado as contradições de classe. Toda sociedade vai se dividindo, cada vez mais, em dois campos inimigos, em duas grandes classes que se enfrentam diretamente: a burguesia e o proletariado”*.

A economia capitalista é mundial, engloba tanto as potências imperialistas, que controlam o poderoso capitalismo internacional, quanto as burguesias assentadas em seus países, e também as economias dos países que não conseguiram apagar as marcas, os traços, do pré-capitalismo. Na atualidade, estas são as características da economia capitalista mundial (imperialista), que se encontra em acelerada decomposição.

O caminho da barbárie

O desenvolvimento do capitalismo se expressou, politicamente, na democracia burguesa, e foi criando as condições objetivas e subjetivas, para a revolução proletária, cujo objetivo central é o de sepultar a propriedade privada capitalista dos meios de produção, e, com sua substituição, desenvolver a propriedade social.



A revolução proletária, portanto, é a consequência do esgotamento do capitalismo e sua tarefa é a de substituí-lo pela sociedade comunista.

A revolução proletária, portanto, é a consequência do esgotamento do capitalismo e sua tarefa é a de substituí-lo pela sociedade comunista.

Constatamos o pleno desenvolvimento do capitalismo, seu esgotamento, a presença da revolução proletária na Rússia, seu desenvolvimento e esgotamento. Seu desmoronamento contribuiu para que o capitalismo imperialista agonizante permaneça em meio a uma crise que se agudiza mais e mais.

A revolução proletária russa de 1917, que sacudiu o mundo capitalista, porque trazia em suas entranhas a tendência de se transformar em mundial, e sepultar, definitivamente, a sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção, foi traída pelo estalinismo, que agonizou em meio ao empenho de impor um suposto “socialismo em um só país”, e, inclusive,

servindo de apoio à sociedade burguesa que já evidenciava sua agonia.

Os seguidores de Lênin e Trotsky não conseguiram, até agora, levantar uma poderosa internacional, capaz de sepultar o capitalismo e estruturar o comunismo mundial.

O capitalismo moribundo está ingressando em uma fase de maior apodrecimento, porque o partido revolucionário marxista-leninista-trotskyista não conseguiu sepultar a sociedade de classes imersa em seu processo de decomposição.

O imperialismo, arrastando os países atrasados, não tem como transformar em progressista o processo de desintegração do capitalismo, imerso em uma das maiores crises de sua história. As grandes potências submeteram os países dependentes e os vêm transformando, de serviçais, em base de apoio à desintegração. Pretende-se controlar a crise atual, agravando a miséria e a escravização dos países atrasados, em benefício das potências escravizadoras.

Podia-se confiar que a crise econômica potenciaria o movimento revolucionário, dirigido pela classe operária. Isso não ocorreu, nem mesmo na Bolívia, onde o proletariado, particularmente o mineiro, avançou até chegar às portas do poder estatal.

Na situação atual, era de esperar que o Partido da classe operária se colocasse à cabeça das massas, e as dirigisse à conquista do poder político, abrindo assim o caminho para a sociedade comunista. Lamentavelmente, as coisas se passaram ao contrário. O afundamento do capitalismo concluiu desintegrando o proletariado, inclusive o seu partido político. A necessária autocrítica deste surpreendente processo está de todo ausente, o que obriga a concluir que a perspectiva da re-

volução proletária, imprescindível nas atuais circunstâncias, se afasta mais e mais.

O problema é muito grave, se levarmos em consideração que a aguda crise do fenômeno revolucionário concluiu anulando a atividade do Partido do proletariado. Essa tragédia deve ser superada, o que exige revelar as causas do retrocesso da politização da classe operária, processo encabeçado pelo seu partido político.

Para reencontrar esse caminho, indispensável para potencializar a luta revolucionária, é preciso impulsionar o trabalho correto do partido revolucionário.

Impõe-se que, de imediato, se inicie um severo trabalho autocrítico da atividade executada, nas vésperas, no seio das massas. As correções que se façam neste processo ajudarão a potencializar a linha precisa, que se deve aplicar para orientar os explorados e oprimidos ao reencontro da linha política correta.

Como nos salvar da barbárie?

O imperialismo, procurando se salvar da crise, se esmera em descarregar o maior peso da bancarrota econômica atual sobre o proletariado, já superexplorado, e sobre a classe média, que se debate na pobreza.

A burguesia vem acentuando a submissão dos operários ao aperfeiçoamento permanente da máquina, já convertida na máxima força do processo de produção das mercadorias. O operário de hoje não é mais do que uma peça insignificante da máquina, que determina o ritmo de sua destruição física e psíquica.

Onde estão as direções sindicais e políticas das massas operárias, camponesas e da classe média? Encontram-se encasteladas nas organizações montadas pela burguesia. As poucas direções populares antiburguesas, anticapitalistas, revolucionárias, foram encurraladas e emudecidas. As massas necessitam de direção. Os marxistas leninistas enfrentam o desafio de cumprir a tarefa fundamental: estão diante da prova de dirigir os explorados e oprimidos a se libertarem do gigantesco peso opressor do imperialismo, que desmorona.

A crise econômica é descarregada pelo imperialismo em desintegração sobre os países dependentes das potências mundiais, e, evidentemente, sobre o proletariado.

A tarefa central colocada à maioria é a de encontrar os caminhos que permitam descarregar todo o peso da crise sobre as potências imperialistas e o capitalismo em geral, em crise e em decomposição.

Temos de compreender que a atual crise econômica do capitalismo põe em evidência que as forças produtivas já não podem continuar se desenvolvendo no marco da propriedade burguesa e do imperialismo, que se encontra em bancarrota.

A sociedade burguesa, para continuar funcionando, não tem outro recurso senão intensificar a escravização do proletariado,

e acentuar sua função de uma peça a mais das máquinas.

A maior exploração dos operários, que funcionam como peças das máquinas, indispensável para que o imperialismo continue se mantendo em pé, impulsiona a cretinização do ser humano. Desencadeada a descomunal crise econômica, em torno do eixo imperialista, nenhum dos governos, nenhuma das classes sociais, nenhum dos movimentos populares se rebelaram contra o capitalismo ferido, permanecendo submetidos ao capitalismo moribundo.

O que se passou demonstra que a sociedade humana continua condenada a permanecer encarcerada pelo capitalismo em decomposição, monstruosidade cuja responsabilidade recai sobre o estalinismo traidor e serviçal do capitalismo agonizante.

Onde estão as direções sindicais e políticas das massas operárias, camponesas e da classe média? Encontram-se encasteladas nas organizações montadas pela burguesia. As poucas direções populares antiburguesas, anticapitalistas, revolucionárias, foram encurraladas e emudecidas. As massas necessitam de direção. Os marxistas leninistas enfrentam o desafio de cumprir a tarefa fundamental: estão diante da prova de dirigir os explorados e oprimidos a se libertarem do gigantesco peso opressor do imperialismo, que desmorona.

A tarefa central é a de colocar em pé a direção internacional do movimento revolucionário anti-imperialista. O que poderá se materializar somente se se constituírem as diversas seções da IV Internacional.

Corresponde ao movimento revolucionário a atualização da herança deixada por Leon Trotsky, cuja materialização imediata constitui a base da luta revolucionária do proletariado, capaz de dirigir as massas exploradas e oprimidas em sua luta pela libertação e pela construção da sociedade comunista.

Esse trabalho, como todos aqueles de conteúdo revolucionário, tem de partir de uma severa autocritica das ideias e das ações realizadas, na véspera, pela militância.

A experiência, dura e cheia de frustrações, obriga que se materialize, da parte das seções nacionais da Internacional, a estruturação das seções da IV Internacional de seus programas nacionais, como uma expressão marxista da luta pela solução dos problemas e da estratégia de cada uma delas, como parte integrante da finalidade da Internacional mundial. Não se deve esquecer que as seções nacionais da Internacional marxista-leninista-trotskista têm a obrigação de elaborar seus programas nacionais, e aperfeiçoá-los, partindo de sua experiência cotidiana.

A experiência nos ensina que a resistência em elaborar os programas dos diversos partidos trotskistas é o resultado da incipiência da militância, que lhes dificulta conhecer a fundo o marxismo.

Novamente, devemos assinalar que o Programa de Transição da IV Internacional, aprovado em setembro de 1938, expressa as leis mundiais do capitalismo, do movimento operário internacional. Essas leis se concretizam nos marcos das particularidades nacionais, o que nos obriga a revelá-las. Os programas nacionais devem se utilizar, se aplicar, em estreita relação com o Programa de Transição.

Uma das tarefas imprescindíveis é a atualização e ajuste dos programas internacional e nacional.

A militância de revolucionários profissionais

Até o Partido Operário Revolucionário, uma das organizações trotskistas de maior importância dos países capitalistas atrasados, não conseguiu, até hoje, se transformar em um partido de revolucionários profissionais, imprescindível para que possa realizar, plenamente, as tarefas voltadas a materializar a revolução proletária, e projetá-la no plano internacional.

Pelo que sabemos, tampouco se colocou, no seio da IV Internacional, a materialização deste problema vital, para encontrar o caminho que conduz à sociedade comunista.

A verdade histórica diz que o partido marxista-leninista-trotskista tem de estar constituído, necessariamente, por revolucionários profissionais, para que possa cumprir devidamente sua tarefa de dirigente da revolução social. Somente neste caso, se pode dizer que o militante porista entrega sua vida à causa revolucionária.

O revolucionário profissional é aquele que se forma para orientar sua capacidade e seu conhecimento, voltados ao objetivo central de contribuir, por excelência, com o cumprimento das tarefas revolucionárias, partindo da potenciação do Partido Operário Revolucionário, isto é, da militância composta de membros devidamente formados.

É preciso destacar que nenhum militante é profissional por receber um soldo do partido, mas porque conseguiu se formar, devidamente, para poder desenvolver suas atividades partidárias, revolucionárias.

A luta revolucionária exige que os militantes, dirigentes ou de base, executem devidamente suas tarefas no trabalho partidário e revolucionário. É preciso reforçar que o Partido de marxista-leninista-trotskista está constituído de profissionais que dominam a teoria marxista, além de que são investigadores dos problemas e da realidade, em todos os aspectos. É preciso acrescentar que também estão devidamente preparados para realizar, com eficácia, os trabalhos manuais, mecânicos, em todas as especialidades próprias da militância partidária e revolucionária.

O trabalho partidário (intelectual e material) exige que o militante revolucionário esteja devidamente formado e treinado, tanto no trabalho manual e intelectual, com o cérebro, com as máquinas, as armas.

O trabalho revolucionário é clandestino e legal

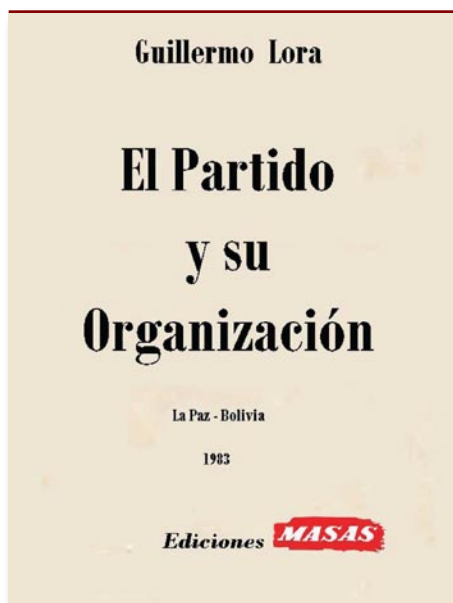
Na sociedade capitalista (expressão do imperialismo, dos capitalismos plenos e atrasados, das metrópoles opressoras e exploradoras, das colônias, etc.), o Partido Revolucionário tem de dar resposta no terreno dos fatos, dos problemas da luta de classes e daqueles que emergem da batalha pela sociedade sem explorados e exploradores, isto é, pela sociedade comunista. Isso supõe a luta do proletariado contra o capitalismo, que é a essência da luta de classes (fundamentalmente, a que se dá

entre o proletariado e a burguesia). A burguesia conta com seu aparato estatal, com seus efetivos armados, policiais e militares, assentados na propriedade privada dos meios de produção. O proletariado conta com seu partido, com sua própria classe e, mais amplamente, com o apoio das massas e nações oprimidas.

Em alguns países oprimidos e explorados pelo imperialismo, ainda que se mantenha a presença do pré-capitalismo, como é o caso boliviano, o proletariado, subjugado pelo capitalismo internacional e nacional, está obrigado a conquistar o apoio das massas e nações empobrecidas, para poder emancipar e libertar os seus aliados.

A classe operária, isto é, seu partido político, tem de consti-

O trabalho partidário (intelectual e material) exige que o militante revolucionário esteja devidamente formado e treinado, tanto no trabalho manual e intelectual, com o cérebro, com as máquinas, as armas.



tuir a aliança das classes oprimidas, com o objetivo de potenciar a luta contra a opressão burguesa. A luta anticapitalista tem de ser devidamente projetada e dirigida pelo partido da classe operária. Não se pode esquecer que somente a sociedade comunista - objetivo estratégico do proletariado - poderá acabar com a opressão e exploração das massas em geral.

É fácil compreender que parte da luta geral do Partido Operário Revolucionário, da propaganda de suas ideias, e às vezes de suas atividades cotidianas, tem de se desenvolver e se expor na clandestinidade, porque violam o ordenamento jurídico burguês, e ameaçam destruir o capitalismo. Grande parte das

atividades partidárias do trotskismo tem, obrigatoriamente, de se desenvolver na mais severa clandestinidade.

No caso de torná-las públicas, se estaria contribuindo para que o partido e o movimento revolucionário das massas sofressem a repressão, não somente a legal, a policial, mas também aquela que destrói fisicamente a militância e o aparato partidário.

Isso exige que os militantes poristas sejam treinados, educados, a desenvolver de maneira satisfatória as atividades clandestinas. Isso supõe que continue aperfeiçoando o trabalho legal, público, da organização.

Permanentemente, o Partido revolucionário e sua militância devem estar devidamente capacitados para desenvolver com êxito, tanto o trabalho legal, público, quanto o clandestino.

Como o Partido Operário Revolucionário deve trabalhar? A organização do Partido e a formação da militância devem responder à necessidade de materializar, com êxito, tanto o trabalho legal, como o subversivo.

A militância porista tem de estar devidamente formada e treinada, tanto para realizar o trabalho legal, público, diante do ordenamento jurídico do país, como o clandestino, contrário às leis, realizado às escondidas, sem deixar sinais, nem do-

cumentos. Tudo isso explica porque os militantes poristas estão devidamente treinados para usar pseudônimos e para aprender a não deixar nenhuma marca em seus trabalhos clandestinos.

Os documentos do trabalho clandestino têm de ser, cuidadosamente, escondidos, e não chegar ao conhecimento das autoridades policiais, e mesmo da opinião pública, mas têm de ser entregues à história do Partido, e de sua luta pela destruição da ordem social burguesa e da construção da sociedade comunista.

Não se deve esquecer que é prejudicial para o movimento revolucionário, para a história do país e para o fortalecimento da luta pela sociedade comunista, que desapareça a verdadeira história do Partido Operário Revolucionário, que constitui a alavanca capaz de impulsionar a luta pela sociedade comunista, sobretudo, nesta etapa da crise profunda do capitalismo agonizante.

Agiganta-se a ameaça da barbárie

A atual crise do capitalismo mundial não é acompanhada pelo despertar do proletariado, cuja radicalização política poderia abrir o caminho para a revolução social. Isto é, agora, quando cai em pedaços o capitalismo, deveria abrir-se o caminho à sociedade comunista.

Diante da crise mundial da sociedade burguesa, nenhum setor social espera que se abra a perspectiva da sociedade sem classes sociais. Então, o que se espera? O homem da rua responderá: não acredito que a sociedade atual sofra modificação alguma. A burguesia continuará comandando as massas, condenadas ao agravamento descomunal de sua miséria.

Não nos enganemos. A potenciação das características catastróficas da atual crise demonstra que a sociedade burguesa foi empurrada, plenamente, à barbárie. O operário, o ser humano, acabará transformando em peça sem cérebro, convertido em um monte de músculos, manejados discricionariamente, e de longe por meio da máquina automática.

A sociedade bárbara terá a finalidade de produzir e produzir, em cujo seio os operários se alimentarão miseravelmente, e acabarão se arrebatando como consequência do trabalho feroz e da alimentação limitadíssima.



(...) uma situação em que exige que a sociedade se lance à luta radical para conseguir se transformar, de maneira que rompa a marcha da barbárie, e que esta seja substituída pela luta revolucionária, voltada a sepultar o capitalismo apodrecido, que já está à porta da barbárie – é preciso transformar o capitalismo em sociedade comunista. A consigna da luta neste momento diz: a revolução já, para evitar que a sociedade burguesa acabe pulverizada em meio à barbárie, que transformará o ser humano em uma máquina a mais e sem cérebro.

Onde está o Partido revolucionário, expressão da luta para conquistar a sociedade sem explorados e exploradores, sem oprimidos, nem opressores? Novamente, comprovamos que a sociedade capitalista em decomposição, quando fecha todas as possibilidades de se orientar para uma sociedade sem explorados, nem exploradores, isto é, para se alcançar o socialismo, caminha com firmeza à barbárie, em que o ser humano é transformado em uma máquina a mais.

Voltamos a reforçar que – uma situação em que exige que a sociedade se lance à luta radical para conseguir se transformar, de maneira que rompa a marcha da barbárie, e que esta seja substituída pela luta revolucionária, voltada a sepultar o capitalismo apodrecido, que já está à porta da barbárie – é preciso transformar o capitalismo em sociedade comunista. A consigna da luta neste momento diz: a revolução já, para evitar que a sociedade burguesa acabe pulverizada em meio à barbárie, que transformará o ser humano em uma máquina a mais e sem cérebro.

E o Partido revolucionário? No plano internacional, encontramos a IV Internacional, armada com seu programa, como artilharia pesada.

Nos países em que se considera sabedoria o fato do partido não ter programa nacional, se está condenado a concluir como um bando de imbecis.

Neste plano, não resta, na Bolívia, senão a esperança de que a IV Internacional lembre ao seu Partido, que recorra a seu Programa para o País, e, dessa maneira, armado, se lance a dirigir as massas exploradas e oprimidas para a revolução social.

Recordemos que, em 1971, o Partido Operário Revolucionário chegou às portas da ditadura do proletariado, por meio da Assembleia Popular. A esta altura dos acontecimentos, é preciso que a direção revolucionária dirija os explorados e oprimidos até a revolução social, e transforme a Assembleia Popular do passado em ditadura do proletariado, abrindo, assim, o caminho até a sociedade comunista.

Outubro de 2008 - (Extraído de Obras Completas, Guillermo Lora, tomo LXX, 2008, Ediciones Masas)



Lições das Obras Completas de Guillermo Lora

Guillermo Lora, julho de 1994

Por que se deu esse passo excepcional na história da esquerda?

Temos de explicar por que demos esse passo – temerário em muitos aspectos –, que é excepcional no desenvolvimento do movimento revolucionário do País. Os partidos de “esquerda”, que conhecemos, tanto no marco nacional quanto internacional, quase sempre se esmeram em ocultar seus documentos e escritos do passado, a fim de não comprometer suas manobras no presente. Citemos um exemplo: quase todos que intervieram na Assembleia Popular – uma indiscutível criação do POR – e que, nesse momento, se esforçam por tirar alguma fatia desse movimento, afirmam que se tratou de um erro de juventude, e preferem ocultar toda referência a ele, a fim de não reanimar algo que lhes cause incômodo para a atual postura democratizante.

Para o marxismo-leninismo-trotskismo, a autocrítica é imprescindível, tanto no trabalho organizativo, quanto para o aperfeiçoamento programático, ou seja, para a superação teórica. O programa se resume no objetivo estratégico (em nosso caso, na revolução e ditadura proletárias). A superação teórico-política do Partido somente é possível se se confrontam, criticamente, as colocações feitas no passado com o desenvolvimento dos acontecimentos. Toda proposição programática é um prognóstico e, por isso, precisa que a prática diária diga se é equivocada ou acertada. Para realizar a autocrítica, precisamos que o que se disse e o que se fez esteja documentado. A militância não pode se formar devidamente à margem de tudo o que foi publicado pelo Partido e seus quadros. Alguns grupos ou partidos, que se reivindicam do marxismo-leninismo-trotskismo, carecem de um programa da revolução em seus respectivos países, o que lhes obriga a se referir unicamente às leis gerais da revolução na sociedade capitalista, passando por alto, por exemplo, sobre as suas particularidades. Não têm um programa explícito, mas sua atuação cotidiana nos permite descobrir qual é o seu conteúdo de classe. A tática que empregam está determinada pelas circunstâncias do momento, e pelas respostas conjunturais que precisam dar. Não é nenhuma novidade que continuem, invariavelmente, no caminho do oportunismo e do reformismo. O exitismo, e tudo o que se faça para alcançá-lo, substitui o programa e o marxismo. O objetivo estratégico, para ser correto, deve ser a expressão da consciência de classe do proletariado, que conclui identificando-se com as leis da história. Aos oportunistas e reformistas, não é bom recordar o que disseram e fizeram no passado, pois, só vivem para o presente, e não podem compreender que sua conduta do passado se concretiza nos frutos que se colhem agora.

O POR – segundo afirmam seus críticos e admiradores – aparece com uma só linha estratégica, eixo fundamental programático. Os oportunistas e revisionistas dizem que isso está mal, porque é preciso ir mudando, conforme se vai transformando a realidade social. Deliberadamente, esquecem que

continuamos vivendo no marco da ordem social capitalista, e que continuará sendo assim, enquanto não se instaure o comunismo. Mais ainda, como estamos integrados – apesar de nosso atraso e nossa extrema miséria – na economia mundial, necessariamente, temos de viver o destino do capitalismo, cujas leis gerais atuam por cima das fronteiras e das particularidades nacionais. É necessário que se tirem as lições da presença vigorosa do trotskismo na história do País, de sua superioridade programática, principista, que vem provar a validade de seu programa.

É fato que o POR cometeu inumeráveis erros em sua existência de meio século, mas há que assinalar que se trata de erros táticos e organizativos, que têm sido constantemente superados com a ajuda da autocrítica, o que tem sido possível, graças à confirmação pelo desenvolvimento histórico do programa, de seu objetivo estratégico. Na atualidade, novamente nos encontramos diante da necessidade histórica de sepultar o capitalismo, para poder arrancar o país do atraso e da miséria. Colocada a possibilidade, é preciso que o partido trabalhe a fundo para convertê-la em realidade, essa é sua tarefa histórica concreta. O cumprimento desse trabalho será facilitado me-

A superação teórico-política do Partido somente é possível se se confrontam, criticamente, as colocações feitas no passado com o desenvolvimento dos acontecimentos. Toda proposição programática é um prognóstico e, por isso, precisa que a prática diária diga se é equivocada ou acertada. Para realizar a autocrítica, precisamos que o que se disse e o que se fez esteja documentado. A militância não pode se formar devidamente à margem de tudo o que foi publicado pelo Partido e seus quadros.

diante a assimilação da experiência, da tradição partidária.

O conhecimento da formação do pensamento do POR e da luta que levaram os militantes mais fiéis a seu programa contra o revisionismo constitui as alavancas que impulsionam a superação teórico-política. O estudo da história do POR é fundamental, sobretudo agora, em que aparece como direção insubstituível das massas, o que lhe obriga o seu fortalecimento imediato.

Na história boliviana, o POR é a única organização partidária que conseguiu identificar-se com o bolchevismo, não somente por sua ideologia e suas normas de organização (centralismo organizativo, severa disciplina, estrutura celular, etc.), mas também porque seus quadros são publicistas políticos, que converteram a polêmica em uma de suas armas mais importantes em sua luta diária.

O atraso do país, que se traduz em primitivismo cultural,

tem incidência contraditória sobre o desenvolvimento político, fenômeno que não foi estudado devidamente, até o momento. É surpreendente a presença de um partido político de publicistas e polemistas de peso, preocupados com a precisão teórica e em estampar em letras grandes todas suas atividades, seus acertos e equívocos, em um país no qual os “esquerdistas” não polemizam, não leem, e consideram que isso de elaborar teorias não é mais do que um sinal de pedantismo, etc. Passemos a analisar brevemente a influência contraditória do atraso cul-

exercem sobre a organização partidária, para que se coloque no mesmo nível, a fim de que a impulsione para frente. É nesse momento que a incultura do país aparece atuando como um enorme muro, que impede que esse processo se cumpra fácil e rapidamente.

O Partido, para poder atuar como alavanca impulsionadora do maior desenvolvimento da consciência de classe, deve começar assimilando criticamente a rica e impressionante obra realizada pelas massas, a fim de traduzi-la em teoria e

generalizá-la. O alfabeto, a riqueza ideológica, a assimilação da experiência do movimento revolucionário internacional são auxiliares indispensáveis para a criação teórica. A partir desse momento, torna-se uma necessidade que os quadros revolucionários atuem como publicistas. As Teses de Pulacayo superam a discussão que se desenvolvia em escala nacional, acerca da caracterização do país, que, ao mesmo tempo, ajuda a assinalar os aspectos diferenciais da revolução social. Trata-se de um verdadeiro aporte ideológico, que veio do campo sindical, e se projetou no seio partidário. Esse fato ocasionou uma espécie de fratura no interior do POR. Os setores conservadores não estavam de acordo com as Teses, ainda que em momento algum se atreveram a colocar a tese de forma franca, isso devido à espetacular ressonância que obteve a divulgação do documento ideológico dos mineiros.

Pela razão indicada, a superação programática do POR, à luz dos avanços conquistados com a penetração no seio das massas, se viu retardada, o que contribuiu

para criar um estado de confusão ideológica e, involuntariamente, contribuiu para que o MNR inflasse suas fileiras.

O que vem a demonstrar a importância que adquire o conhecimento de tudo o que foi publicado pelo trotskismo em matéria ideológica. A publicação das Obras Completas tem o objetivo de ajudar as correntes marxistas do País a evoluir para o trotskismo. De maneira mais geral, a leitura dos volumes, que vão surgindo, permitirá compreender de que maneira o trotskismo foi se apoderando das massas, até chegar a expressar a consciência de classe do proletariado. Para surpresa de todos, diremos que esse processo se cumpriu em um período relativamente curto.

Com certo atraso, o POR conseguiu avançar no plano programático, e assinalou com precisão o caminho que percorreria a política boliviana. A partir daí, o trotskismo se colocou na vanguarda das massas, toda vez que estas se colocaram em situações de radicalização.

O excepcional caminho percorrido pelo Partido Operário Revolucionário

O marxismo-leninismo-trotskismo boliviano realizou tarefas surpreendentes para os observadores, dentro e fora do País.

A interrelação entre partido e massas, quando estas avançam a passos largos, se concretiza na pressão que estas exercem sobre a organização partidária, para que se coloque no mesmo nível, a fim de que a impulsione para frente.

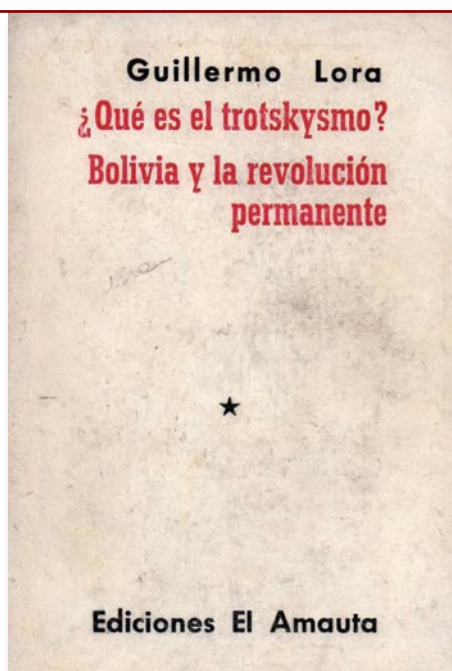
tural sobre o processo político e a vida partidária.

a) As massas bolivianas reproduzem o atraso cultural. No entanto, são altamente politizadas e, por isso, têm conseguido transformar a história do país. A análise dessa contradição permite compreender o desenvolvimento da política.

Durante muito tempo, tanto do campo sindical quanto socialista, se partiu do pressuposto de que a escola e o alfabeto poderiam contribuir à libertação dos explorados e oprimidos, o que de alguma forma se aproxima das colocações da classe dominante e da igreja, interessados em domesticar os escravos modernos e os indígenas. Para muitos, foi uma surpresa que, impulsionado o alfabeto, as massas incultas se aproximassem da expressão mais avançada do marxismo, leninismo, do trotskismo, que não é outra coisa, senão as Teses de Pulacayo, documento ideológico famoso, e que continua conservando sua atualidade, como demonstram os últimos ataques do governo Goni contra os que politizam as massas, e que não seriam outros senão os trotskistas.

Foi possível um salto tão descomunal no desenvolvimento da consciência de classe (que não é outra coisa senão a política revolucionária do proletariado), porque as massas eram politicamente virgens (incultas), fato que se traduz na falta de bloqueios mentais, de esquemas teóricos social-democratas, anarquistas ou estalinistas, o que determinou que, de um só salto, chegassem ao ponto mais elevado do marxismo. A partir desse momento, a política revolucionária do proletariado abriu um profundo sulco para que as massas, não só radicalizassem, mas avançassem para sua libertação, que se materializará por meio da revolução e ditadura proletárias (na Bolívia, um verdadeiro governo operário-camponês).

b) A interrelação entre partido e massas, quando estas avançam a passos largos, se concretiza na pressão que estas



Os passos percorridos marcam as profundas transformações que se deram ao longo da história dos explorados e oprimidos e, portanto, da Bolívia.

- a) A penetração no seio das massas com a ajuda das Teses de Pulacayo, um documento que parte do Programa de Transição da Quarta Internacional, e que define as questões de caracterização do país e da estratégia da luta revolucionária, permitiu que o Partido Operário Revolucionário penetrasse profundamente no seio dos explorados e oprimidos, e começasse o processo de trotskização do País.

Sabemos que foi a primeira vez no mundo em que se conseguiu que o programa ideológico do movimento de massas seja uma versão do programa da Quarta Internacional. As Teses de Pulacayo têm outro significado. Desde 1946, permanecem como guia, como direção das massas, quando se radicalizam e ganham as ruas, para lutar contra a opressão capitalista estrangeira, e para conquistar melhores condições de vida e de trabalho.

Às vezes, o POR aparece debilitado na ação diária, por erros táticos e organizativos cometidos, mas a tendência revolucionária trotskista permanece como força vigente. Os governos capitalistas de turno se veem obrigados a se lançarem contra o fantasma porista, e a colocarem a urgência de despolitizar as massas. Tudo isso volta a se repetir quando escrevemos essas linhas. Goni está desesperado para descobrir o meio (talvez por meio da Lei da Reforma Educacional) que lhe permita calar as massas constantemente sublevadas. Tudo isso explica a permanência no cenário político do Partido Operário Revolucionário, que se projeta como um gigante imbatível.

- b) O nacionalismo de conteúdo burguês, em que o MNR é sua expressão mais importante, constitui, no país atrasado, que é a Bolívia, a tendência mais importante, e que tem deixado sua impressão em todo o processo político. Tomar uma posição clara diante do nacionalismo se transforma em uma obrigação irrecusável. Em outras latitudes, o estalinismo jogou esse papel.

O POR, expressão política revolucionária do proletariado, assinalou a natureza do movimentismo, no momento de maior poderio dessa corrente, e prognosticou que estava condenada a se transformar em um instrumento nas mãos do imperialismo, e que seria utilizado contra o próprio proletariado boliviano. Em outras palavras, o fracasso do esquema de desenvolvimento global e independente da economia, no marco do imperialismo – esse foi o conteúdo da política movimentista – colocou em evidência o equívoco da proposta movimentista, e ratificou a justeza da conclusão trotskista, no sentido de que o país já estava vivendo sua experiência capitalista, sob a forma do atraso e da economia combinada.

Também é preciso ter claro que o trotskismo explicou oportunamente as razões que impulsionaram o governo de Villarroel-Paz Estenssoro a ajudar na organização dos trabalhadores mineiros na FSTMB – procurando o apoio político contra o bloco formado pela oligarquia e o estalinismo – e assinalou que, assim que o proletariado começasse a caminhar com seus próprios pés, a conquistar sua independência de classe, diante de todas as manifestações

dos donos do poder econômico e político, não poderia se não pressionar os donos do governo para que se deslocassem para a trincheira imperialista, única maneira de pôr a salvo a propriedade privada burguesa, diante da crescente ameaça dos trabalhadores assalariados. No terreno dos fatos, foi se comprovando que os nacionalistas começam levantando a bandeira da libertação nacional, e acabam prostrados diante do imperialismo. A profecia foi ratificada plenamente pelo desenvolvimento histórico. O partido de conteúdo capitalista acabou convertendo-se em burguês empresarial. Aqueles que em 1952 combateram Patiño – o “Rei do estanho” – acabaram, em nossos dias, convertendo-se em chefe de seu partido, o Patiño de hoje, o gringo Goni Patiño.

Assim, comprovamos o cumprimento da lei geral que rege o destino dos movimentos nacionalistas de conteúdo burguês, e que foi assinalado de maneira precisa por Trotsky. O proletariado – em nosso caso, fundamentalmente mineiro – constitui a força que empurra a classe dominante nacional, a sua expressão mais avançada, para a trincheira imperialista, para converter-se, assim, na encarnação da antipátria. Foi o trotskismo, o POR, quem impulsionou a independência de classe do proletariado, o desenvolvimento de sua consciência de classe, e concluiu encarnando-as. Aqui está a transcendência histórica desse partido-programa, chamado Partido Operário Revolucionário.

- c) Ao longo da história boliviana, o POR aparece como o dirigente das massas, que lutam por hastear seu próprio programa, sua estratégia particular, seus métodos de luta diferentes e opostos aos da classe dominante.

Pode-se comprovar que o trotskismo dirigiu a marcha das massas contra os governos movimentistas e nacionalistas de direita (militaristas e fascizantes), sempre afirmando a independência dos explorados e oprimidos. O combate ao nacionalismo de conteúdo burguês das mais diversas tendências foi levado adiante, como expressão da política revolucionária do proletariado, e de nenhuma maneira como manifestações da política da burguesia. Assim, se concluiu enfatizando a luta de classes, e repudiando o colaboracionismo e o reformismo das mais diferentes matizes.

Em certos momentos, os adversários viam na atitude do trotskismo uma simples pose, deliberadamente extremista, mas se tratava de uma política consequente, voltada a materializar o objetivo estratégico, a revolução e ditadura proletárias, que para os “esquerdistas” parecia um radicalismo utópico, e até absurdo.

O POR atuou convencido de que, somente ganhando as massas para o programa revolucionário, é possível concluir concretizando o objetivo estratégico que se persegue, e que é uma necessidade histórica para a sociedade.

Por que o trotskismo boliviano pôde desenvolver, consequentemente, o mesmo objetivo político e, que, em última instância, ganhou admiração dos próximos e dos estranhos? Porque nasceu e se desenvolveu como programa-partido. Seu objetivo estratégico, expressão das leis que regem a vida da sociedade, o impediu de sucumbir diante do exitismo conjuntural, ou confundir-se, em meio às profundas oscilações da situação política, com a ampla gama

de agrupamentos reformistas-opportunistas. O POR sempre se esforçou em diferenciar-se, tanto do nacionalismo de conteúdo burguês, como dos “esquerdistas” reformistas-revisionistas, estalinistas, etc.

- d) No começo dos anos 70, do presente século – mais concretamente, sob o governo burguês do general Torres, que se esgotou em seu empenho de ganhar o apoio político das massas –, pôde conseguir que o Comando Político da COB e do Povo se transformasse em Assembleia Popular, órgão de poder, que colocou a dualidade de poder. Dessa maneira, se assinalou o caminho que deve percorrer para a instauração do governo operário-camponês (ditadura do proletariado).

A tática frentista desenvolvida pelo Partido Operário Revolucionário

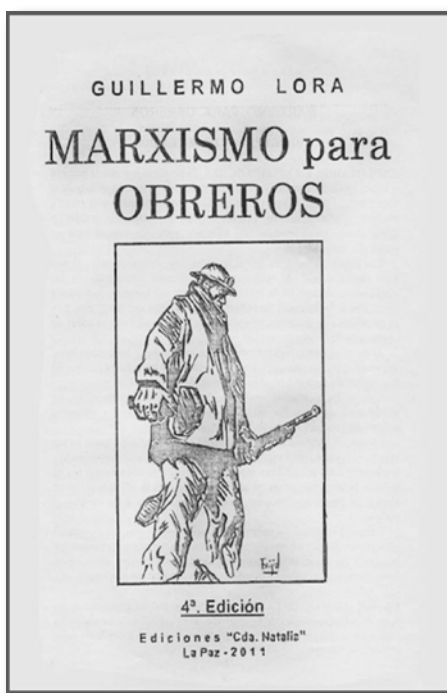
A politicagem nacional é sinônimo de mentira, de falsificação. Outra coisa é a política que é expressão da política revolucionária do proletariado, enfim, da luta de classes. Tem como escudo a verdade e a ciência, porque é expressão das leis da história.

O POR, ao longo da história, nunca mentiu, só disse a verdade. Quando se equivocou no plano tático, reconheceu em voz alta seu erro, e o retificou radicalmente. Demonstrou ter uma moral severíssima, isso porque só fez e só faz o que permite aproximar as massas do poder, e rechaça tudo o que contribui a afastá-la de tal objetivo estratégico. Os politiqueros rechaçam essa moral de aço, porque a consideram resultado do fanatismo, etc.

O trotskismo sabe que chegará ao poder junto com as massas vitoriosas, não por meio de um golpe de Estado, ou se juntando a um governo burguês. Isso que para muitos é uma severidade absurda, tem sido posto em prática de maneira invariável. O oportunismo barato não tem lugar em suas fileiras, e tampouco a conduta criminoso ou imoral.

Os Estatutos do POR, uma síntese das conquistas do marxismo-leninismo-trotskismo no assunto, punem com uma severidade extrema os delitos de delação (não se esqueça de que o POR realiza simultaneamente tarefas legais e clandestinas), e de apropriação de dinheiro do Partido. Não podem permanecer nas fileiras do Partido, que contribui à libertação dos explorados e oprimidos, os delatores e ladrões.

Para o Partido, constitui uma prioridade ganhar as massas para o programa da revolução, precisamente. Esse objetivo é o que determina o caráter da tática frentista, que, em várias oportunidades, o POR soube levar à prática.



O POR, ao longo da história, nunca mentiu, só disse a verdade. Quando se equivocou no plano tático, reconheceu em voz alta seu erro, e o retificou radicalmente. Demonstrou ter uma moral severíssima, isso porque só fez e só faz o que permite aproximar as massas do poder, e rechaça tudo o que contribui a afastá-la de tal objetivo estratégico. Os politiqueros rechaçam essa moral de aço, porque a consideram resultado do fanatismo, etc.

Não se trata de utilizar a impostura, a mentira, etc., de maneira deliberada e procurando que os aliados circunstanciais possam ser vítimas do engano. Rechaça a tolice de que a política frentista obriga os partidos interessados a deixar na porta seu programa, seus princípios, a sacrificar-se, a por em risco seu próprio fortalecimento, tudo para poder colocar em pé uma frente. O POR, quando se trata de ir a um acordo frentista, proclama em voz alta que luta para impor seu programa, e que se respeite o direito de criticar os aliados, toda vez que se afastem do programa da frente; estas exigências se explicam por que, com a tática frentista, se busca o fortalecimento do partido revolucionário, que se conseguirá ganhando para suas posições os militantes de outras organizações partidárias incorporadas na frente. Um dos exemplos da aplicação da tática frentista do POR foi a Frente Revolucionária Anti-imperialista, constituída como resposta ao golpe do direita Banzer, o qual frustrou a Assembleia Popular.

O desenvolvimento histórico do Partido Operário Revolucionário, e sua constante superação programática e tática, aparecem com clareza, no plano da tática frentista, que corresponde aplicar nos países capitalistas atrasados.

Como ocorre em todos os partidos trotskistas do mundo, a divulgação dos escritos, polêmicas, etc., produzidos em outras seções, tiveram enorme importância no seio do POR, e na adoção de determinadas medidas táticas. O POR se foi formando em meio à discussão com as correntes estalinistas, no caso em que nos interessava, contra a deformação da

frente anti-imperialista pela política do Kremlin, que acabou subordinando o movimento operário e popular à burguesia. No início, era muito difícil compreender que a burocracia termidoriana, termo empregado por Trotsky, era já um canal de expressão da política burguesa internacional. No início, sobretudo, na época da aprovação das Teses de Pulacayo – durante algum tempo apareceu como o programa do partido –, foi lançada a consigna da Frente Única Proletária (FUP). Durante as eleições gerais de início de 1947 (os documentos desse caso aparecem no primeiro tomo das Obras Completas), o pacto político entre o POR e a FSTMB ostentou o rótulo de FUP.

Essa política frentista era aplicada, sobretudo, à aliança operário-camponesa, que, para os trotskistas bolivianos, sempre compreendeu a necessidade que tinha o proletariado numericamente minoritário de arrastar, para sua política revolucionária, a nação oprimida pelo imperialismo, os setores majoritários das massas. De maneira leviana, instintiva (esta-

mos referindo-nos à orientação da classe operária), lutam por aplicar a tática da frente única anti-imperialista, sob o invólucro de frente única proletária, tática própria para as grandes metrópoles capitalistas, como foi assinalada nos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista, que também o POR reconhecia como os fundamentos de seu programa.

Foi durante as discussões com o pablismo, que começou a formular-se a tática da frente única anti-imperialista, e que mais tarde foi precisada – na teoria e na prática – pouco antes da constituição da FRA. Para os poristas, a COB da primeira época e a Assembleia Popular eram frentes anti-imperialistas. Podemos dizer que o POR, também nesse tema, se voltou ao leninismo. Trata-se de um dos aspectos da luta política, na qual o POR lutou para impor suas conquistas no plano internacional, por meio das discussões com algumas seções do movimento da Quarta Internacional.

Para onde caminha atualmente o Partido Operário Revolucionário?

O POR atravessou épocas revolucionárias e também reacionárias, o que explica que apareça, ao longo de sua história, como o eixo central da luta política, com muita popularidade, e quase totalmente isolado, defendendo seu programa e suas ideias, sem ser ouvido. Os trotskistas bolivianos sabem, pela própria experiência, o que é nadar a favor e contra a corrente. A existência de um claro objetivo estratégico, enfim, do programa, permitiu que os poristas assinalassem como comparecem os períodos reacionários, sem claudicar diante do oportunismo ou do reformismo, caminhos que levam à trincheira da classe dominante. Sabem que, nas etapas reacionárias, deve-se continuar trabalhando politicamente, em meio à impopularidade, para plantar, diante da indiferença de todos, a bandeira revolucionária, que se tornará em referência política, quando ocorrer o ascenso revolucionário das massas.

A radicalização das massas eleva o POR à crista da onda revolucionária; as massas se soldam ousadamente com sua direção política. É o que demonstra a história do Partido. Nas situações revolucionárias, ocorre uma marcada tendência para o fortalecimento partidário e que, quase sempre, se choca com as correntes conservadoras em matéria organizativa, que, muitas vezes, se traduziu em crises internas. A experiência vivida ensina que, quase sempre, por trás das diferenças organizativas, se escondem as diferenças programáticas. Os trotskistas bolivianos sabem que também as cisões são o caminho que conduz à construção e fortalecimento partidários. O programa (o atual

é o quarto, no constante esforço para que o Partido se supere teórica e politicamente) constitui o eixo que permite viver e superar este processo de aproximação para a conquista do poder e o fortalecimento do Partido.

Na atualidade, voltamos a viver uma situação revolucionária, que tende a se aprofundar, a se transformar em insurrecional (falamos somente de uma tendência). Será com o trabalho partidário correto, em todos os aspectos, que se poderá converter a possibilidade em realidade. Isso explica por que, agora,

A existência de um claro objetivo estratégico, enfim, do programa, permitiu que os poristas assinalassem como comparecem os períodos reacionários, sem claudicar diante do oportunismo ou do reformismo, caminhos que levam à trincheira da classe dominante. Sabem que, nas etapas reacionárias, deve-se continuar trabalhando politicamente, em meio à impopularidade, para plantar, diante da indiferença de todos, a bandeira revolucionária, que se tornará uma referência política, quando ocorrer o ascenso revolucionário das massas.

o POR volta a transformar-se em um polo da política revolucionária, que se enfrenta com a burguesia – imperialismo e o governo. No futuro imediato, os trotskistas jogarão o papel de dirigentes da luta das massas contra o capitalismo putrefato. A vitória ou a derrota das massas será de responsabilidade do POR, que volta a assinalar o caminho da vitória. Para obter a vitória, o fortalecimento político, deve ser acompanhado com a potenciação política, que, nesse momento, se concretiza na firme penetração no seio das massas.

Os materiais que aparecem nesse primeiro tomo das Obras Completas, e os que serão incluídos nos posteriores, ajudarão a compreender todo o rico processo que se viveu até agora, e a projeção futura da política porista, inseparável da evolução das massas, e da própria história da Bolívia. Entregamos ao leitor documentos que podem permitir compreender as leis da história do país, e servir-lhe como material para sua superação política e teórica.

Julho de 1994 - (Extraído das Ediciones “Muela Del Diablo”, Guillermo Lora)



R\$ 35

ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR:

100 anos da Revolução Russa

A primeira revolução socialista colocou a via da tomada do poder pelo proletariado e a abertura da transição do capitalismo para o socialismo. Este livro procura expressar os 100 anos da Revolução Russa sob a bandeira da IV Internacional e da tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista.

III. PALESTRA

Apresentação do livro as Quatro Internacionais, em 18 de março de 1986, na Universidade Mayor de San Andres (UMSA), La Paz

Apresentação do livro as Quatro Internacionais

Palestra realizada por Guillermo Lora

Obrigado àqueles que elogiaram “As Quatro Internacionais”, que é uma obra simples, apesar de todo o trabalho que tive na sua elaboração, por ter tido de pesquisar uma série de dados e documentos em um país tão pouco informado, como a Bolívia. Em resposta a essas apresentações, cabe-me esclarecer um problema que não consta diretamente no livro. Esta noite, quero apresentar as minhas opiniões sobre a construção da Internacional Revolucionária. É um tema extremamente controverso, e que precisa de muita ousadia para ser desenvolvido. Eu o faço, porque considero que é meu dever e porque, por eu ter escrito a história das Internacionais, em certa medida, me tornei apto a trazer reflexões de tudo o que aconteceu até agora.

Companheiros, vivemos em um mundo constituído como uma unidade, no mundo capitalista. A classe exploradora e o imperialismo atuam por cima das fronteiras nacionais. Os países, para se libertarem, têm de lutar contra esse monstruoso opressor. A classe operária é uma só em todo o mundo. O Manifesto do Partido Comunista diz: “Os operários não têm pátria.” Uma bandeira que está viva, e há que reivindicá-la. No caso dos países atrasados, nos quais a defesa da fronteira nacional diante da pressão imperialista é um ato progressista, faz parte da libertação nacional, que é uma das tarefas básicas da luta revolucionária de nossa época. A classe operária, explorada em toda parte, no interior do modo de produção capitalista, tem interesses comuns. Além dos interesses imediatos comuns, tem objetivos estratégicos e históricos iguais. Isso é, para se libertar em todos os lugares, tem que destruir a propriedade privada, realizar a revolução proletária e instaurar a sua própria ditadura de classe. Se é assim, fazemos parte de uma única classe mundial, e objetivamos a emancipação diante de um inimigo que age por cima das fronteiras nacionais. É claro que temos de construir um partido mundial da revolução socialista, um partido bolchevique, centralizado, estruturado de acordo com as normas do centralismo democrático, com um programa revolucionário que expresse esses interesses históricos dos explorados. Ou seja, a Internacional. A Internacional, que tantos esforços custaram até agora ao proletariado. Foi o que passou com a Primeira Internacional; é o que pretendeu ser a Segunda e o que foi a Terceira, e o que deveria estar nas metas do Programa de Transição da Quarta. Eis por que é preciso entender as razões pelas quais não temos hoje uma Internacional. O que é uma tragédia para a humanidade.

As condições objetivas, o desenvolvimento das forças produtivas - o surgimento do trabalho social, o avanço do domínio do homem sobre a natureza, as conquistas da ciência e da maquinaria, enfim, a economia mundial - criaram as bases materiais para a estruturação de uma sociedade sem classes, a sociedade comunista. No entanto, a revolução se acha atrasada. Se olharmos para

metrópoles, como os EUA, vemos o proletariado subordinado à burguesia. Se olharmos para países atrasados, como os latino-americanos, vemos uma classe operária dispersa nas fronteiras nacionais, sem direção, sem projeção para uma nova sociedade. O que aconteceu? Constatamos a inexistência hoje da estruturação do partido mundial. Há uma falha na maturação da consciência de classe do proletariado. O fator subjetivo da revolução sofreu um retrocesso histórico, assim chega aos nossos dias sem ter amadurecido, por isso a revolução proletária não pôde acontecer. Como consequência, a humanidade se afunda na barbárie capitalista - uma de suas expressões, precisamente, é o fascismo. E o que vamos fazer? Devemos estruturar a Internacional revolucionária, a Quarta Internacional. Mas como vamos fazer este trabalho? Permitam-me expor algumas conclusões da história das quatro Internacionais. Brevíssimas considerações que possibilitarão justificar as conclusões que irei apresentar.

A Primeira Internacional

A Primeira Internacional foi fundada em 1864. O trabalho de Marx e Engels foi fundamental. Os documentos básicos da organização saíram da pena de Karl Marx. E o programa da Primeira Internacional é um modelo em seu gênero, é uma obra-prima. O que é que Marx e o Engels queriam? Reunir todos os movimentos socialistas e comunistas, ou operários que apareceram no mundo. Que já eram internacionalistas. Antecederam a Internacional, a Liga dos Proscritos, a Liga dos Justos e a Liga dos Comunistas, organização para a qual foi redigido o Manifesto Comunista de 1848. Como trabalharam Marx e Engels? Reuniram elementos que não estavam no marco de suas posições teóricas. Não havia a possibilidade de pôr em pé um partido baseado nos moldes do Manifesto Comunista. Partidários de Lassalle, dos sindicatos ingleses, dos franceses proudhonianos se uniram na Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional). Mas, Marx e Engels - e esta é uma das grandes lições que precisamos aprender -, não se adaptaram ao atraso e preconceitos da classe operária. Marx e Engels não compactuaram teoricamente com os proudhonianos ou com os partidários de Lassalle, ou com os “tradeunistas” (sindicalistas). Não! Eles trabalharam, inicialmente, em uma Internacional heterogênea, para generalizar, propagar as ideias do materialismo histórico, do socialismo científico e da ideologia proletária do movimento revolucionário. Polemizaram e trabalharam em comum no interior da Primeira Internacional, para que o movimento socialista evoluísse. Para que as massas dessem um salto, um passo na evolução de sua consciência. Marx, em sua crítica ao Programa de Gotha, afirma: “Mais vale um passo à frente do movimento, do que 500 programas”. É isso mesmo. É necessário utilizar métodos pedagógicos, é necessário compreender a situação real das massas, para criar as condições para as revoluções, para fazer com

que avancem. Essa é a missão da vanguarda revolucionária. Devemos seguir esse maravilhoso exemplo deixado por Marx e Engels, exemplo que não deve nunca ser esquecido.

Agora, principalmente, devemos lembrar: o que aconteceu com a Primeira Internacional? Em um dado momento, o conflito com os anarquistas - inimigos da ação política, do partido político, da ditadura do proletariado - chegou ao extremo. Praticamente, se anularam os movimentos da Internacional. Marx e Engels celebraram memoráveis batalhas contra o anarquismo, considerado como uma ideologia pequeno-burguesa, oposta à ideologia proletária. E quando o movimento socialista, quando as organizações operárias se desenvolveram em grande parte da Europa, quando avançou o movimento socialista e quando se alcançou certa homogeneidade nas formulações programáticas e teóricas, a Primeira Internacional já havia se esgotado internamente como direção revolucionária, já não correspondia ao grau de desenvolvimento que chegou o movimento socialista. Teve de ser dissolvida. Sua direção foi transferida para os EUA, agonizou e foi formalmente dissolvida.

A I Internacional durou nove anos e realizou cinco Congressos. Cinco memoráveis Congressos, incorporando-se à batalha revolucionária do movimento operário. Colocou-se pela libertação das mulheres. Analisou, magistralmente, tanto o papel das organizações sindicais quanto o das greves. Essa extraordinária experiência, no entanto, nos demonstra que a Internacional, que aparece em um certo momento, pode se esgotar internamente. O que torna necessária a coragem de dissolvê-la, para, apoiados nos seus ensinamentos, construir outra organização superior. Essa foi a mentalidade de Marx e Engels.

Marx morreu em 1883 e, antes de sua morte, muitos de seus partidários propuseram constituir uma outra Internacional, a Segunda. Marx se opôs, afirmando que no momento não seria oportuna. Somente em 1889, sob a presença de Engels, constituiu-se a Segunda Internacional socialdemocrata, que, segundo Engels, deveria ser uma Internacional marxista, uma Internacional revolucionária, que tivesse o Manifesto Comunista como programa. Mas, as novas condições marcaram a fogo suas características. O capitalismo monopolista se desenvolvia mundialmente. Seu desenvolvimento começou em 1870 e se consolidou no período de 1914. Foi uma época em que transpareceu, nitidamente, a decadência do capitalismo, embora ainda houvesse um desenvolvimento relativo das forças produtivas, particularmente em algumas regiões. Foi a época do auge do parlamentarismo, das grandes reformas sociais e legais e da adoção da legislação social.

A Segunda Internacional

A Segunda internacional, diferente da Primeira, mostrou extrema fraqueza organizacional. As ideias federativas afloraram por toda parte. Cada partido socialista tinha uma grande independência, não constituindo um partido mundial centralizado e, dessa forma, não existia realmente uma Internacional. Era uma Internacional europeia. Embora continuasse existindo colônias, ainda assim, alguns partidos de países atrasados, semicoloniais, como a Argentina, se incorporaram à Segunda Internacional. Mas o que aconteceu? Afloraram as tendências revisionistas, como um reflexo do grande predomínio dos partidos das metrópoles imperialistas no campo do socialismo. Alguns falaram sobre a existência de um "colonialismo socialista". Ou seja, o governo operário continuaria mantendo as colônias, que implica a exploração e a

opressão dos povos. Ao mesmo tempo, era clara a atitude paternalista dos socialistas das grandes metrópoles em relação aos movimentos de libertação nacional.

Na verdade, na Segunda Internacional, em todos os momentos, se encontravam as diretrizes do reformismo. Quando os reformistas proclamavam a necessidade da luta para conseguir as leis de proteção ao trabalho, a jornada de oito horas e a legislação social estavam abrindo o campo do legalismo. Diluíam-se na luta legal e abandonavam a ação direta. Discutiam longamente sobre a greve geral, sobre a greve política, que já havia demonstrado a sua validade na Revolução Russa de 1905. Mas, a contragosto, com muita dificuldade, passavam a aceitar a utilização dessa forma elevada de ação direta, a greve, porque continuavam, sobretudo, como parlamentaristas.

A Segunda Internacional ficou cega diante da impressão que causou a socialdemocracia alemã, com seus surpreendentes êxitos parlamentares. Tinha uma esmagadora maioria parlamentar. Por que os socialdemocratas obtiveram tanto êxito? Porque a Segunda Internacional tolerava as tendências reformistas em seu seio, posição essa adotada em todos os países. Não expulsavam aqueles que abandonavam os fundamentos do marxismo, porque não queriam se enfraquecer eleitoralmente. Na verdade, o legalismo e o parlamentarismo fecharam o caminho da luta pelo poder. Os socialdemocratas de todo o mundo eram basicamente os reformistas, e, quando lutavam sozinhos pelas reformas dentro do capitalismo, se esqueciam do programa socialista, da luta pelo poder político. Os socialdemocratas foram vítimas de suas próprias ações.

Os movimentos socialistas, nessa época, apresentavam dois programas. O programa mínimo, onde estavam inscritas as reformas do momento, sem tocar no regime capitalista. O programa mínimo poderia ser alcançado a partir do parlamento, através de mudanças nas leis. Isso é o reformismo. O programa socialista, que era o da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social, ficava para um futuro indefinido. O que aconteceu na prática? Os partidos revisionistas do marxismo limitaram-se à luta pela reforma, tornando-se reformistas. Subordinavam a tática da ação direta ao parlamentarismo. Colocavam à margem os objetivos da conquista do poder, do socialismo. Assim, concluíram como reformistas e, deliberadamente, aos poucos, foram fechando o caminho da conquista do poder pela classe operária. Além disso, a própria estrutura federativa da Segunda Internacional condicionava a sua estrutura organizativa, que, por sua vez, levava à deformação do programa socialista.

Em 1899, a Segunda Internacional completou dez anos. O socialista Millerand tornou-se ministro de um governo burguês na França. Vejam bem! Um socialista fazendo parte, como indivíduo, de um governo reacionário! Aparentemente, a Segunda Internacional repudiou o ministerialismo, assim se denomina esse desvio. Notem que, na Bolívia, o ministerialismo está se propagando em nosso meio. A esquerda está afundada no ministerialismo.

O que fez a Segunda? Na aparência, repudiou. O partido francês expulsou Millerand, e ele formou seu próprio partido, e a Segunda Internacional repudiou o ministerialismo. Mas como o fez? O fez em palavras. Disse que não se podia aceitar a filiação individual de um socialista a um governo burguês. Seria possível, no entanto, participar em um governo deste tipo, caso se tivesse por objetivo obter grandes conquistas, partindo da luta de classes. Assim a política reformista, em certas circunstâncias, seria possível no interior de governos burgueses.

Sobre o problema da guerra

Os marxistas da Primeira e da Segunda Internacional pontuaram de forma correta: a guerra é a consequência das rivalidades econômicas entre os grandes países capitalistas. Por isso, é inevitável. É uma expressão do choque das forças produtivas com a propriedade privada dos meios de produção capitalistas. O que fazer? Como evitar a guerra? Nessa situação, surge uma imensa gama de soluções, a exemplo dos comitês de arbitragem internacional, desarmamento pacifista e a luta organizada da classe operária. A postura pacifista pequeno-burguesa acredita ser possível o desarmamento e o acordo de paz. As posições revolucionárias, também presentes no interior da Segunda Internacional, ao contrário das falsas soluções burguesas e pequeno-burguesas, defenderam que se tratava de aproveitar a crise econômica e política para transformar a guerra imperialista em guerra civil. Ou seja, para transformar a guerra em revolução. A tarefa era a de transformar a sociedade a partir da inevitabilidade da guerra internacional. O principal método era, portanto, o da ação direta das massas. E existia ainda o famoso Manifesto de Basileia. Se explodisse a guerra, dever-se-ia responder com a greve geral, e aproveitar as consequências dos conflitos para desencadear a revolução social.

Em 4 de agosto de 1914, a Inglaterra entrou na guerra. A Primeira Guerra Mundial converteu-se em um dia trágico para a socialdemocracia. Os dirigentes de grande parte dos partidos socialistas se incorporam aos governos burgueses, para defender as suas pátrias. Esses marxistas, que haviam lido no Manifesto Comunista que os operários não têm pátria, abandonaram suas posições. No Parlamento, votaram a favor do orçamento de guerra. Assim, concordaram que os países gastassem recursos para comprar armas e vencer o inimigo internacional. Tornaram-se socialchauvinistas. Fundiram o reformismo com o patriotismo imperialista. Lênin travou um combate mortal à degeneração socialchauvinista, caracterizando com precisão: “A Segunda Internacional morreu, viva a Terceira Internacional!”.

Como podemos ver, a Segunda Internacional não conseguiu formar-se como o partido mundial da revolução. Foi, finalmente, destruída pelas tendências revisionistas e patrióticas, que apareceram em seu seio. Foi destruída internamente, por uma poderosa pressão das circunstâncias, nas quais se desenvolvia a sociedade capitalista.

Os internacionalistas ficaram em minoria em todo o mundo. Reuniram-se em 1915 na Conferência de Zimmerwald, e em 1916, na Conferência de Khiental. Dentre o pequeno número de internacionalistas, nem todos concordavam em fundar a Terceira Internacional. Estiveram presentes em Zimmerwald Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Franz Mehring, etc. E o que propunham? Uma batalha frontal, heroica, contra o social-patriotismo e contra as tendências centristas da Segunda Internacional, que oscilavam entre o internacionalismo proletário e as posições socialchauvinistas, combatiam a Segunda e Meia Internacional, que os centristas haviam organizado. Assim abria caminho há Terceira Internacional.

Revolução Russa

Em 1917, ocorreu a vitória proletária na Rússia. Desencadeia-se uma nova onda revolucionária, que se extinguirá com o fracasso, com a revolução alemã, em 1921. Assinalo aqui que a Revolução Russa ganhou, inclusive, uma enorme repercussão no altiplano da Bolívia. E muito mais em outros países, influenciados pelo internacionalismo. Em janeiro de 1919, circulou uma convocação a

todos os internacionalistas do mundo, para que se concentrassem em Moscou, para constituir a Terceira Internacional. Em março, Lênin abre a reunião com um pequeno número de delegados, apenas 20, que tiveram de contornar o bloqueio imposto pelos governos capitalistas, superando a vigilância policial. Assim nasceu a Terceira Internacional, como partido mundial único, como partido bolchevique mundial, como partido centralizado, como partido com um programa que tem por base a República dos soviets, que se assenta nos fundamentos marxistas da revolução e a ditadura proletária, que combate o parlamentarismo, que coloca em primeiro lugar a ação direta e se guia pelo objetivo da criação dos soviets e dos conselhos operários, organismos de poder que permitem, por meio da dualidade de poderes, conquistar o poder pela classe operária.

A recém-criada Internacional analisou todos os problemas, da estratégia e da tática revolucionárias a serem desenvolvidas em todo o mundo. Em seus Quatro Primeiros Congressos (1919, 1920, 1921 e 1922), foram aprovados os documentos programáticos, redigidos e discutidos sob a intervenção de Lênin e de Trotsky. A Terceira Internacional incorporou, definitivamente, os povos coloniais. Pela primeira vez, elaborou os fundamentos programáticos da revolução nas colônias e semicolônias. Incorporou a mulher na luta revolucionária, criando uma organização especial de mulheres, que se apoiou na juventude. A Terceira Internacional enfrentou enormes obstáculos para se transformar em uma direção única das massas. Essa é mais uma das grandes lições que temos de incorporar.

As teses e os programas, em si mesmos, não são suficientes. É preciso abrir caminho entre as massas, encontrar a tática para que as ideias penetrem no proletariado e o transforme. A Terceira Internacional desenvolveu os recursos táticos para cumprir esse objetivo. Estava diante de um problema: como ficariam as massas controladas pela socialdemocracia? No ano de 1919, houve uma grande invasão de socialdemocratas em seu interior. Era preciso fechar as portas aos revisionistas. Assim, foram aprovadas 21 condições para a admissão na Internacional. Condições severas, objetivando afastar os revisionistas, disciplinar as publicações de todas as seções, centralizando as suas direções. Excluíram elementos ligados à Maçonaria, etc.

O problema que permanecia era o de dirigir as organizações de massa. No seu quarto Congresso, de 1922, a Terceira Internacional estabeleceu a tática de frente única proletária, a ser aplicada nas metrópoles, onde o proletariado era a maioria da população. Era preciso extirpar a socialdemocracia. Mas como fazer? Tratava-se de elaborar um programa de luta anticapitalista, e enfrentar no interior do proletariado a socialdemocracia. A frente única proletária possibilitava a liberdade de crítica aos eventuais aliados, para mostrar às massas as consequências da socialdemocracia. Mas como constituir tal frente com as direções, uma vez que é uma frente política? Havia que falar com traidores socialdemocratas, dirigindo às massas.

No caso dos países coloniais, as massas oprimidas que incluem o proletariado, geralmente, se mobilizam sob a direção de movimentos burgueses nacionalistas. Isso por que há uma resposta a ser dada, como no caso da Bolívia: tirar o país do atraso, no marco capitalista, contando com a ajuda do imperialismo, realizando, portanto, a revolução democrático-burguesa. Com a bandeira de independência nacional, os movimentos nacionalistas arrastam grande parte das massas. Como farão os bolcheviques, vanguarda revolucionária que empunha um programa intransigente, para

penetrar nas massas e avançar em sua evolução política? Devem aplicar a tática da frente única, baseada na formulação da frente única proletária, aprovada no Quarto Congresso da Internacional. Adotou-se, neste caso, o discurso do Lênin, no Segundo Congresso, sobre a tática de trabalhar com a nação oprimida, não apenas com o proletariado, mas com todas as massas oprimidas pelo imperialismo. Essa é a caracterização marxista de nação oprimida. E procurar libertar esta nação oprimida da nação opressora, que é o imperialismo. Essa unidade dirigida pelo proletariado, com um programa de libertação nacional, se materializa na frente única anti-imperialista.

É necessário fazer a crítica e a explicar, pacientemente, demonstrando aos operários, aos camponeses e aos oprimidos da classe média, que suas tradicionais direções políticas - os burgueses nacionalistas, como o MNR, por exemplo, ou o MIR, são serventes do imperialismo - não têm capacidade para concretizar a libertação nacional. É preciso mostrar, nos fatos, as traições e frustrações.

Os operários, sejam das metrópoles ou dos países atrasados, amadurecem por meio de sua própria experiência, das cicatrizes que as experiências com as traições de suas direções tradicionais e de seus governos vão deixando. Dessa forma, a vanguarda bolchevique, nas semicolônias e colônias, podem conquistar a direção das massas e da luta política. Mas qual é a condição para isso? O partido revolucionário tem de levantar o programa de resolução das tarefas democráticas, das tarefas nacionais do país oprimido. Não para mantê-las como tais, porque isso seria manter o capitalismo, manter a exploração da classe operária. Mas, sim, para transformá-las em socialistas. Daí a importância da ditadura do proletariado muito particular, uma vez que será uma ditadura proletária baseada nas organizações das massas em geral, dos órgãos de poder das massas. Um exemplo: se em Bolívia os comitês de defesa do direito ao trabalho, por salários e defesa da educação alcançassem um alto desenvolvimento, embora em menor quantidade em relação à população, poderiam se transformar ou teriam a possibilidade de se transformar em organismos de poder. Serão estes os organismos que irão estruturar o novo Estado. A Comuna de Paris nos trouxe o ensinamento. Marx, Engels e Lênin repetiram: a classe operária não toma o aparato do Estado apenas para fazê-lo funcionar a seu dispor. Destrói o aparato estatal burguês, para substituí-lo pelo Estado proletário, que é a ditadura do proletariado.

Ocorre que a Revolução Russa ficou isolada. Parecia que um dos grandes princípios do marxismo, a revolução internacional, que não é mais do que uma expressão política do caráter mundial da economia, teria fracassado. Em 1923, com a derrota da Revolução Alemã, de certa forma, favoreceu à estabilização do capitalismo. A reação internacional cresceu, bem como no interior da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A classe operária russa estava cansada - a classe operária também se cansa em meio aos grandes confrontos e às vezes recua -, o que abriu caminho a consignas reacionárias. Estava cansada após a longa guerra civil e a fome. As pressões capitalistas internas se potenciaram em consequência da Nova Economia Política, que possibilitou reanimar o comércio interno e fortalecer uma casta de camponeses ricos. Os camponeses pagavam uma parte com produtos e outra com os impostos, e com o excedente comercializavam livremente, enriquecendo assim uma de suas camadas. De um lado, a classe operária cansada; e de outro, os camponeses ricos queriam tranquilidade. É nessas condições que surgiu a teoria revisionista de Stalin: "o socialismo em um

só país". Essa fração já não se preocupava com a revolução internacional. Passou a defender a construção do socialismo dentro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, alegando que um país do tamanho de um continente tinha muitas riquezas, etc. Correspondia defender a URSS do inimigo de fora e nada mais.

O Estado soviético e o partido bolchevique começaram a se burocratizar e degenerar. A poderosa Terceira Internacional comunista acabou se tornando um simples instrumento da burocracia do Kremlin. Instrumento da diplomacia e da política contrarrevolucionária da burocracia. Que só deveria defender a integridade da URSS, e mais nada!

Começou aí a decadência da Internacional. O Quinto Congresso ocorreu em 1924. No entanto, nada mais foi do que um simples instrumento de Stalin para destruir os opositores que levantavam contra a monstruosidade revisionista do "socialismo em um só país".

Stalin, que oscilava entre a direita e a esquerda, começou, em 1927, a assumir posições esquerdizantes. Colidiu com Bukharin, que encarnava a direita, eliminando-o. Isso aconteceu no Sexto Congresso da Internacional. Além disso, esse foi o Congresso em que a burocracia estalinista passou a afirmar que o mundo já havia amadurecido suficientemente para que ocorresse a revolução por toda parte. Quando emergiu a crise mundial de 1929, dizia-se ser a última crise e que seria a sepultura do capitalismo mundial. Que a revolução não iria demorar. Apoiado no palavreado ultra esquerdista, o estalinismo desconsiderava as condições objetivas da luta de classes e a organização do proletariado para a tomada do poder. Na América Latina, lançou a palavra de ordem de governo operário e camponês. Mas não como expressão da ditadura proletária. Atribuía-se, assim, um conteúdo democrático burguês à consigna do governo operário e camponês. Ao mesmo tempo, o estalinismo acusa a socialdemocracia de socialfascismo, o que impediria estabelecer uma relação com as direções reformistas, para constituir uma frente única, desconhecendo a suas relações com as bases. Já não havia, assim, a possibilidade de constituir uma frente única. Diante da ameaça fascista, os partidos comunistas são orientados a aplicar a tática que ficou conhecida como "classe contra classe". Essa política concluiu em completo fracasso, quando da ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, em 1933. O Partido Comunista e a socialdemocracia, que poderiam marchar em uma frente única e golpear juntos o avanço fascista, abandonaram o campo de luta, sem batalha.

Derrocada da III Internacional e surgimento da IV Internacional

A Terceira Internacional havia caducado. Deixou de existir a possibilidade da Oposição de Esquerda Internacional transformá-la internamente em uma direção revolucionária. Apesar das perseguições, essa posição foi mantida até que a direção estalinista capitulou diante da ascensão de Hitler. A partir desse momento, a Oposição de Esquerda Internacional, liderada por Trotsky, se orientou ousadamente no sentido de estruturar a Quarta Internacional. Desencadeou-se um movimento pela unidade das tendências socialistas, marxistas, opositoras ao estalinismo. Mas, não teve êxito. As correntes centristas declararam-se inimigas da constituição da Quarta Internacional, quando já se despontava no horizonte a segunda guerra mundial. Trotsky desenvolveu a tese da transformação da guerra imperialista em guerra civil. Para isso, era imprescindível a presença da direção revolucionária. Em 1938, em um Congresso em Paris, foi fundada a Quarta Internacional.

Enquanto isso, a Terceira Internacional, no seu Sétimo Congresso, aprovava a tática da frente popular, que tinha por fundamento colaborar com a burguesia, dita democrática, no plano governamental. Trotsky, em sua crítica, afirmou que o fascismo e a frente popular eram os últimos recursos do imperialismo para impedir que a classe operária chegasse ao poder.

Quando a guerra se iniciou, a direção da Quarta Internacional se viu obrigada a se transferir para Nova York, onde passou praticamente a ter uma vida vegetativa, como se fosse um simples escritório de coordenação de correspondência. Por que não se transformou na direção política das massas? Por que Trotsky se enganou em seu prognóstico? Por um motivo muito simples. Lembremos que a Terceira Internacional foi destruída pelo Terceiro estalinista, pela burocracia. A Quarta Internacional edificou um programa mais elevado para o movimento internacional, o Programa de Transição, que superou a divisão entre o programa mínimo e o máximo, estabelecendo as reivindicações transitórias, que permitiriam às massas, lutando por suas necessidades diárias, orientarem-se para a tomada do poder. Elevava-se o desenvolvimento do marxismo ao ápice. A classe operária amadureceria nesta luta. No entanto, não houve tempo para constituir o Partido Mundial da Revolução Socialista, forjando os quadros no marco do programa. Não houve a possibilidade de penetrar o programa no movimento das massas. E por quê? Porque, se a revolução permanente - e, portanto, o Programa de Transição -, expressa as leis gerais da revolução em nossa época, época da decadência do capitalismo, época da revolução socialista mundial, devem se concretizar nas particularidades nacionais. Deve-se compreender como essas leis se manifestam em cada país e quais particularidades condicionam as revoluções. Há que se ter clara a mecânica particular das classes em cada país. Se não se constituir esse instrumento teórico que se manifesta, de maneira geral, na teoria da revolução de um determinado país, se não se estabelecer essa teoria, sintetizada no programa, é impossível que a vanguarda revolucionária possa penetrar no seio do proletariado. Não pode faltar esse instrumento teórico e programático para cumprir a tarefa de transformar a classe e, ao mesmo tempo, a vanguarda revolucionária se transformar, amadurecendo e se fortalecendo. Essa é a condição histórica para ganhar as massas e dirigi-las para a revolução. Eis a causa da frustração da Quarta Internacional.

Revisãoismo correu a IV Internacional

Em 1948, realizou-se o seu Segundo Congresso, mais organizativo. Verificou-se quais organizações ficaram de pé, depois da hecatombe da guerra, bem como a homogeneização no marco do Programa de Transição. Em 1951, emergiu no seio da Internacional uma corrente revisionista: o pablismo, dirigida pelo grego Michel Pablo. O que defendia? Que era possível realizar a revolução através dos partidos estalinistas, que ainda teriam um papel revolucionário a cumprir. E que, portanto, deveriam os bolcheviques trotskistas entrarem nos partidos comunistas para ganhar a direção das massas. Essa revisão foi catastrófica para a continuidade da IV Internacional.

Os trotskistas que entraram no Partido Comunista foram obrigados, mediante métodos policiais, a declararem que os trotskistas eram agentes do imperialismo e do fascismo. O Terceiro Congresso da IV Internacional aprovou essa linha e, logicamente, excluiu a oposição, dividiu a seção francesa e a expurgou, no ano de 1952. Em 1953, o Partido Socialista dos Trabalhadores (SWP) dos Esta-

dos Unidos, rompeu com o pablismo e, juntamente com ingleses e franceses, conseguiram estruturar o denominado Comitê Internacional (CI), que se auto proclamou herdeiro do trotskismo. Assim, a Internacional de Trotsky chegou ao fim. Em cada fração, sobretudo no pablismo, irão se dividir e subdividir, assumindo um caráter de seita, chegando a adotar posições extravagantes, a exemplo do pousadismo. O pablismo chegou a capitular diante do foquismo pequeno-burguês.

O que acontece com as Internacionais que se desmoronaram? Mudaram o seu conteúdo de classe. Deslocaram-se para o campo burguês. Passaram a defender os interesses da burguesia. Abandonaram a estratégia da revolução e ditadura proletárias.

Reconstruir a IV Internacional

Como colocaremos, agora, em pé a Internacional? Como salvar a humanidade da barbárie capitalista, que é o fascismo e a guerra mundial? Como acabar com a guerra mundial e com a crise econômica estrutural, como a que estamos enfrentando agora? A resposta é trabalhar para que o proletariado e a maioria oprimida encarnem a revolução. É preciso forjar seus instrumentos, partindo do Programa de Transição, que é um material inestimável. Os fundamentos e os ensinamentos deixados pela experiência das quatro Internacionais devem ser assimilados. Não se podem desperdiçar as aquisições que foram conquistadas na experiência da luta e na ação das massas. Somente o POR boliviano vem avançando nesse percurso. No Ceilão, houve um partido ligado às massas que se reivindicava do trotskismo, mas, de fato, não se constituiu em partido bolchevique, não foi ideologicamente trotskista, sucumbindo sob a pressão dos movimentos nacionais. É incontestável que na Bolívia pudemos provar em que medida a revolução permanente tem validade, para o programa da revolução proletária. Somente aqui se elaborou uma teoria da revolução em um país de economia atrasada e semicolonial. O POR elaborou um programa por meio do conhecimento do país, aplicando o método marxista. Apoiou-se na tarefa histórica de transformar a classe operária em classe consciente. É o que se comprova com as Teses de Pulacayo, de 1946. Somente o POR boliviano pôde dirigir as massas operárias no sentido da luta pelo poder. É o que testemunha a Assembleia Popular, constituída como um organismo de poder da classe operária. E, apenas na Bolívia, foi possível atualizar e provar, na luta diária, a validade ou não das teses trotskistas, das teses marxistas. Cabe, portanto, ao POR, com sua rica experiência e com seu rico material, pôr em pé o Partido Mundial da Revolução Socialista. E, nesta medida, o POR se fortalecerá como o único partido capaz de realizar, na Bolívia, a revolução social e instaurar a ditadura do proletariado, que será o governo dos bolivianos, o governo dos operários e dos camponeses! Obrigado!

[Aplausos]

Observação: Esse documento resultou de uma transcrição da palestra de Guillermo Lora. Tivemos dificuldades em entender com precisão a audição de determinados termos, esperamos ter resolvido. Devido à oralidade, procuramos dar clareza a certas passagens. Esperamos ter cumprido com exatidão esse objetivo. Por isso, também criamos intertítulos. Decidimos transcrever do áudio em espanhol para o português na forma escrita, como parte de nossa campanha dos 12 anos do falecimento de Lora.

Atilio de Castro